

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura
Especialização em Ensino de Ciências Sociais e Educação Básica

Valéria Moura Toledo

DIDATIZAR MICHEL FOUCAULT:

contexto, obras e métodos

Rio de Janeiro

2025



Valéria Moura Toledo

DIDATIZAR MICHEL FOUCAULT:

contexto, obras e métodos

Rio de Janeiro

2025

Valéria Moura Toledo

DIDATIZAR MICHEL FOUCAULT:

contexto, obras e métodos

Produto educacional da Especialização apresentado ao Programa de Especialização em Ciências Sociais e Educação Básica vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ciências Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Tatiana Bukowitz

Rio de Janeiro

2025

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

T649 Toledo, Valéria Moura
Didatizar Michel Foucault : contexto, obras e métodos / Valéria Moura
Toledo. – Rio de Janeiro, 2025.

95, [11] p.

Produto educacional apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso
(Especialização em Ensino de Ciências Sociais e Educação Básica) – Colégio
Pedro II. Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Tatiana Bukowitz.

1. Ciências Sociais - Estudo e ensino. 2. Sociologia (Ensino médio)
Estudo e ensino. 3. Filosofia (Ensino médio) - Estudo e ensino. 4. Foucault,
Michel, 1926-1984. 5. Didática. I. Bukowitz, Tatiana. II. Colégio Pedro II.
III. Título.

CDD 300

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 – 5692.

Valéria Moura Toledo

DIDATIZAR MICHEL FOUCAULT:

contexto, obras e métodos

Produto educacional apresentado ao Programa de Especialização em Ciências Sociais e Educação Básica vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ciências Sociais.

Aprovado em: 31/03/2025.

Banca Examinadora:

Dra. Tatiana Bukowitz - ECSEB / CPII

Dr. Carlos Eduardo Oliva de Carvalho Rêgo - ECSEB / CPII

Dra. Viviane Bagiotto Botton DFI / CPII

Ma. Raquel Simas - ECSEB / CPII

Me. Carlos Bezerra Cavalcante Neto - DFI / CPII

Dra. Ingrid de Faria Gomes – PPGE/PUC-Rio

Rio de Janeiro
2025

RESUMO

Este trabalho apresenta o processo de elaboração de um material didático, no formato de roteiro de estudo, sobre o filósofo e historiador das ideias Michel Foucault. O produto educacional é direcionado a estudantes do Ensino Médio, podendo abranger as modalidades regular e, também, Educação de Jovens e Adultos (EJA), devendo cada docente manejar tais conteúdos de forma adequada a cada turma. O material aborda aspectos da vida, da obra e dos métodos de análise utilizados por esse pesquisador, tendo como objetivo introduzir estudantes ao seu pensamento, fornecendo ferramentas teóricas e metodológicas para uma leitura crítica da realidade social e sua transformação. A produção do roteiro de estudo foi motivado pelas aulas da disciplina “Os clássicos da Sociologia em diálogo com a contemporaneidade”, ministrada pela Professora Dra. Tatiana Bukowitz no curso de Especialização em Ciências Sociais e Educação Básica do Colégio Pedro II no 2º semestre de 2024. O processo de didatização envolveu a adaptação de conteúdos complexos para uma linguagem acessível, visando promover a reflexão e a aplicação dos conceitos foucaultianos em contextos reais. O roteiro de estudo foi estruturado em capítulos que exploram: o contexto histórico e intelectual de Michel Foucault; suas principais obras; os métodos, tais como a arqueologia e a genealogia; alguns temas centrais de sua obra, como poder, controle social e produção do conhecimento. O trabalho destaca a importância da didatização no ensino de Sociologia escolar, buscando contribuir para a autonomização pedagógica docente e a emancipação intelectual dos educandos. Além disso, buscamos demonstrar a relevância das ideias de Foucault para a compreensão de fenômenos sociais da atualidade.

Palavras-chave: didatização; ensino de Sociologia; ensino de Filosofia; Michel Foucault; educação básica.

ABSTRACT

This paper presents the development process of an educational material in the form of a study guide on the philosopher and historian of ideas Michel Foucault. The educational product is designed for high school students, encompassing both regular and Youth and Adult Education (YAE) programs, with each teacher expected to adapt the content appropriately for their respective classes. The material addresses aspects of Foucault's life, works, and analytical methods, aiming to introduce students to his thought while providing theoretical and methodological tools for a critical reading of social reality and its transformation. The study guide was inspired by the lessons from the course "Classics of Sociology in Dialogue with Contemporary Issues," taught by Professor Dr. Tatiana Bukowitz in the Specialization Program in Social Sciences and Basic Education at Colégio Pedro II during the second semester of 2024. The didacticization process involved adapting complex content into accessible language, seeking to foster reflection and the application of Foucauldian concepts in real-world contexts. The study guide is structured into chapters exploring: Michel Foucault's historical and intellectual context; his major works; his methods, such as archaeology and genealogy; and some central themes in his work, including power, social control, and knowledge production. This work emphasizes the importance of didacticization in teaching Sociology at the school level, aiming to contribute to teachers' pedagogical autonomy and students' intellectual emancipation. Furthermore, we seek to demonstrate the relevance of Foucault's ideas for understanding contemporary social phenomena.

Keywords: didacticization; Sociology education; Philosophy education; Michel Foucault; basic education.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

EJA – Ensino de Jovens e Adultos

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

Sumário

APRESENTAÇÃO: ENTRE LINHAS DE COSTURA E LINHAS DE PENSAMENTO	9
INTRODUÇÃO	11
1. A DIDATIZAÇÃO COMO PARTE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	14
2. METODOLOGIA: ETAPAS DO PROCESSO DE SISTEMATIZAÇÃO DIDÁTICA.....	20
2.1 Síntese individual docente.....	21
2.2 Didatização para estudantes	23
3. DESENVOLVIMENTO - MICHEL FOUCAULT: CONTEXTO, OBRA E MÉTODOS	25
3.1 Um filósofo por trás da “história das coisas”: Foucault e a sua vontade de saber	25
3.2 Afinal de contas, saber é poder?.....	26
3.3 Da “nau dos loucos” ao “trem de doido”: uma terrível viagem pela história da loucura.....	27
3.4 Corpos dóceis e espíritos aprisionados.....	28
CONCLUSÃO	29
REFERÊNCIAS	30
APÊNDICE A:	33
1º ETAPA DE DIDATIZAÇÃO – SÍNTESE DE CONTEÚDOS SIGNIFICATIVOS.....	33
A.1 - Síntese de conteúdos significativos: introdução e primeira lição sobre Foucault.....	34
A.2 - Síntese de conteúdos significativos: segunda, terceira e quarta lição sobre Foucault	38
A.3 - Síntese de conteúdos significativos: oitava e décima lição sobre Foucault	44
APÊNDICE B:	49
2º ETAPA DE DIDATIZAÇÃO – TEXTO DIDATIZADO PARA ESTUDANTES	49
ANEXO A	8
EMENTA DO CURSO “OS CLÁSSICOS DA SOCIOLOGIA EM DIÁLOGO COM A CONTEMPORANEIDADE”	8

APRESENTAÇÃO: ENTRE LINHAS DE COSTURA E LINHAS DE PENSAMENTO

Esse trabalho, assim como a realização do Curso de Especialização em Ensino de Ciências Sociais e Educação Básica, acabou sendo uma forma de voltar às origens: lembrar como foi despertado em mim a curiosidade pelas Ciências Sociais e o desejo em me tornar professora. Esse desejo, assim como a forma como a vida se realiza, não surgiu do nada. Provém de um contexto complexo e multifacetado.

Nasci em Nova Friburgo, região serrana do Estado do Rio de Janeiro. Da minha infância até o início da faculdade, morei em Lumiar. Um distrito pequeno, localizado na zona rural da cidade, onde prevaleciam, ao menos na minha infância e adolescência, as lavouras e as confecções de moda íntima como principal fonte de renda dos moradores da região. E esse caminho seguiu a minha família: meus pais, lavradores meeiros e eu, costureira. Ao menos por uns três anos da minha vida.

Cresci em um ambiente evangélico marcadamente patriarcal, onde os homens determinavam constantemente as normas de conduta. Às mulheres restava pouco espaço de fala, exceto quando suas vozes serviam aos cuidados domésticos - da casa, das crianças, dos maridos. Enquanto zelavam pelos outros, frequentemente negligenciam a si mesmas.

Durante o Ensino Médio, minha rotina dividia-se em três atividades principais: escola, trabalho e culto (a frequência deste último era, em média, três vezes por semana). Assim eu assimilava conhecimentos de manhã, os processava mentalmente enquanto costurava à tarde e, à noite, os revisitava sob a ótica das pregações do pastor. Era um ciclo paradoxal que me remetia ao mito de Penélope — aquela que, pressionada a se casar novamente durante a ausência de Ulisses, prometeu escolher um pretendente apenas após terminar o sudário de Laertes. Astutamente, tecia durante o dia e desfazia o trabalho à noite, repetindo esse processo dia após dia para manter sua autonomia.

A igreja e a escola foram duas instituições fortemente presentes em minha formação, embora nem sempre fosse fácil conciliar suas narrativas divergentes. Na igreja, me divertia com as histórias bíblicas e as jornadas de seus personagens - interesse que contrastava com a forma dogmática como os pastores as interpretavam. Na escola, ao contrário, o questionamento era incentivado, e eu, Valéria criança/adolescente, era cheia de perguntas. Se a primeira instituição me ensinava a aceitar e agradecer, a segunda me incentivava a questionar e transformar, tanto que, por isso, por algum momento em casa ouvi falar sobre a possibilidade de me tirarem da escola, uma vez que esta estaria “desvirtuando os meus valores”.

A escola - querendo ou não, e "graças a Deus" - foi o espaço que me forneceu as ferramentas críticas para pensar e expandir meus horizontes. Veja bem: vim de uma família humilde, de pais analfabetos que mal conseguiam assinar o próprio nome, cujo mundo se limitava ao quintal de casa e às imediações da igreja. Ter acesso à Literatura, História, Geografia, Filosofia e outras disciplinas foi essencial - não apenas para vislumbrar vida além daquela realidade, mas sobretudo para aprender a ler minha própria existência e construir futuros possíveis que transcendessem meus limites iniciais.

Esse exercício constante, sentido na pele, me levou a estudar Ciências Sociais, seguir a carreira acadêmica e me especializar cada vez mais para estar em sala de aula como professora e pesquisadora — ainda que um novo tipo de angústia esteja presente agora: a dificuldade de ingressar no mercado de trabalho. Mas isso é história para outro momento.

Revisitando minha trajetória à luz das reflexões de Michel Foucault, filósofo ao qual me detenho neste trabalho, percebo que minha história é marcada por disputas entre discursos e normas que tentaram, ao longo do tempo, definir quem eu deveria ser. Cresci sob o peso de um discurso religioso normativo, que me ensinava a aceitar, agradecer e me moldar às expectativas alheias — sobretudo as impostas às mulheres. Ali, o saber vinha da autoridade pastoral e se apresentava como verdade inquestionável.

A escola, por sua vez, se apresentou como um campo de outro tipo de poder: o do discurso crítico, questionador, que me permitia olhar para mim mesma com outros olhos. Foi nesse espaço que comecei a compreender que as verdades que me foram ensinadas não eram únicas ou eternas — eram construções. E se foram construídas, também podiam ser reconstruídas. Assim, a escola me ensinou a ver que há múltiplas formas de viver, pensar e existir — e que o sujeito não é dado, mas produzido a partir das relações que estabelece com os saberes e as instituições. Se a igreja tentou me ensinar a ser a mulher ideal segundo uma norma divina, a escola me mostrou que nenhuma norma é neutra, e que todo discurso carrega consigo interesses e efeitos de poder. Foi nesse entremeio — entre sermões, Literatura, Artes e Sociologia, entre linhas de costura e linhas de pensamento — que fui me fazendo sujeito. Um sujeito que aprende, ensina e, sobretudo, questiona.

Hoje, mais do que ensinar conteúdos, reconheço o papel do professor como alguém com potencial para criar fissuras nos discursos dominantes — para que outros possam desestabilizar as verdades herdadas e encontrar novos modos de ser no mundo.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar um material didático, do gênero textual, elaborado em formato de roteiro de estudo, que aborda o pensamento do filósofo e historiador das ideias francês Paul Michel Foucault. O material foi produzido com o intuito de introduzir os estudantes à obra e às reflexões desse pesquisador, podendo ser utilizado nas três séries do Ensino Médio da modalidade regular, bem como na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Cabe a docentes adaptar o conteúdo que está sendo compartilhado de acordo com as necessidades específicas de cada turma, considerando o perfil de suas turmas.

Além disso, é fundamental que, ao utilizar esse recurso, desdobramentos e estratégias de acessibilidade sejam planejados para atender a pessoas com deficiência, garantindo que ele seja inclusivo e acessível. A educação inclusiva é um princípio que deve ser observado em todas as etapas e processos educacionais, desde a educação básica até o ensino superior, conforme estabelecido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996 (Lei nº 9.394).

O desejo em produzir um material didático como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Especialização em Ciências Sociais e Educação Básica, pelo Colégio Pedro II, surgiu nas aulas realizadas pela professora Tatiana Bukowitz – minha querida orientadora que aceitou fazer parte dessa empreitada –, na disciplina chamada “Os clássicos da Sociologia em diálogo com a contemporaneidade”, realizada no 2º semestre de 2024. Trata-se de uma disciplina cujo objetivo é exercitar a didatização original e autoral de abordagens clássicas da Sociologia e, a partir delas, desenvolver estratégias de avaliação que articulem essas teorias com os fenômenos sociais contemporâneos. A proposta em si é fascinante e exigente: transformar em algo palatável o conhecimento que, por vezes, chega até nós como algo complexo, abstrato e distante.

Em cada aula ministrada no curso, a professora Tatiana levava um material produzido por ela mesma, que utilizava com seus alunos do ensino básico do Colégio Pedro II, para nos mostrar: textos introdutórios, explicativos, resumos de conceitos. Todos apresentavam, além de uma linguagem acessível, imagens, trechos de entrevistas, poemas, isto é, tipos textuais diversificados para convidar os alunos a mergulharem naquilo que ela desejava mostrar. Além disso, as atividades propostas tinham como objetivo incentivar os alunos a materializarem, a partir de suas vivências e experiências, os conceitos teóricos discutidos em sala de aula. Não posso deixar de mencionar o retorno: ela sempre destacava a satisfação que sentia com grande parte das respostas dos alunos, suas reflexões, a forma como exercitavam a criatividade para realizar determinadas atividades e, em alguns momentos, como iam além da proposta inicial.

Desde então, muitos aspectos desse curso me instigaram. Não posso deixar de mencionar a primeira aula que tivemos: ela escreveu no quadro os nomes de cinco autores clássicos da Sociologia e perguntou o que sabíamos sobre eles. Mais do que conhecer detalhes sobre suas vidas ou obras, ela queria saber como enxergávamos as ideias que eles propuseram aplicadas no nosso dia-dia, refletidas em nossa realidade. Aquela pergunta simples, que deveria ser uma prática cotidiana na vida de quem estuda Ciências Sociais e Humanas, ganhou outro peso naquele momento. Depois que eu e meus colegas da especialização respondemos à pergunta, inspirada pelas ideias de bell hooks (2020), que entendia a educação como uma prática de e para a liberdade, ela disse: "Para dar aula, a gente precisa *sentir*." Essa afirmação me tocou profundamente, e assisti ao curso com entusiasmo, do início ao fim.

Dessa forma, foi assim que cheguei ao tema da didatização e propus elaborar, além de um material didático sobre Michel Foucault, uma síntese do passo a passo desse processo, que não é apenas técnico, mas também orgânico e, por isso, exige esforços como pesquisa, sistematização, criatividade e considerável tempo e elaboração subjetiva. Compreende-se que o trabalho do professor é corrido e que, muitas vezes, ele necessita produzir materiais didáticos de forma rápida, sem perder a qualidade e o rigor necessários para o aprendizado dos estudantes. Diante dessa realidade, a proposta de um roteiro claro e estruturado visa facilitar a tarefa do docente, oferecendo um caminho prático e eficiente para a criação de recursos pedagógicos que sejam acessíveis, engajadores e alinhados às necessidades dos alunos. A didatização, portanto, não é apenas um processo de transformação de conteúdo, mas também uma ferramenta de apoio ao professor, que pode adaptar e replicar o método em diferentes contextos, otimizando seu tempo e potencializando o impacto do ensino.

A didatização de conteúdo para o ensino básico é fundamental por vários motivos, uma vez que esse processo envolve a adaptação de conhecimentos complexos ou abstratos, tornando-os mais acessíveis e significativos para os alunos. É importante destacar que, nesse segmento, os estudantes estão em fase de desenvolvimento cognitivo e, muitas vezes, ainda não possuem maturidade ou base teórica suficiente para compreender conceitos complexos, que, na maioria dos casos, estão sendo vistos pela primeira vez. Isso é especialmente relevante no caso da Sociologia e Filosofia, disciplinas que, na rede pública de alguns estados do Brasil, como o Rio de Janeiro, só são ofertadas no Ensino Médio. Diante desse cenário, a didatização surge como uma ferramenta essencial, pois simplifica e organiza o conteúdo, tornando-o mais claro e adequado às singularidades dos estudantes.

Além disso, a produção de material original e autoral permite que o conteúdo seja elaborado de forma direcionada às turmas ou alunos, de acordo com suas necessidades e ritmos de aprendizagem. Essa adequação influencia não apenas a apreensão das teorias e conceitos, mas também o desenvolvimento de um senso crítico para analisar a realidade social, contribuindo para a autonomização pedagógica docente e a emancipação intelectual dos educandos. Esse processo pode ser entendido como a construção de uma prática educativa dialógica e libertadora que, à luz de Freire (2019) e hooks (2020), é vista como um ato político, cujo objetivo é promover a conscientização, capacitando os sujeitos envolvidos nos processos educacionais a reconhecer e transformar as estruturas opressoras da sociedade.

Diante disso, a didatização da produção intelectual de Michel Foucault para o Ensino Médio justifica-se pela relevância e atualidade de suas obras para a compreensão das relações sociais, do poder, das instituições e dos processos históricos que moldam a sociedade. O interesse por esse autor surgiu após folhear alguns livros didáticos de Sociologia e Filosofia e perceber que ele é raramente abordado, o que me pareceu um equívoco, uma vez que Foucault oferece ferramentas para trabalhar diversos temas, como gênero, sexualidade, biopolítica, prisões e loucura. Mais do que isso, ele utiliza esses temas como pano de fundo para analisar como discursos, dispositivos e mecanismos de controle atuam sobre a sociedade, produzindo saber, poder e subjetividade. Essa maleabilidade permite a apropriação de seus conceitos e teorias para estudar diversos temas.

Outro aspecto importante foi perceber que ele não aparece em conteúdos que abordam, por exemplo, a produção do conhecimento científico, tema extremamente caro às Ciências Sociais, uma vez que, por ser uma ciência humana feita por e para humanos, envolve diversos paradigmas, tensões e disputas. Foucault, a partir de seu método arqueológico e genealógico, foi fundamental para o nosso campo ao propor uma análise da história dos conceitos e das ideias, questionando por que as coisas são do jeito que são, e não de outro, em dado momento histórico.

Para desenvolver melhor ambas as discussões, este trabalho está organizado em três capítulos. No primeiro, apresento uma breve menção à fundamentação teórica que sustenta esta pesquisa, abordando tanto os processos de didatização no campo das Ciências Sociais para o Ensino Básico quanto a escolha temática na elaboração do recurso didático, centrada em Michel Foucault. No segundo, descrevo as etapas seguidas no momento de elaboração do produto educacional, indicando os procedimentos, instrumentos e recursos empregados. No terceiro, descrevo com detalhes a estrutura do material didático criado.

1. A DIDATIZAÇÃO COMO PARTE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Alguns pesquisadores têm se dedicado a estudar os processos de didatização de conteúdos teóricos da Sociologia para a escola básica, como evidenciado nos trabalhos de Meucci (2001, 2007, 2013, 2020), Handfas (2016) e Bodart (2016, 2018, 2021). No entanto, esses estudos possuem um caráter mais teórico e investigativo do que propriamente técnico, ou seja, não se concentram em descrever ou compartilhar as etapas e metodologias envolvidas na produção de materiais didáticos. Esses autores destacam que se trata de um procedimento complexo, que envolve a adaptação de conceitos e teorias sociológicas, originalmente elaborados para o âmbito acadêmico, em um formato acessível e adequado ao público escolar, e mencionam que este processo pode ser identificado, por exemplo, nos livros didáticos.

Simone Meucci (2013) analisa a produção e distribuição do livro didático de Sociologia de maneira crítica e contextualizada, destacando como esses processos estão inseridos em dinâmicas históricas, políticas e sociais mais amplas. A pesquisadora ressalta que a produção de livros didáticos de Sociologia está diretamente ligada ao processo de institucionalização da disciplina no ensino básico, marcado por intermitências (entrada e saída da Sociologia do currículo escolar), o que, por muito tempo, impactou a demanda e a qualidade dos materiais produzidos.

Em períodos de maior estabilidade da Sociologia no currículo, como após a Lei nº 11.684/2008, que tornou a disciplina obrigatória no Ensino Médio, houve um aumento na produção e na diversificação dos livros didáticos. Contudo, a ausência da disciplina nos anos anteriores à obrigatoriedade impediu a formação de um acervo robusto e diversificado desses materiais, limitando as opções disponíveis para professores e estudantes. Por isso, Meucci (2013) defende a importância de políticas públicas que garantam a permanência da Sociologia no currículo escolar, o que, por sua vez, incentivaria a produção de livros didáticos de melhor qualidade e mais alinhados com as necessidades educacionais. Outro aspecto importante que ela cita é o fato da produção de livros didáticos ser diretamente influenciada por grandes conglomerados editoriais, como o grupo Santillana, que controla editoras como a Moderna. Esses grupos têm um papel central na definição dos conteúdos e na distribuição dos materiais.

Handfas (2016) destaca que os livros didáticos são ferramentas fundamentais para o ensino de Sociologia, especialmente em contextos em que a formação dos professores pode ser insuficiente. Esses materiais servem como um guia para os docentes, auxiliando no planejamento das aulas, e como uma fonte de conhecimento para os alunos, oferecendo acesso

a conceitos e debates sociológicos. No entanto, a autora chama a atenção para os desafios envolvidos na produção e no uso desses livros.

No que diz respeito ao processo de produção, a pesquisadora critica a forma como os conteúdos para esses livros são escolhidos e trabalhados, muitas vezes sem considerar as realidades locais e as necessidades específicas dos estudantes. Além disso, é frequente a apresentação do conteúdo de forma fragmentada e descontextualizada, o que dificulta a construção de uma visão mais ampla e integrada da Sociologia. Ela aponta que a produção desses materiais é fortemente influenciada por políticas públicas, como o Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), e por interesses comerciais das editoras, o que pode resultar em conteúdos padronizados e pouco adaptados às diversidades regionais e sociais, corroborando com o que foi descrito por Meucci (2013). Outro ponto levantado pela educadora é a simplificação excessiva dos conceitos sociológicos. Essa abordagem, embora possa facilitar a compreensão inicial, tende a limitar o desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos.

Para superar esses desafios, a autora defende uma maior participação dos professores na seleção e adaptação dos materiais didáticos. Segundo ela, os docentes, por estarem em contato direto com os estudantes, são capazes de identificar as necessidades específicas de suas turmas e adaptar os conteúdos de forma mais eficaz. Essa participação ativa dos professores poderia contribuir para um ensino mais contextualizado e significativo.

A pesquisadora reconhece que, apesar das limitações, os livros didáticos têm um papel importante no ensino de sociologia. Contudo, ela alerta para a necessidade de melhorias em sua elaboração e uso, de modo a promover um ensino mais crítico e reflexivo. Para isso, é essencial que haja um equilíbrio entre as diretrizes das políticas públicas, os interesses comerciais e as demandas reais das salas de aula, garantindo que os livros didáticos sejam, de fato, ferramentas eficazes para a aprendizagem da sociologia.

Em pesquisa publicada por Bodart (2017), realizada em escolas da rede pública do Estado de Alagoas, evidencia-se a dificuldade dos professores em adaptar os conteúdos clássicos da Sociologia para o Ensino Básico, especialmente entre aqueles que não possuem formação específica na área — uma realidade recorrente no contexto educacional brasileiro. Segundo o estudo, os docentes relatam insegurança ao relacionar as contribuições de teóricos como Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber com os fenômenos sociais contemporâneos. Além disso, o autor destaca a escassez de recursos didáticos adequados para trabalhar esses conteúdos, problema diretamente ligado a deficiências na formação inicial e continuada, às condições de trabalho precárias e ao contexto mais amplo em que a disciplina está inserida.

Já em análise anterior, Bodart (2016) identificou outros desafios que impactam a qualidade do ensino de Sociologia. Um deles é a grande carga horária semanal, além disso o elevado número de turmas, que dificulta o planejamento pedagógico e leva muitos docentes a depender quase exclusivamente do livro didático como principal recurso. Embora esse material seja reconhecido como uma ferramenta essencial, sua falta é uma reclamação frequente entre os professores, mesmo sendo amplamente utilizado para a seleção de conteúdo.

A carga de trabalho extenuante exige que os docentes lidem com diferentes culturas organizacionais, enfrentem longos deslocamentos e elaborem múltiplos planos de aula, o que compromete a qualidade do ensino e a qualidade de vida/saúde docente. Conforme apontado por Bodart (2016), essa realidade não só sobrecarrega os professores, mas também dificulta o desenvolvimento de aulas mais atrativas e a consolidação de uma identidade docente sólida. Desta forma, uma jornada de trabalho menos extensa seria crucial para permitir um planejamento mais consistente, especialmente em uma disciplina que carece de diretrizes claras sobre conteúdos mínimos, materiais pedagógicos diversificados e métodos de ensino consolidados.

Considerando os diversos contextos e realidades, didatizar as contribuições de Michel Foucault para o Ensino Médio e compartilhar esse processo representou uma tentativa de facilitar a aproximação entre o teórico, os professores e os estudantes. Nesse sentido, parto da ideia de “compartilhamento” proposta por Nego Bispo (2022) em seu livro *A terra dá, a terra quer*, para pensar o conhecimento não como uma mercadoria a ser trocada de forma obrigatória, mas como algo orgânico, que flui naturalmente e se fortalece nas relações entre as pessoas. Nessa perspectiva, o conhecimento não é entendido como propriedade individual, mas como um bem comum, que cresce e se transforma quando compartilhado.

Partindo do entendimento que a educação deve ser um processo orgânico, voltado para a autonomização dos sujeitos e para a transformação social, o processo de didatização aqui apresentado visa contribuir na construção de caminhos possíveis para uma prática pedagógica que conteste o caráter de controle e normalização exercido pela escola sobre a sua comunidade, especialmente sobre professores e alunos, como abordado por Foucault em *Vigiar e punir: nascimento da prisão* (2014). Segundo o teórico, a escola tem como objetivo produzir corpos dóceis, ou seja: garantir que todos se comportem de acordo com padrões estabelecidos através de processos de subjetivação que são operados por meio de mecanismos como a arquitetura, regras, avaliações, classificações e punições.

Esse desejo se expressa no esforço de trazer a teoria como ferramenta para que estudantes compreendam melhor a sua realidade, de modo que, a partir da qualificação desses sujeitos sobre os temas apresentados, seja possível o reconhecimento de si como seres viventes, atravessados por questões sociais variadas e capazes de contestar, desafiar e, quando possível, transformar a sua realidade. Em seu livro *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*, bell hooks (2020) destaca a importância da teoria quando esta é mobilizada como um instrumento para a prática da liberdade. Para a autora, a teoria não deve ser um fim em si mesma, mas uma ferramenta que possibilite a reflexão crítica e a transformação social. Nessa perspectiva, o conhecimento teórico ganha sentido quando é conectado à realidade concreta dos indivíduos, inspirando ações que promovam autonomia, justiça e emancipação.

No contexto atual, a Sociologia na escola básica enfrenta desafios significativos, especialmente após as alterações promovidas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018) e as mudanças na legislação educacional do país, como a Reforma do Ensino Médio (Brasil, 2017). Apesar de sua importância para a formação crítica dos estudantes, a disciplina tem sido alvo de tensões e disputas, com questionamentos sobre sua permanência no currículo escolar - um monstro que vive sempre à espreita. Essa situação reflete um cenário mais amplo de desvalorização das ciências humanas e de pressões por um ensino voltado exclusivamente para atender a demandas do mercado, em detrimento de uma educação que promova a reflexão e a transformação social.

A escola básica pública, em seus propósitos gerais, carrega a missão de ser um espaço democrático, onde a diversidade de pensamentos e experiências seja valorizada (Saviani, 2003; Freire, 1996). No entanto, essa democratização esbarra em estruturas de poder e controle que permeiam o ambiente escolar. Nesse sentido, as contribuições de Michel Foucault (2014) são fundamentais para compreender as dinâmicas que operam para alcançar esse objetivo. Foucault, em suas lutas no contexto francês, estudou como a escola reproduz mecanismos de dominação e normalização, mas também destacou a possibilidade de resistência e transformação. Para ele, a democratização da escola não se limita à inclusão formal de todos, mas exige a desconstrução das hierarquias e práticas que perpetuam a desigualdade. Sua crítica ao caráter disciplinar da educação nos convida a repensar o papel da escola como um espaço de liberdade e autonomia, onde os estudantes possam se reconhecer como sujeitos capazes de intervir na realidade.

De encontro a isso, didatizar aspectos do trabalho de Michel Foucault é também uma forma de contribuir com o campo da Sociologia e Filosofia no Ensino Básico, uma vez que

facilita abordagens interdisciplinares, integrando a Sociologia com História, Filosofia e outras áreas, atualizando o currículo, tornando-o mais dinâmico e capaz de reagir e de problematizar as demandas do século XXI (que são as demandas do mercado).

Embora Foucault seja considerado por muitos um dos teóricos mais influentes do século XX, com contribuições fundamentais para a compreensão da sociedade Moderna, sua presença nos livros didáticos de Sociologia e Filosofia destinados ao Ensino Básico é ainda bastante limitada, quando não inexistente. Ao investigar em sites e repositórios acadêmicos o porquê de isso ocorrer, não encontrei trabalhos que se aprofundassem nessa questão. No entanto, refleti sobre algumas hipóteses. Dentre elas, a complexidade teórica de suas ideias, que são densas e abstratas, dificultando a sua adaptação para o público do ensino básico. Por isso, muitos autores de livros didáticos optam por teóricos com conceitos mais acessíveis ou já consolidados no currículo escolar. Além disso, nas Ciências Sociais, há um foco em autores clássicos, como Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber, vistos como "fundadores" da disciplina. Foucault, por ser um autor mais contemporâneo e associado à pós-modernidade, acaba não tendo a mesma centralidade

Outro fator relevante é a falta de formação dos professores. Muitos docentes de Sociologia e Filosofia tiveram nenhum ou pouco contato qualificado com as obras de Foucault durante sua formação, como é o meu caso, o que limita a capacidade de trabalhar suas ideias em sala de aula. Essa realidade se reflete na escolha e no uso, também limitado, dos recursos e livros didáticos disponibilizados a docentes para atender as necessidades de elaboração das aulas. Podemos cogitar também a existência de uma resistência institucional, já que as ideias de Foucault questionam as estruturas de poder e as instituições educacionais, *per se*, incluindo a própria escola. Isso pode levar gestores educacionais e autores de livros didáticos a evitarem temas considerados "polêmicos".

Por fim, a priorização de conteúdos pragmáticos em um contexto de pressão por resultados em avaliações externas, como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)¹, faz com que os livros didáticos tendam a focar em conteúdos mais "práticos" e alinhados às matrizes curriculares. Teóricos como Foucault, cuja abordagem é mais crítica e reflexiva, acabam sendo deixados de lado, por mais que sejam importantes para realizar uma boa argumentação sobre determinados temas nas redações. Esses fatores combinados podem ajudar

¹ Vale realizar um levantamento sobre como o pensamento de Foucault aparece em questões de vestibulares no Brasil. Isso pode resultar em um novo tópico de pesquisa, que em outra oportunidade realizarei.

a explicar sua ausência nos livros didáticos, apesar da relevância de suas contribuições para a compreensão de temas cada vez mais urgentes e atuais.

2. METODOLOGIA: ETAPAS DO PROCESSO DE SISTEMATIZAÇÃO DIDÁTICA

O processo de elaboração do roteiro de estudo intitulado “*Michel Foucault: contexto, obra e métodos*” teve início a partir das orientações fornecidas pela professora Tatiana Bukowitz na disciplina intitulada “*Os clássicos da Sociologia em diálogo com a contemporaneidade*”, ministrada no segundo semestre de 2024, no âmbito da Especialização em Ciências Sociais e Educação Básica do Colégio Pedro II. Dessa forma, este trabalho é resultado tanto das anotações realizadas durante as aulas, quanto do estudo detalhado da ementa do curso, que continha diretrizes gerais para a elaboração dos trabalhos individuais de síntese e didatização, os quais deveriam ser entregues ao final da disciplina. Além disso, o roteiro de estudo foi enriquecido pelas discussões e reflexões promovidas durante o processo de orientação.

É importante destacar que a professora Tatiana Bukowitz adota a perspectiva de bell hooks (2020) para refletir, idealizar e desempenhar seu papel como educadora, incorporando a ideia de que a educação deve ser uma prática voltada para a liberdade e de que a sala de aula deve ser um espaço de entusiasmo, nunca de tédio. Sobre isso, hooks (2020) nos orienta: se o tédio predominar, é necessário adotar estratégias pedagógicas que transformem a atmosfera da aula. Estimular o entusiasmo é um ato transgressor, o que exige práticas didáticas flexíveis, capazes de se adaptar às necessidades individuais dos alunos e às mudanças espontâneas. Por isso, reconhecer a presença e a influência de cada pessoa na dinâmica da aula é essencial. Essa ideia não apenas orienta a ementa elaborada pela professora Bukowitz (presente no ANEXO A), compartilhada conosco durante o curso e utilizado com base para esse trabalho, mas também me inspirou a criar meu próprio material didático. Compreendo que essa prática deve ser constantemente exercitada e aprimorada, uma vez que não é um trabalho tão simples.

A partir de Bukowitz (2024), o material didático criado teve como intuito alcançar os seguintes objetivos gerais:

- **Exercitar a didatização original e autoral de abordagens clássicas da Sociologia**, no caso, a obra de Michel Foucault;
- **Criar estratégias de avaliação que articulassem teoria sociológica com fenômenos sociais contemporâneos**, a partir de uma perspectiva decolonial, ou seja, voltada para a problematização das estruturas hegemônicas e para transformação social;
- **Utilizar recursos didáticos complementares relacionados ao tema escolhido**, empregando-os como ferramentas de sensibilização, abordagem, compreensão e

aprofundamento da aprendizagem. Entre esses recursos, incluem-se reportagens jornalísticas, imagens, entrevistas, episódios de podcasts, vídeos, entre outros.

Assim como os seguintes objetivos específicos:

- **Reconhecer conceitos, métodos e teorias sociológicas como ferramentas úteis** para a análise de fenômenos sociais contemporâneos, a qualificação da subjetividade individual e a autonomização dos sujeitos envolvidos nos processos de ensino-aprendizagem;
- **Relacionar o surgimento de conceitos, métodos, temas e teorias sociológicas** ao contexto sociopolítico, cultural e histórico em que foram produzidos, bem como à trajetória biográfica dos respectivos autores e pesquisadores;

A partir das orientações fornecidas pela professora Tatiana Bukowitz, tanto em aulas quanto em orientações e na ementa utilizada no curso, e a escolha do tema, o processo de didatização foi dividido em duas etapas: **síntese individual docente** e **didatização para estudantes**, as quais serão descritas a seguir.

2.1 Síntese individual docente

Essa etapa consiste em realizar a síntese de conteúdos considerados significativos para o/a docente, enquanto pessoa que também necessita de refinar sua subjetividade. Realizei isso organizando conteúdos que apresento no APÊNDICE A. No momento posterior, chamado de segunda etapa de didatização, vide APÊNDICE B, é elaborado o material didático para estudantes.

Na produção do meu roteiro de estudo (1º etapa de didatização), optei por abordar aspectos da vida, obra e métodos de Michel Foucault. Diante da extensão e complexidade de sua produção, utilizei como base o livro *10 Lições sobre Foucault*, de André Constantino Yazbek, publicado em 2021, como pode ser visto no APÊNDICE A. Essa obra oferece uma introdução ao pensamento de Foucault, com foco nos métodos arqueológico e genealógico, apresentando de forma acessível ao público não especializado alguns dos problemas abordados por esta perspectiva e os conceitos que ela emprega, sem perder o rigor necessário às investigações foucaultianas. A coleção da qual faz parte esse livro é bastante relevante, pois inclui obras sobre outros autores fundamentais, como Karl Marx, Pierre Bourdieu, Max Weber, Norbert Elias e Walter Benjamin, entre outros. Esses volumes podem servir como base para o estudo de autores sobre os quais ainda não se tem um conhecimento aprofundado, como era o meu caso, em relação a Foucault. Além de livros que abordem um/a pesquisador/a em questão, é possível

utilizar, para fins didáticos, artigos científicos, entrevistas com especialistas e outras fontes que contenham informações relevantes sobre o assunto a ser trabalhado.

Após escolher o tema a ser abordado (contribuições de Michel Foucault para realizar a realidade) e o livro que serviria como base para o meu aprendizado sobre o autor (*10 Lições sobre Foucault*), selecionei os capítulos que seriam utilizados no processo de didatização. Dentre eles, estão:

- Introdução;
- Primeira lição – Foucault, seu tempo e suas obras;
- Segunda lição – Da “epistemologia” francesa e sua influência sobre Michel Foucault;
- Terceira lição – Da “arqueologia” desenvolvida por Michel Foucault;
- Quarta lição – “Razão” e “loucura” em História da loucura;
- Oitava lição – Da “genealogia” desenvolvida por Michel Foucault;
- Décima lição – “Poder disciplinar” e o “dispositivo panóptico” na genealogia desenvolvida em *Vigiar e punir*.

Após concluir essa etapa, organizei os capítulos de acordo com a ordem e a abordagem que seriam adotadas no material didático. Na primeira parte, optei por apresentar o contexto político, histórico e social de Michel Foucault, bem como seu método arqueológico e a expressão desse método presente em sua obra *“A história da loucura na idade clássica”*. Para isso, utilizei a introdução e as quatro primeiras lições do livro de Yazbek, criando sínteses desse conteúdo. A fim de organizar o pensamento, elaborei um documento com a síntese da introdução e da primeira lição e, em um segundo documento, reuni as sínteses da segunda, terceira e quarta lições.

Na segunda parte desse processo, foquei em apresentar a relação entre o método arqueológico e o genealógico, com ênfase no método genealógico. Para sintetizar e contextualizar essa metodologia, propus apresentar aos alunos a obra *“Vigiar e punir: o nascimento da prisão”*. Dessa forma, nessa etapa, sintetizei as informações presentes no capítulo correspondente à oitava e à décima lição do livro de Yazbeck, dessa vez, em um único documento.

É importante mencionar que, embora eu tenha partido do livro *10 Lições sobre Foucault* para sistematizar informações sobre Michel Foucault e sua obra, na etapa seguinte — a síntese de conteúdos adaptados para os estudantes —, também utilizei materiais complementares,

como exemplo artigos e vídeos produzidos por Siqueira (2024), publicado no portal de Ciências Humanas *Colunas Tortas*, sobre esse autor.

2.2 Didatização para estudantes

A partir da síntese de conteúdo realizada, resultando na criação do material didático, a segunda etapa consistiu na produção de um texto original para ser lido pelos estudantes, resultando na criação do material de estudo, presente no APÊNDICE B. Nessa fase, é fundamental que o conteúdo do texto mantenha proximidade com o apresentado na síntese, porém adaptado ao formato textual e com uma linguagem acessível ao público estudantil. Para chamar a atenção dos estudantes e tornar o conteúdo mais atrativo, tive cuidado ao escolher os títulos de cada capítulo, buscando aproximar o tema, a teoria, os conceitos ou aspectos relacionados à vida e à obra do autor que seriam abordados no texto.

Como material didático é um esforço para apresentar aos estudantes aspectos da vida, obra e métodos de Michel Foucault, os capítulos foram organizados a fim de construir uma linha de raciocínio sobre quem foi Foucault, seu contexto histórico, suas influências intelectuais, os temas que despertavam seu interesse e seu método de pesquisa. O desenvolvimento dos capítulos seguiu a seguinte estrutura:

- **Apresentação de Michel Foucault:** contexto político, histórico e social em que viveu, suas influências intelectuais e as principais obras produzidas;
- **A caixa de ferramentas de Michel Foucault:** influências teóricas e metodológicas e principais conceitos;
- **Uma viagem pela história da loucura:** abordagem sobre a loucura a partir do livro *“História da loucura na idade clássica”*, em diálogo com discussões contemporâneas, com aprofundamento do método arqueológico;
- **Arqueologia e genealogia:** abordagem sobre o método genealógico, a partir do livro *“Vigiar e punir, o nascimento das prisões”* em diálogo com discussões contemporâneas.

Após a elaboração do texto a partir do tema de interesse, formulei atividades de sistematização, pesquisa e reflexão para estudantes. Busquei relacionar essas tarefas tanto com o texto produzido por mim quanto com discussões atuais, com o objetivo de incentivar os estudantes a refletirem sobre o tema a partir de experiências concretas, incluindo suas próprias vivências. Além disso, atentei-me a apresentar as orientações e os comandos das atividades de forma clara e compreensível, detalhando o passo a passo do que deveria ser realizado e as

expectativas relacionadas a cada tarefa. Por exemplo, explicitarei o que se esperava que os estudantes compreendessem, sentissem ou desconstruíssem ao executar cada atividade.

Em ambas as atividades de sistematização foi utilizado a fonte Arial, que é a recomendada por educadores e neuropsicólogos pois possibilita uma melhor leitura (Thiessen et al, 2010).

3. DESENVOLVIMENTO - MICHEL FOUCAULT: CONTEXTO, OBRA E MÉTODOS

O produto educacional desenvolvido consiste em um material didático sobre Michel Foucault, voltado para estudantes do Ensino Médio, podendo ser utilizado nas três séries, a depender do tema abordado. É aplicável tanto em turmas regulares quanto na Educação de Jovens e Adultos (EJA), cabendo a docentes adaptar o conteúdo conforme as necessidades específicas de cada turma, considerando o perfil dos/das estudantes. Além disso, o material pode ser utilizado tanto no formato impresso quanto no virtual, em PDF. No entanto, por conter links para materiais complementares, a experiência virtual pode ser mais adequada, embora isso não impeça a busca pelos recursos, já que cada link apresenta o título do material e sua fonte de origem.

O material didático oferece um roteiro estudo, um guia estruturado, que organiza o processo de aprendizagem. Nele consta uma sequência de conteúdos dispostos de forma progressiva, materiais de apoio e atividades práticas. Pode ser utilizado em sala de aula por professores ou servir como material complementar para os estudantes. O roteiro está organizado em sessões, nelas, encontramos imagens variadas, referente ao tema que está sendo abordado, boxes com material complementar, fragmentos de entrevistas, citações consideradas relevantes, boxes com exemplos e atividades. A seguir, descreverei a organização de cada seção. O material completo pode ser encontrado no APÊNDICE B.

3.1 Um filósofo por trás da “história das coisas”: Foucault e a sua vontade de saber

Na primeira seção, apresento aspectos relacionados à vida e obra de Paul Michel Foucault, considerando sua origem familiar, o período em que nasceu e viveu, suas influências intelectuais, bem como sua atuação política e acadêmica, uma vez que ele foi militante engajado em diversas frentes. Me permiti brincar com o título inicial, buscando transmitir a ideia de que Foucault era uma pessoa curiosa, interessada em desvendar a história por trás das coisas, como demonstrado em seus métodos arqueológico e genealógico. Daí surge sua vontade de saber: o impulso de pesquisar, investigar e buscar os significados ocultos. No entanto, a 'vontade de saber' também remete ao conceito foucaultiano, que não se limita ao desejo individual de conhecer, mas a um mecanismo social e histórico que organiza e controla o conhecimento.

Outro ponto que busquei deixar em evidência, foi a relação entre sua produção intelectual e seus atravessamentos, não como algo cristalizado ou definidor de quem ele era, mas como uma expressão de sua potência de vida. Dei ênfase a essa informação a partir de um

trecho da entrevista cedida a Didier Eribon, em 1981, intitulada “Então é importante pensar?”. O link da entrevista completa ficou disponível em um link, para acesso de quem interessar.

Como estudante, gosto de ser situada em relação ao que a pessoa estudada produziu, mesmo que não leia todas as suas obras, pois acredito que isso me ajuda a compreender o momento em que o autor escreveu e as motivações por trás de seus trabalhos. Sempre que possível, tentei abordar isso no roteiro, apresentando as principais obras de Foucault e seus respectivos anos de publicação.

As imagens utilizadas buscam apresentar o autor e outros intelectuais de seu círculo em contextos de militância. Além disso, há um boxe com material complementar sobre Michel Foucault, incluindo um documentário intitulado *Foucault contra si mesmo*, disponível no YouTube, e um episódio do *Café Filosófico* com Margareth Rago.

Para finalizar o capítulo, apresentei uma entrevista mais extensa de Michel Foucault com André Berten, realizada em 1981, na qual ele discorre sobre seu processo investigativo, abordando o que o motiva a pesquisar e seu interesse em compreender como um determinado 'problema' se constitui como tal em um contexto histórico específico.

Com o objetivo de promover uma aproximação entre estudantes e o pesquisador, propus, ao final, um exercício de reflexão no qual estudantes deverão escrever uma redação identificando uma questão social que o atravessa. Em seguida, solicitei que explicasse o contexto em que essa questão está inserida. Para auxiliar na execução da atividade, apresentei orientações específicas para a elaboração da redação.

3.2 Afinal de contas, saber é poder?

Na segunda seção, apresento alguns conceitos centrais dos trabalhos desenvolvidos por Michel Foucault, bem como os métodos de análise por ele utilizados. Para demonstrar a importância do uso de conceitos e teorias na investigação social, inicio a seção discutindo a função destes elementos enquanto ferramentas. Para isso, parto de um trecho de uma conversa entre Deleuze e Foucault, presente no livro *Microfísica do poder* (2014).

No primeiro tópico, apresento como relevantes influências de Foucault: Georges Canguilhem e a Epistemologia Francesa. Esses aspectos foram incluídos para demonstrar a discentes como Foucault reuniu elementos essenciais para desenvolver suas próprias ferramentas de análise da sociedade. Ao longo do texto, busquei adotar uma linguagem acessível, de modo a garantir clareza e compreensão, sem, no entanto, comprometer a profundidade dos conceitos. Esse cuidado foi intensificado ao definir conceitos fundamentais,

já que a abordagem foucaultiana é complexa e pode ser desafiadora em uma primeira leitura. Por essa razão, investi na utilização de exemplos, sempre que possível, além de incluir boxes explicativos em maior número nesta seção. No entanto, tomei o cuidado de equilibrar a quantidade de informações para evitar que o conteúdo se tornasse exaustivo.

No segundo tópico, apresento e descrevo os métodos de análise desenvolvidos e utilizados por Foucault: a arqueologia e a genealogia. Ao longo do texto, busco demonstrar como esses métodos podem ser empregados como ferramentas de análise social, sendo adaptáveis ao tema de interesse de cada pesquisador. É importante mencionar que, ao abordar a genealogia e a arqueologia, também apresentei os principais livros do autor relacionados a cada fase.

Ao final, apresento exercícios de pesquisa e sistematização de conceitos. Os objetivos dessas atividades foram promover uma compreensão aprofundada das referências teóricas e metodológicas que influenciaram o pensamento de Michel Foucault, com foco especial em Georges Canguilhem e a Epistemologia Francesa. As atividades de reflexão têm como objetivo estimular o pensamento crítico discente, levando ao questionamento de noções tradicionais e positivistas sobre a ciência e o conhecimento. Por fim, as atividades de sistematização têm como objetivo consolidar o aprendizado dos principais conceitos e metodologias utilizados por esse pesquisador. Ao definir, com suas próprias palavras, termos como "arqueologia", "saber", "discurso", "verdade", "genealogia" e "poder", estudantes são incentivados/incentivadas a internalizar e reinterpretar esses conceitos, demonstrando sua compreensão de forma autônoma e crítica. Essa etapa também visa reforçar a capacidade de síntese e organização do pensamento, ao exigir que discentes articulem ideias complexas de maneira clara e concisa.

3.3 Da “nau dos loucos” ao “trem de doido”: uma terrível viagem pela história da loucura

O terceiro eixo é composto por três textos em formatos diferentes: um texto informativo sobre o Hospital Colônia de Barbacena; um trecho da Lei nº 10.216, de 6 de abril de 2001, que trata da Reforma Psiquiátrica e da política antimanicomial; e um texto que apresenta a ideia central da obra *História da loucura na Idade Clássica*, de Michel Foucault. Parti do texto sobre o Hospital Colônia de Barbacena para ilustrar conceitos centrais do pensamento de Foucault, como normalização e exclusão. Além disso, o texto permite discutir a construção social da "verdade", já que a maioria dos internos do Hospital Colônia não tinha doenças mentais, mas eram considerados "problemas" pela sociedade. Isso se conecta à ideia foucaultiana de que a verdade é produzida dentro de contextos históricos e sociais específicos.

A utilização da Lei Antimanicomial foi empregada para demonstrar como as leis servem para codificar e legitimar o que uma sociedade, em determinado momento histórico, considera aceitável ou inaceitável. Para Foucault, as leis não são neutras; elas são instrumentos de poder que ajudam a manter a ordem social e a controlar comportamentos individuais e coletivos. No entanto, ele também destaca que as leis podem ser contestadas e transformadas, especialmente quando movimentos sociais questionam as normas estabelecidas e lutam por mudanças, como ocorreu no caso da Reforma Psiquiátrica.

O terceiro texto apresenta aspectos do livro *História da loucura* de forma detalhada e contextualizada. Ele mostra como o conceito de loucura foi construído e transformado ao longo da história, desde o Renascimento até a Modernidade. A ideia foi começar com textos simples, utilizando exemplos concretos para sensibilizar a percepção discente, e, em seguida, introduzir a teoria de maneira mais objetiva. O foco foi demonstrar como as teorias filosóficas e sociológicas podem ser aplicadas para entender problemas reais, relacionando o conteúdo estudado com questões contemporâneas.

Além da utilização de tipos textuais diversificados, utilizo imagens para ilustrar os contextos e ideias apresentadas, boxes explicativos e com informações complementares. As atividades propostas procuraram relacionar os temas apresentados nos três textos com questões atuais, como a neoliberalização e medicalização da vida, além de propor a realização de uma pesquisa se apropriando do método arqueológico, a partir de exemplos.

3.4 Corpos dóceis e espíritos aprisionados

No último texto didatizado, apresentei brevemente alguns conceitos fundamentais presentes no livro *Vigiar e punir*, bem como retornei ao conceito de genealogia, como já trabalhado no segundo eixo. Utilizei a imagem da “árvore de Andry” como metáfora para entrar na discussão sobre controle e normatização. Além disso utilizei boxe explicativo para o conceito de panóptico e uma imagem, para ilustrar o conceito. As atividades tiveram caráter reflexivo e descritivo.

CONCLUSÃO

Produzir um material didatizado foi um processo extremamente desafiador. Trata-se de um exercício que exige estudo — conhecimento sobre o tema, mesmo que haja métodos para simplificar essa etapa, como partir de um texto explicativo —, criatividade — a capacidade de transformar um conteúdo muitas vezes complexo, abstrato e distante em algo acessível, compreensível e significativo — e sensibilidade — a constante reflexão sobre como esse material será recebido, sentido e assimilado pelos estudantes.

Todas essas questões ganham uma dimensão ainda maior no meu contexto. Apesar de ser licenciada e praticamente especialista em Sociologia, não tenho a sala de aula como meu ambiente de trabalho cotidiano. Logo, a cada parágrafo foi um pensar e repensar o que estava sendo escrito, buscando equilibrar o rigor teórico com a clareza necessária para engajar discentes.

Além disso, trata-se de um processo contínuo, que envolve a revisão da abordagem, dos exemplos, das imagens, da troca de títulos e da adequação desses elementos para que, juntos, transmitam da melhor maneira possível a mensagem que queremos passar. Essa revisão constante é essencial para garantir que o material seja não apenas informativo, mas também envolvente, significativo para os/as estudantes, despertando seu interesse.

Outro aspecto importante a ser mencionado é o fato de que esse foi o meu primeiro grande contato com Michel Foucault. Por pelo menos três meses, ele foi meu grande companheiro, aparecendo até em sonhos. A escolha pelo autor foi, inicialmente, aleatória. Eu imaginava que abordar um breve aspecto do trabalho dele seria suficiente, mas, ao me aprofundar, senti a necessidade de mostrar o máximo possível sobre suas ideias e as possibilidades que ele nos traz para construirmos um olhar mais rigoroso e detalhado sobre nós mesmos e nossa constituição como sujeitos.

Acredito que essa tentativa possa estimular professores a não somente falarem sobre Foucault como também os motivar a produzirem materiais sobre outros autores da Sociologia que vão além dos chamados “clássicos fundadores”, com uma abordagem que permita refletir sobre nossos problemas e singularidades.

REFERÊNCIAS

- ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.
- BERTEN, André; FOUCAULT, Michel. Entretien avec Michel Foucault. **Les cahiers du GRIF**, v. 37, n. 1, p. 8-20, 1988.
- BISPO, Nego. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Editora Elefante, 2022.
- BODART, Cristiano das Neves; SILVA, Zaine Paula dos Santos. Podcast como potencial recurso didático para prática e a formação docente. **Ensino em Re-Vista**, v. 28, 2021.
- BODART, C. das N., & Torres, K. R. (2018). 13. A pesquisa como processo de ensino-aprendizagem: uma experiência docente e discente. **Revista Científica UMC**, 3(1). Disponível em: <https://seer.umc.br/index.php/revistaumc/article/view/168>. Acesso: 23 mai. 2025
- BODART, C. das N.; SAMPAIO SILVA, R. O perfil do professor brasileiro de Sociologia do Ensino Médio e sua percepção da condição docente. **Revista Inter-Legere**, [S. l.], v. 1, n. 18, p. 168–189, 2016. DOI: 10.21680/1982-1662.2016v1n18ID10820.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 23 mai. 2025
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 20 mar. 2025.
- BRASIL. Lei nº 10.216, de 06 de abril de 2001. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Brasília, 2001.
- BRASIL. Lei nº 11.684, de 2 de junho de 2008. Altera o art. 36 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias no currículo do ensino médio. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 3 jun. 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111684.htm. Acesso em: 20 mar. 2025.
- BRASIL. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Altera as Leis nº 9.394/1996 e nº 11.494/2007. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 17 fev. 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113415.htm. Acesso em: 23 mai. 2025
- BUKOWITZ, Tatiana. **Os clássicos da Sociologia em diálogo com a contemporaneidade**. 2024. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Educação Básica.
- CAILLAT, François. **Foucault contre lui-même**. Paris: INA, 2014. 1 vídeo (52 min), son., color. Disponível em: <https://youtu.be/PSsJ-62CqKE>. Acesso em: 1 maio 2025.
- CIÊNCIA SUJA. **Mentes medicadas: o novo normal?** [S.l.], 14 mar. 2024. Podcast. Disponível em: <https://www.cienciasuja.com.br/temporada-3/mentes-medicadas%3A-o-novo-normal%3F>. Acesso em: 1 maio 2025.

- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.
- DAS NEVES BODART, Cristiano. Prática de ensino de Sociologia: as dificuldades dos professores alagoanos. **Mediações**, v. 23, n. 2, p. 455-491, 2018.
- DESCARTES, René. **Meditações metafísicas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2014.
- FOUCAULT, Michel. Então é importante pensar: entrevista com Didier Eribon. **Libération**, n. 15, p. 30-31, 1981.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 67. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.
- HANDFAS, Anita. O que temos pesquisado sobre os livros didáticos de Sociologia? In: GONÇALVES, Danyelle Nilin; MOCELIN, Daniel Gustavo; MEIRELLES, Mauro (Org.). **Rumos da sociologia no ensino médio**. Porto Alegre: CirKula, 2016. v. 1, p. 131-142.
- HANDFAS, Anita; MAÇAIRA, Julia Polessa. O estado da arte da produção científica sobre o ensino de Sociologia na educação básica. In: HANDFAS, Anita; MAÇAIRA, Julia Polessa; FRAGA, Alexandre Barbosa (Org.). **Conhecimento escolar e ensino de Sociologia: instituições, práticas e percepções**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.
- HOLOCAUSTO brasileiro**. Direção: Daniela Arbex; Armando Mendz. São Paulo: HBO Brasil, 2016. Canal Max. 90 min.
- HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2020.
- LOPES, João Paulo Charleaux. A epidemia de doença mental. **Revista Piauí**, São Paulo, 3 abr. 2024. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-epidemia-de-doenca-mental/>. Acesso em: 1 maio 2025.
- MASIERO, André Luis. A lobotomia e a leucotomia nos manicômios brasileiros. **História, ciências, saúde-Manguinhos**, v. 10, p. 549-572, 2003.
- MEUCCI, Simone. Notas sobre o pensamento social brasileiro nos livros didáticos de Sociologia. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 2, n. 3, p. 209-232, 2014.
- MEUCCI, Simone. Os livros didáticos da perspectiva da sociologia do conhecimento: uma proposição teórico-metodológica. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 20, p. e098, 2020.
- MEUCCI, Simone. Os primeiros manuais didáticos de Sociologia no Brasil. **Estudos de Sociologia**, v. 6, n. 10, 2001.

MEUCCI, Simone. Sobre a rotinização da Sociologia no Brasil: os primeiros manuais didáticos, seus autores, suas expectativas. **Mediações**, v. 12, n. 1, p. 31-66, 2007.

RAGO, Margareth. Foucault: a filosofia como modo de vida. [Vídeo]. In: **Café Filosófico** (TV Cultura). YouTube, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jw6zuBIocII>. Acesso em: 1 maio 2025.

ROCHA, Amanda Corrêa; BARRIOS, Nathália da Silva; ROLIM, Paulo Daniel da Silva; ZUCOLOTTI, Marcele Pereira da Rosa. Sofro, logo me medico: a medicalização da vida como enfrentamento do mal-estar / I suffer, therefore, I use self-medication: the medicalization of life as a coping with malaise. **ID on line. Revista de Psicologia**, v. 13, n. 46, p. 392-404, 2019. DOI: 10.14295/online.v13i46.1854. Disponível em: <https://online.emnuvens.com.br/id/article/view/1854>. Acesso em: 1 maio 2025.

SIQUEIRA, Vinicius. Michel Foucault: biografia, pensamento e livros. **Colunas Tortas**, 23 jul. 2024. Disponível em: <https://colunastortas.com.br/michel-foucault/>. Acesso em: 1 maio 2025.

THIESSEN, Myra; DYSON, Mary Clare. 'Clearer and better': preferences of children with reading difficulties for the typography and illustration in literacy materials. **The International Journal of Learning**, v. 16, n. 12, p. 365-384, 2010.

YAZBECK, André Constantino. **10 lições sobre Foucault**. Petrópolis: Vozes, 2021.

APÊNDICE A:
1º ETAPA DE DIDATIZAÇÃO – SÍNTESE DE CONTEÚDOS SIGNIFICATIVOS

A.1 - Síntese de conteúdos significativos: introdução e primeira lição sobre Foucault

Livro base:

- YAZBECK, André Constantino. 10 lições sobre Foucault. Editora Vozes, 2021.

Capítulos utilizados para didatização:

- Introdução;
- Primeira Lição: Foucault, seu tempo e suas obras.

1. Paul-Michel Foucault nasceu em 15 de outubro de 1926, na cidade de Poitiers, em uma família de médicos renomados. Seu pai, Paul Foucault, era cirurgião e professor da Escola de Medicina local. Michel Foucault seguiu uma formação acadêmica tradicional, estudou Filosofia na Sorbonne, onde graduou-se em 1948, e Psicologia na École Normale Supérieure em Paris, concluindo o curso em 1949. Em meados da década de 1950 conheceu Daniel Defert, seu companheiro, com quem viveu até seu falecimento, em 25 de junho de 1984, no Hospital de Salpêtrière, em Paris, devido a complicações da Aids. Esse hospital foi objeto de sua análise em *História da Loucura*.
2. Foucault pertence a uma geração de filósofos que, embora franceses, se distanciam da fenomenologia, que era uma corrente filosófica dominante no pós-guerra. A fenomenologia foca na experiência subjetiva e na consciência, enquanto Foucault adota uma abordagem crítica que se volta para as condições históricas e sociais do conhecimento. Foucault desafiou as bases tradicionais da filosofia moderna, especialmente a visão essencialista do sujeito, que é visto como algo fixo e inquestionável. Ele argumenta que o sujeito deve ser entendido como um produto histórico e social, não como uma essência imutável, como sugere a corrente fenomenológica.
3. Foucault propõe que o "pensar" não é uma capacidade independente do sujeito, mas é influenciado por sistemas e estruturas sociais, como instituições e normas. O sujeito, então, não é livre ou essencial, mas é moldado pelas condições históricas e sociais, sendo um "produto discursivo", ou seja, formado pelos discursos e práticas sociais em que está inserido.
4. A produção intelectual de Michel Foucault pode ser dividida em três eixos temáticos, que são explorados em três fases metodológicas diferentes: o saber (fase arqueológica), o poder (fase genealógica) e sujeito (fase genealógica ética). Esses eixos representam os principais momentos de sua trajetória intelectual. A obra de Foucault é interpretada como uma história das relações que o pensamento mantém com a verdade, focando nos "jogos de verdade" – processos históricos e sociais que definem o que é considerado "verdadeiro" ou "falso". Esses jogos de verdade explicam como o ser humano se constitui como experiência e se percebe em diferentes papéis, como louco (*História da Loucura*), doente (*O Nascimento da Clínica*), ser vivo, falante e trabalhador (*As Palavras e as Coisas*), criminoso (*Vigiar e Punir*) e homem de desejo (*História da Sexualidade*). Em seu trabalho, Foucault investiga como o ser humano se

reconhece e se constrói historicamente através desses jogos, questionando a relação entre pensamento, verdade e experiência na formação do sujeito.

5. Em 1955, Foucault tornou-se diretor da Maison de France em Uppsala, Suécia, onde permaneceu até 1958 e escreveu "*História da loucura na Idade Clássica*", sua tese de doutorado defendida em 1961, na Sorbonne, sob a orientação de Georges Canguilhem, que marca o início da chamada "fase arqueológica" do autor. Como tese secundária, obrigatória na época, Foucault apresentou uma tradução da obra "*Antropologia do ponto de vista pragmático*", de Immanuel Kant, com uma introdução intitulada "*Gênese e estrutura da Antropologia de Kant*". Nesse trabalho ele teve a orientação de Jean Hyppolite.
6. Em "*História da loucura*" Foucault não faz um estudo sobre a história da psiquiatria, mas uma análise da divisão entre razão e loucura na história ocidental, focando na medicalização da loucura e no domínio da razão sobre ela. O livro mapeia essa evolução passando por três períodos: o Renascimento (séculos XV-XVI), a Idade Clássica (séculos XVII-XVIII) e a Modernidade (séculos XIX-XX), quando a loucura passa a ser categorizada como "doença mental". A obra, com sua tese provocativa, gerou críticas de psiquiatras e psicólogos, uma vez que a abordagem epistemológica utilizada por Foucault diferia radicalmente da deles.
7. Em 1963, Foucault publicou "*O Nascimento da Clínica*", uma obra que, por meio de uma abordagem histórica e crítica, investiga as condições que possibilitaram o surgimento da experiência médica moderna. O livro, subtítulo "*Uma arqueologia do olhar médico*", amplia sua análise para o campo da medicina geral, concentrando-se no período entre o final do século XVIII e o início do XIX, quando a medicina passou por uma reestruturação com o advento da anatomia patológica. Foucault examina o surgimento da medicina clínica, explorando suas condições de possibilidade e as divisões normativas que dela emergiram.
8. Em 1966, Foucault publicou "*As palavras e as coisas*", obra que o colocou em confronto com a geração existencialista, especialmente Jean-Paul Sartre, e o elevou ao status de celebridade na cena cultural francesa. Neste livro, Foucault analisa a constituição histórica dos "saberes sobre o homem"¹, argumentando que o "homem" como objeto de conhecimento é uma invenção recente que surge com a transição da Idade Clássica (séculos XVII-XVIII) para a Idade Moderna (séculos XIX-XX). Ele critica as "analíticas da finitude" (fenomenologia, existencialismo e marxismo) por perpetuarem uma visão antropocêntrica que toma o sujeito como fundamento do conhecimento. Foucault conclui com a provocativa afirmação da "morte do homem", sugerindo que essa figura epistêmica está em declínio e pode desaparecer.
9. Nesse mesmo ano (1966), Foucault foi nomeado professor de Filosofia na Universidade da Tunísia, onde se envolveu ativamente na vida intelectual e política, apoiando estudantes em revoltas anti-imperialistas e os protegendo da repressão. Durante esse período, ele começou a escrever "*A arqueologia do saber*", obra metodológica motivada pelas polêmicas geradas por "*As palavras e as coisas*". Essa obra consolida e sistematiza os métodos e conceitos desenvolvidos em trabalhos anteriores, encerrando um ciclo de reflexão centrado na arqueologia dos saberes. Nessa etapa, ele se dedicou principalmente a investigar a constituição histórica de

¹ À época, Michel Foucault utilizava o termo "homem" para se referir à humanidade como um todo, com uma escrita androcêntrica, atualmente criticada e superada.

saberes considerados verdadeiros, analisando como certos discursos se legitimam enquanto outros são marginalizados ou desqualificados.

10. Ao retornar a Paris no final de 1968, Foucault foi nomeado para organizar o departamento de filosofia da Universidade de Vincennes, uma instituição experimental tanto acadêmica quanto politicamente. Durante dois anos, ele participou ativamente da agitação universitária, apoiando estudantes em ocupações e protestos, denunciando repressões e defendendo a liberdade acadêmica. Esse período marcou a entrada definitiva de Foucault na política, consolidando sua imagem como um intelectual engajado em lutas sociais e críticas ao poder, característica que definiria sua trajetória posterior.
11. Em 1970, Foucault foi nomeado para o Collège de France, ocupando a cadeira de "História dos Sistemas de Pensamento", criada especialmente para ele. Sua aula inaugural, que teve por título "*A ordem do discurso*", atraiu grande atenção e antecipou temas centrais de suas futuras investigações, como a relação entre discurso, poder e luta. A partir de 1971, se engajou ativamente em lutas políticas, co-fundando o Grupo de Informações sobre as Prisões. Foucault buscava novas formas de atuação política, rejeitando a militância tradicional e focando na análise das manifestações do poder. Essa perspectiva teórica foi desenvolvida em obras como "*Vigiar e punir*" (1975) e em seus cursos no Collège de France, onde explorou as dinâmicas do poder e a "intolerância ativa" como forma de resistência.
12. A obra "*Vigiar e punir*" marca a transição nas pesquisas de Foucault da fase arqueológica para a fase genealógica. Essa nova abordagem foca em investigar a relação entre poder e saber, destacando como as relações de poder moldam campos de conhecimento e vice-versa. Essa perspectiva amplia o método arqueológico ao integrar práticas extra-discursivas e instituições ao estudo dos discursos e do poder. Nesse livro, Foucault analisa o sistema penal francês, questionando a prisão como forma punitiva dominante. Ele argumenta que a prisão não resulta de uma evolução progressiva do direito, mas do desenvolvimento de "técnicas disciplinares" no século XVIII, quando o poder monárquico se tornou ineficaz. A disciplina, nesse contexto, refere-se a um poder que controla corpos, normatizando e maximizando sua "utilidade-docilidade".
13. Em 1976, Foucault inicia a escrita da coleção "*História da Sexualidade*", que será composto por quatro volumes, sendo elas: "*A vontade de saber*", "*O uso dos prazeres*", "*Cuidado de si*" e "*As confissões da carne*", sendo esse último uma obra inacabada, publicada postumamente. Em *A vontade de saber* (1976), Foucault contesta a "hipótese repressiva", argumentando que, a partir dos séculos XVII-XVIII, a sexualidade foi incitada e verbalizada, tornando-se central na construção de identidades e sistemas de saber. Nos volumes *O Uso dos Prazeres* e *O Cuidado de Si* (1984), ele analisa as práticas de autocuidado e autoconstrução, marcando um terceiro momento em sua trajetória, focado na ética e na produção de si mesmo. Essa fase, chamada de "genealogia ética", enfatiza a autonomia e a resistência na construção ética do sujeito, em oposição à objetivação do indivíduo pelos saberes e normas ocidentais.
14. A partir do final dos anos 1970, Foucault desloca seu foco para as resistências ao poder, explorando como os indivíduos se constituem e respondem a mecanismos de controle, como o "biopoder", que gerencia a vida. Essa reorientação é influenciada por seus cursos no Collège de France e pela ideia de que o poder suscita resistência, como destacado por Gilles Deleuze. Desses cursos, surgiu o livro "*Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978 - 1979)*", que foi elaborado a partir

das transcrições das aulas gravadas entre 1978 e 1979. Foucault não escreveu um texto formal para o curso, ele falava de forma espontânea, com base em anotações e esquemas. Essas transcrições foram revisadas e editadas para publicação, mantendo o estilo oral e a estrutura das aulas.

A.2 - Síntese de conteúdos significativos: segunda, terceira e quarta lição sobre Foucault

Livro base:

- YAZBECK, André Constantino. 10 lições sobre Foucault. Editora Vozes, 2021.

Capítulos utilizados para didatização:

- Segunda lição – Da “epistemologia” francesa e sua influência sobre Michel Foucault;
- Terceira lição – Da “arqueologia” desenvolvida por Michel Foucault;
- Quarta lição – “Razão” e “loucura” em História da loucura.

1. A primeira fase do pensamento foucaultiano, conhecida como fase arqueológica, foi influenciada pela corrente epistemológica francesa - que desempenhou um papel importante na transformação da análise histórica das ciências. Entre os principais nomes de pensadores dessa corrente destacam-se Gaston Bachelard, Georges Canguilhem e Georges Dumézil. Esses pensadores contribuíram significativamente para a formação do arcabouço teórico que Foucault desenvolveu em suas investigações sobre as estruturas do saber e as condições de surgimento dos discursos científicos.
2. Foucault adotou os princípios da abordagem epistemológica francesa em seus trabalhos, se distanciando, então, da fenomenologia, que defendia a ideia de um progresso universal da razão. Para ele, a epistemologia francesa oferecia uma perspectiva inovadora ao questionar até que ponto a história das ciências poderia desafiar ou reforçar a noção de uma racionalidade absoluta, marcando uma ruptura clara com a tradição fenomenológica.
3. A epistemologia francesa é uma linha de pensamento que se dedica a estudar e avaliar a ciência com base na sua cientificidade, ou seja, naquilo que faz com que algo seja considerado científico. Para isso, ela utiliza principalmente a análise histórica como ferramenta, ou seja, examina como o conhecimento científico foi produzido, desenvolvido e transformado ao longo do tempo, considerando o contexto histórico em que surgiu. Ao abordar as ciências em sua historicidade, ela rompe com a ideia de uma história cumulativa e linear, rejeitando tanto a noção de uma realidade preexistente a ser descoberta gradualmente quanto a ideia de uma "auto-manifestação do espírito humano por meio da pesquisa científica". Em vez disso, propõe uma visão crítica e descontínua do desenvolvimento científico.
4. Por exemplo: Gaston Bachelard, um importante filósofo da ciência associado à epistemologia francesa, em suas análises, não está interessado em traçar uma linha

histórica que identifique as origens ou os "pioneiros" de um determinado campo científico, isto é, "quem fez o que primeiro". Em vez disso, ele foca em compreender como surge uma nova forma de racionalidade, isto é, um novo modo de pensar ou de abordar problemas científicos, e quais são os efeitos que essa nova racionalidade traz para o desenvolvimento do conhecimento. Dessa forma, ela vai além de biografias ou registros de doutrinas, buscando compreender as mudanças profundas na estrutura do pensamento científico.

5. Para melhor expressar essa ideia, Bachelard utiliza o conceito de "corte epistemológico", que descreve o avanço científico como um processo descontínuo, marcado por rupturas com sistemas de pensamento anteriores. Esse processo é permeado por acidentes, obstáculos, desvios e crises, que representam momentos de avaliação e redefinição dos limites entre o científico e o não científico. Um exemplo disso é a física, que, segundo Bachelard, precisou "reconstruir sua razão" diversas vezes ao longo do século XX, adaptando-se a novas descobertas e desafios. A história das ciências, portanto, deve ser entendida como a "história da formação, deformação e retificação de conceitos científicos". Portanto, partindo da epistemologia francesa, Foucault adota uma abordagem que valoriza os contextos e fatores externos que moldam o conhecimento científico, em vez de se limitar a uma análise puramente interna e racional das ciências.
6. Georges Canguilhem adapta e expande as ideias metodológicas da epistemologia de Gaston Bachelard, originalmente desenvolvidas para as ciências exatas (como física e química), aplicando-as às ciências da vida (como biologia, anatomia e fisiologia). Canguilhem enfatiza que, nas ciências da vida, o "homem como ser vivo" está diretamente envolvido na construção do conhecimento, o que traz implicações sociais e políticas para a reflexão epistemológica. Para ele, o conceito de "norma" não é entendido como uma lei natural ou um princípio universal, mas sim como um **mecanismo de exigência e coerção** que está ligado ao exercício do poder. Desta forma, a norma não é algo que simplesmente descreve ou compreende a realidade; ela é um instrumento de organização social que define padrões de comportamento, saúde, normalidade e anormalidade, influenciando e legitimando práticas de poder. Canguilhem conecta a epistemologia das ciências da vida à normalização social, mostrando como as normas científicas e médicas não são neutras, mas estão profundamente relacionadas à organização do poder e às dinâmicas sociais. Ele demonstra que o conhecimento científico, especialmente nas ciências da vida, não está separado das questões políticas e sociais, mas é parte integrante delas.
7. Canguilhem entende a ciência como um sistema de produção de conhecimentos, ou seja, um processo dinâmico em que a verdade não é algo fixo ou universal, mas sim construída dentro de contextos específicos. No entanto, por causa da historicidade da ciência (o fato de ela estar sempre inserida em um contexto histórico e social), não é possível aplicar uma lógica geral de cientificidade que valha para todas as áreas do conhecimento. Em vez disso, a ciência deve ser entendida como uma produção regional de normatividade. Isso significa que cada campo científico desenvolve suas próprias normas, critérios e métodos para definir o que é considerado verdadeiro ou

válido dentro de seu domínio específico. Por exemplo, as normas que regulam a biologia podem ser diferentes das que orientam a física ou as ciências sociais. Essas normas não são universais, mas estão ligadas ao contexto histórico, social e cultural em que a ciência é produzida.

8. Embora a arqueologia foucaultiana tenha recebido influências da epistemologia francesa, ela se diferencia em seus métodos, abordagens e propósitos. Primeiro, a arqueologia não se concentra em separar o que é "ciência" do que é "pré-ciência". Em vez disso, seu foco está no **saber**, ou seja, em como o conhecimento - seja ele científico ou não - é produzido e organizado em uma sociedade. Além disso, a arqueologia não busca mostrar como o conhecimento avança em direção à objetividade, que é a ideia de que a ciência descobre verdades absolutas. Para Foucault, a verdade não é algo fixo; ela é uma **produção histórica**, algo que é criado e transformado ao longo do tempo, de acordo com as regras e condições de cada época.
9. Foucault transforma a "história das ciências" em uma **"história da racionalidade"**. A arqueologia, proposta por ele, tem como objetivo descrever como os saberes — científicos ou não — são formados, focando nas **condições de existência** desses saberes, e não em sua validade ou verdade absoluta. Para Foucault, a verdade é uma **produção histórica**, ou seja, algo que surge, se organiza e se transforma ao longo do tempo, de acordo com regras específicas em cada contexto. A arqueologia, portanto, analisa como o saber aparece, se estrutura e muda, sem se preocupar em julgar se ele é "verdadeiro" ou "científico". Enquanto a epistemologia, como a de Bachelard, busca se alinhar às ciências e até afirma que a ciência deve guiar a filosofia, a arqueologia de Foucault é diferente. Ela não se preocupa em definir o que é "científico" ou não. Em vez disso, a arqueologia questiona a ideia de uma **racionalidade única e universal**, ou seja, a noção de que existe apenas uma forma "correta" de pensar ou de ser racional.
10. Para fazer uma análise arqueológica do saber, ou seja, desse nível do discurso que está entre a opinião e o conhecimento científico, a principal regra do método é evitar pressupostos universais sobre o ser humano. Isso significa questionar ideias antropológicas e humanistas

que tratam os direitos, privilégios e a natureza do ser humano como verdades absolutas e atemporais. Em vez disso, é necessário examinar como essas noções foram historicamente constituídas.

11. História da loucura foi o trabalho que inaugurou a fase arqueológica de Foucault. Trata-se de sua tese de doutorado, defendida na Sorbonne em 1961, cujo orientador foi ninguém menos que Georges Canguilhem. Neste trabalho, Foucault faz uma crítica à história da psiquiatria moderna. Segundo Foucault, há uma ilusão que faz parecer que a loucura sempre existiu como algo natural na humanidade. No entanto, ele argumenta que a loucura foi construída como uma forma de "desrazão", ou seja, algo oposto à razão, para que pudesse ser estudada e controlada. Essa construção foi necessária para que a psiquiatria moderna pudesse se desenvolver, e isso só seria

possível transformando a loucura em um objeto de estudo. Ele não se ocupa em traçar a história da psiquiatria, mas em fazer uma arqueologia desse silêncio, investigando como a loucura foi excluída e controlada pelo saber psiquiátrico.

12. Foucault se atém a investigar o momento histórico em que a razão (associada à normalidade, à ordem e ao conhecimento científico) e a loucura (associada à desordem, à irracionalidade e ao desvio) foram separadas. Ele mostra como a razão buscou dominar a loucura, transformando a loucura em objeto de estudo e controle. Como explica Foucault, a razão não apenas separou a loucura de si mesma, mas também tentou extrair uma "verdade" dela, ou seja, interpretar a loucura a partir de categorias científicas e médicas. Para isso acontecer, no século XVIII, a loucura foi medicalizada, ou seja, transformada em "doença mental", um conceito que permitiu à medicina e à psiquiatria classificá-la, estudá-la e tratá-la. Foucault argumenta que, antes dessa medicalização, havia um certo diálogo entre razão e loucura e a loucura tinha uma voz e um lugar na cultura. No entanto, com a medicalização, esse diálogo foi interrompido, e a loucura foi silenciada. A razão passou a falar sobre a loucura, mas não com ela. Para Foucault, a psiquiatria representa um monólogo da razão sobre a loucura, ou seja, um discurso unilateral em que a razão define, classifica e controla a loucura, enquanto esta é reduzida ao silêncio. A psiquiatria, nesse sentido, não é vista como um diálogo ou uma troca, mas como uma forma de poder que impõe um silêncio à loucura.
13. Foucault identificou três momentos importantes para traçar como/quando se deu a separação entre a razão e a loucura na história: 1) o momento da indiferenciação, 2) o momento da segregação, e 3) o momento da instituição asilar. Esses estágios, com ênfase na Idade Clássica (séculos XVII e XVIII), representam a progressiva dominação e integração da loucura à ordem da razão.
14. No Renascimento (séculos XV e XVI), a loucura era vista como uma forma de saber, como uma das "formas da razão". Ela revelava um mundo oculto e mostrava que a essência humana era marcada por furor e paixão. Naquela época, razão e loucura não estavam claramente separadas; elas coexistiam em uma relação de interdependência. O louco não era preso ou internado, mas vivia como uma figura errante, expulsa das cidades e deixada à própria sorte, muitas vezes sendo transportada em embarcações conhecidas como **Nau dos Loucos**. Essas naus simbolizavam a condição liminar do louco, que era ao mesmo tempo excluído e mantido em movimento, refletindo a ambiguidade da relação entre razão e loucura no Renascimento. Nesse sentido, nesse período, a loucura era representada de duas formas: mística, ligada a um saber oculto; e racional e crítica, que a via como algo a ser observado e ironizado. Essa ambiguidade reflete a complexidade do pensamento renascentista sobre a loucura, que oscilava entre o trágico e o satírico.
15. Com a transição do Renascimento para a Idade Clássica - e depois para a Idade Moderna -, a visão da loucura como um fenômeno a ser analisado e compreendido racionalmente superou a ideia de que ela era algo místico e cósmico. No período correspondente à idade clássica, a loucura passa a ser confinada em instituições de internamento, sendo silenciada e submetida às regras da razão e da moral. Assim, a

Idade Clássica consolidou o controle sobre a loucura, reduzindo suas expressões a um silêncio institucionalizado. No segundo capítulo da primeira parte da tese de Foucault, dois temas ficam em destaque: 1) O "golpe de força" de René Descartes, que, ao exercer a dúvida metódica, coloca a loucura ao lado do sonho e do erro, mas a trata como a "condição de impossibilidade do pensamento", excluindo-a do domínio da razão; e 2) a formação do espaço de internamento como reflexo institucional do racionalismo cartesiano, que reforçou a exclusão da loucura do âmbito da razão. Foucault analisa como o pensamento de Descartes e a criação de instituições de internamento consolidaram a separação entre razão e loucura na Idade Clássica. A dúvida cartesiana demonstra que a loucura foi excluída do domínio da verdade, sendo considerada incompatível com o pensamento racional. Enquanto o homem pode ser louco, o pensamento, como busca da verdade, não pode ser insano. Assim, estabelece-se uma linha divisória que torna impossível a experiência renascentista de uma "Razão irrazoável".

16. Além da exclusão filosófica da loucura por Descartes, Foucault destaca a experiência social da loucura na Idade Clássica. Nesse período, a formação do espaço de internamento está ligada a uma nova sensibilidade social, não mais religiosa, mas moral, que via a loucura como associada à pobreza, à incapacidade de trabalhar e à dificuldade de integração social. Assim, a loucura foi capturada e controlada por meio de instituições, refletindo uma mudança na percepção social e moral da época. Foucault falará sobre o fenômeno do "Grande Enclausuramento" que se espalhou pela Europa a partir do século XVII. Trata-se da criação de diversas instituições de internamento, como os Hospitais Gerais, destinadas a recolher indivíduos considerados desajustados ou fora dos padrões da normalidade clássica. Entre esses indivíduos estavam pobres, vagabundos, desempregados, libertinos e outros grupos marginalizados. Esse processo marcou a cisão entre razão e loucura, consolidando a exclusão social e institucional daqueles que não se enquadravam nos padrões estabelecidos pela sociedade da Idade Clássica. Nesse período, a loucura foi associada a outras formas de comportamento desviante, não sendo vista como uma enfermidade. Em vez disso, era entendida como uma perversão das leis da razão, algo que ofendia a moralidade social da época.
17. Foucault explica que, na Idade Clássica, a loucura se diferencia da razão de forma negativa, ou seja, como ausência ou transgressão dos limites claros da racionalidade. A loucura é percebida como desrazão, e sua exclusão é marcada por práticas, rituais e formas institucionais que reforçam essa separação. Foucault utiliza esses registros como evidências da relação entre razão e desrazão, mostrando como essa dinâmica preparou o surgimento da Idade Moderna e dos saberes que a acompanharam. Nesse sentido, na Idade Clássica, a experiência central da loucura não estava ligada a um procedimento médico, mas sim a uma prática social. O louco não era identificado como louco por uma condição patológica, mas porque a cultura da época o colocava no cruzamento entre o decreto social do internamento e o conhecimento jurídico que determinava a capacidade dos indivíduos como sujeitos de direito. A exclusão da loucura era mais um ato social e moral do que médico. Foucault argumenta que essa

experiência clássica da loucura, marcada por uma percepção moral, serviu de base para as concepções supostamente científicas e positivas do século XIX.

18. A psicopatologia do século XIX parte da ideia de que existe um "homo natura" ou um "homem normal", ou seja, um ser humano que representa um padrão de saúde e comportamento considerado natural e universal. Esse "homem normal" seria algo que existe antes da experiência da doença, como se fosse uma referência objetiva para definir o que é saudável ou doente. Foucault argumenta que essa ideia de "homem normal" não é um fato natural ou universal, mas uma construção histórica e social. A normalidade, portanto, não é uma realidade objetiva, mas uma categoria que foi construída ao longo do tempo, refletindo valores, interesses e práticas sociais. Por exemplo, o que é considerado "normal" em termos de comportamento, saúde mental ou físico varia conforme a época, a cultura e o contexto histórico. Foucault mostra que a medicina e a psicopatologia desempenharam um papel importante na definição desses padrões de normalidade, muitas vezes legitimando práticas de controle e exclusão.
19. O terceiro momento que Foucault descreve como se constrói a experiência da loucura parte pega o final do século XVIII e o início do XIX. Nesse período, a loucura foi medicalizada e transformada em "doença mental". Isso ocorreu com o surgimento do asilo, que reestruturou a experiência clássica do internamento, o transformando em um ato terapêutico. A loucura passou a ser individualizada, ganhando características próprias e sendo confinada em espaços institucionais exclusivos para os "loucos". Assim, a loucura se tornou uma categoria social específica, cujos traços foram objetivados e estudados como parte de um saber científico. Em resumo, a loucura foi apropriada pela razão e transformada em objeto de conhecimento médico.
20. Foucault afirma que a loucura "fecha o "homem" na objetividade", ou seja, ela se torna um fenômeno interno ao sujeito. Essa interiorização da loucura a transforma em um "fenômeno antropológico", psicologizando-a e abrindo caminho para o surgimento de uma ciência positiva do "homem". A existência de uma área da loucura, onde a experiência humana se torna objetiva, é essencial para a construção desse saber científico. Em outras palavras, a loucura, ao ser medicalizada e interiorizada, fornece as bases para a objetivação do "homem" como objeto de estudo científico.
21. O surgimento do saber psiquiátrico e psicológico não resulta de uma humanização do internamento ou de um avanço científico objetivo, mas de uma reestruturação da experiência clássica da loucura, na qual o médico assume um papel central. No asilo, a loucura foi transformada em "doença mental" e objetivada cientificamente, mas essa objetivação se baseou na alienação do louco em relação à figura do médico. O poder do médico não deriva tanto de seu conhecimento técnico, mas de sua autoridade moral, que representava a ordem e o controle sobre a loucura. Em síntese, a medicalização da loucura foi menos um avanço científico e mais uma reorganização moral e social. A experiência clássica da desrazão chega ao seu limite quando a loucura é internalizada no sujeito psicológico, associando-se a paixões, violência e crimes. É nesse momento que a medicina psiquiátrica se torna possível, transformando a loucura em uma forma "objetivável" de "doença mental".

A.3 - Síntese de conteúdos significativos: oitava e décima lição sobre Foucault

Livro base:

- YAZBECK, André Constantino. 10 lições sobre Foucault. Editora Vozes, 2021.

Capítulos utilizados para didatização:

- Oitava lição – Da “genealogia” desenvolvida por Michel Foucault;
- Décima lição – “Poder disciplinar” e o “dispositivo panóptico” na genealogia desenvolvida em Vigiar e punir.

1. O autor explica que a genealogia e a arqueologia são dois métodos de análise que se complementam, sendo a genealogia uma nova maneira de olhar para os mesmos problemas que a arqueologia já estudava. Enquanto a arqueologia se concentra em entender como os discursos (formas de falar e pensar sobre algo) são organizados e como eles mudam ao longo do tempo, a genealogia vai um passo além. Ela busca descobrir como esses discursos se conectam às instituições (como escolas, hospitais, prisões) e como eles influenciam práticas (ações e comportamentos) que vão além das palavras. Essas práticas, por sua vez, estão ligadas a formas específicas de poder — ou seja, como as pessoas são controladas, governadas ou influenciadas na sociedade.
2. A genealogia marca um período na obra de Foucault onde suas investigações se voltaram para a análise das formas de exercício do poder a partir de uma abordagem que visa localizar, no âmbito do saber, elementos de um dispositivo de natureza fundamentalmente política. Em outras palavras, trata-se de situar o saber (objeto da arqueologia) no contexto das relações de poder e das lutas políticas da Modernidade.
3. Yazbeck refere-se a Roberto Machado, segundo o qual, “A genealogia é uma análise histórica das condições políticas de possibilidade dos discursos”.
4. O poder político e o saber (ou conhecimento) estão sempre profundamente conectados, ao contrário da ideia de que eles são opostos ou separados. Em outras palavras, não existe uma divisão clara entre quem detém o poder e quem produz conhecimento. Pelo contrário, o poder político frequentemente usa o saber para se fortalecer, e o saber, por sua vez, é influenciado pelo poder.
5. Tradicionalmente, muitas pessoas pensam no poder como algo centralizado, ou seja, que vem de uma única fonte (como um rei, um governo ou uma autoridade) e desce para as pessoas comuns (os "súditos"). No entanto, o poder não é algo que só os

"grandes" têm; ele está presente em todas as relações sociais, agindo de maneira descentralizada e em rede.

6. A genealogia, no sentido proposto por Michel Foucault, não está interessada em encontrar uma origem única ou definitiva do poder. Em vez disso, ela se concentra em entender como as relações de poder funcionam e como as lutas por poder acontecem dentro da sociedade. Essas relações e lutas não estão localizadas em um único ponto, mas se espalham por todo o corpo social, ou seja, por todas as interações e instituições que compõem a vida em sociedade.
7. O poder não é apenas algo que proíbe ou controla; ele também é produtivo. Isso significa que o poder cria coisas: realidades, campos de estudo (como a psicologia ou a medicina) e até rituais que definem o que é considerado "verdade". Por exemplo, o poder cria a ideia de que certos comportamentos são "normais" ou "anormais", e isso influencia como as pessoas são vistas e tratadas.
8. O poder tem como alvo privilegiado o corpo do indivíduo em sua singularidade, buscando adestrá-lo e torná-lo útil e dócil através da incitação e indução a certos comportamentos e hábitos.
9. As obras características desse período genealógico são *Vigiar e punir* (1975) e *A vontade de saber* (1976). Nesses trabalhos, Foucault analisa a formação do sujeito moderno como um produto dos sistemas de saber e poder, correlato de dispositivos estratégicos políticos que impõem identidades constringentes. *Vigiar e punir* foca no nascimento das prisões e no "poder disciplinar" que incide sobre o corpo dos indivíduos através da vigilância e gestão de condutas e *A vontade de saber* examina a sexualidade como um referencial para a normalização no Ocidente moderno e o controle da população através da "biopolítica".
10. Em ambas as obras, Foucault critica a sociedade de normalização, onde a norma, e não a lei, se torna o principal domínio do exercício do poder. A lição também estabelece diferenças entre lei e norma, mostrando que a norma opera através da comparação, diferenciação e hierarquização, traçando fronteiras entre o normal e o anormal. As sociedades modernas são caracterizadas como sociedades de normalização em diversos âmbitos, como ensino, medicina e indústria.
11. Em *Vigiar e punir*, Foucault usa o conceito de "dispositivo panóptico" para mostrar como o poder controla as pessoas através da vigilância e da sensação de que sempre podem estar sendo observadas, sem necessidade de violência direta.
12. A análise genealógica em *Vigiar e punir* não se limita ao estudo da prisão em si, mas investiga uma "tecnologia de poder" que emerge na segunda metade do século XVIII. Nesse período, ocorre uma modificação fundamental nas práticas punitivas ocidentais, com a generalização da detenção como principal forma de punição, marcando a transição de uma economia do poder focada no corpo supliciado para uma focada no corpo disciplinado por meio de exame e vigilância. Assim, *Vigiar e punir*

examina os métodos punitivos como parte de uma “tática” ou “tecnologia política do corpo

13. Em *Vigiar e punir*, Foucault desenvolve sua análise sobre o poder a partir de três momentos:

1) o uso do espetáculo do corpo supliciado como método punitivo no século XVII, isto é: No século XVII, a punição era um espetáculo público, onde o corpo do condenado servia como um "palco" para demonstrar o poder da justiça e do soberano. Nessa época, a tortura e a execução eram realizadas diante de uma plateia, e a dor infligida ao corpo do criminoso não era apenas uma forma de castigo, mas também uma maneira de inscrever a verdade do crime. A dor física funcionava como uma linguagem que comunicava ao público a culpa do condenado e a força da lei. Essas punições públicas tinham um propósito claro: reafirmar a autoridade do soberano e manter a ordem social. Ao assistir ao sofrimento do condenado, as pessoas eram lembradas das consequências de desafiar as regras. O espetáculo da dor servia para intimidar e disciplinar a população, garantindo que todos entendessem o que aconteceria com quem desobedecesse.

2) o surgimento de uma nova economia política do poder de punir no século XVIII; Este período é marcado pela reivindicação de uma penalidade mais branda, com “medida” e “humanidade” como justificativas. No entanto, para Foucault, essa mudança não se deu por um progresso moral, mas por transformações complexas nos domínios econômico, político e social, como a passagem de uma criminalidade de sangue para uma de fraude, exigindo uma nova política em relação à gestão da população. A reforma do direito penal visava remanejar o poder de punir para torná-lo mais regular, eficaz e menos custoso.

3) a formação da "sociedade disciplinar", que marca a Modernidade: diferentemente de uma sociedade de espetáculos, a sociedade Moderna é de vigilância. A modificação nas práticas punitivas no final do século XVIII está ligada a uma nova tecnologia punitiva que tem na vigilância e na distribuição da visibilidade do espaço seu principal modo de operação. É neste contexto que Foucault introduz a “máquina panóptica”, baseada no modelo arquitetônico de Jeremy Bentham.

14. O “panoptismo” é caracterizado como o exercício de um dispositivo de poder disciplinar onde a vigilância regrada e permanente constitui o princípio geral de uma “anatomia política” focada nas relações de disciplina. No entanto, o Panóptico não é apenas uma tecnologia prisional, mas um mecanismo de poder que pode ser encontrado em diversas instituições da sociedade disciplinar, como hospitais, exércitos, escolas e fábricas. A prisão é vista como a forma mais completa do aparelho disciplinar panóptico, onde a distribuição dos corpos em um espaço de visibilidade e a vigilância permitem o controle da atividade individual para maximizar a utilidade produtiva.

15. O poder disciplinar é eficaz porque utiliza instrumentos simples, mas poderosos, para controlar e moldar o comportamento das pessoas. Esses instrumentos são:

- 1) o olhar hierárquico, que se refere à vigilância constante, onde o simples fato de saber que estão sendo observadas faz com que as pessoas se comportem de maneira "adequada";
 - 2) a sanção normalizadora, que estabelece normas sobre o que é considerado "normal" ou "anormal", recompensando quem segue as regras e punindo quem as desobedece; e
 - 3) o exame, que avalia e classifica os indivíduos, como provas na escola ou avaliações de desempenho no trabalho, garantindo que todos se encaixem nos padrões estabelecidos. Quando combinados em um procedimento específico, esses instrumentos criam um sistema eficiente de controle, que não depende de violência ou força bruta, mas sim da ameaça de vigilância, da pressão para se ajustar às normas e da constante avaliação.
16. O Panóptico, mais do que uma simples forma arquitetônica, representa uma forma de governo e um modo de exercício do poder disciplinar. Criado por Jeremy Bentham e analisado por Michel Foucault, ele simboliza um sistema de vigilância onde o controle é exercido não pela força física, mas pela ameaça constante de ser observado. Essa estrutura, com uma torre central que permite vigiar todos os indivíduos sem que eles saibam se estão sendo observados, serve como metáfora para entender como o poder age de forma sutil e eficiente. O Panóptico mostra que o poder disciplinar não precisa ser violento ou visível; basta a sensação de estar sempre sob vigilância para moldar comportamentos e garantir a obediência. Assim, ele se torna uma ferramenta poderosa para governar e controlar as pessoas de maneira discreta e contínua.
17. A forma-prisão, como mecanismo central do panoptismo na sociedade disciplinar, já estava presente e funcionando antes de ser formalizada nas leis penais. No final do século XVIII, ela surgiu como parte do processo geral de disciplinarização da sociedade, ou seja, como uma ferramenta para controlar e moldar o comportamento das pessoas. Antes mesmo de se tornar um sistema legalizado de punição, a lógica da prisão — baseada na vigilância, no controle e na correção dos indivíduos — já estava sendo aplicada em escolas, hospitais, fábricas e outras instituições. Isso mostra que a prisão não foi inventada de repente; ela foi o resultado de uma sociedade que já estava se organizando em torno de princípios disciplinares, onde o poder atuava de forma sutil e constante para garantir a obediência e a produtividade.
18. O poder de punir não se espalha pela sociedade porque as pessoas têm uma consciência universal do que é certo ou errado. Em vez disso, ele se generaliza por meio da extensão regular e da trama dos processos panópticos. A extensão regular refere-se à presença constante e organizada do poder em diversos espaços, como escolas, hospitais, fábricas e prisões, criando uma rede de controle que abrange toda a sociedade. Já a trama dos processos panópticos diz respeito ao sistema de vigilância inspirado no Panóptico de Jeremy Bentham, onde a simples sensação de estar sendo observado é suficiente para moldar o comportamento das pessoas, mesmo que não haja uma vigilância real. Assim, o poder de punir não depende de

uma consciência coletiva, mas sim de mecanismos sutis e constantes de vigilância e controle que garantem a obediência e a conformidade das pessoas.

APÊNDICE B:

2º ETAPA DE DIDATIZAÇÃO – TEXTO DIDATIZADO PARA ESTUDANTES

Sociologia – Ensino Médio	Colégio: _____
	Docente: _____
	Estudante: _____
	Turma: _____
Data: __/__/__	

Michel Foucault: contexto, obra e métodos



Elaborado por Valéria Moura Toledo

Doutoranda em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (ENSP/Fiocruz)

Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPCIS/UERJ)

Graduação em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

E-mail para contato: valeriatol13@gmail.com

Apresentação

Olá, estudantes e docentes!

Este material didático foi criado com o intuito de apresentar aspectos da vida e da obra do filósofo francês Michel Foucault, um dos pensadores mais importantes do século XX.

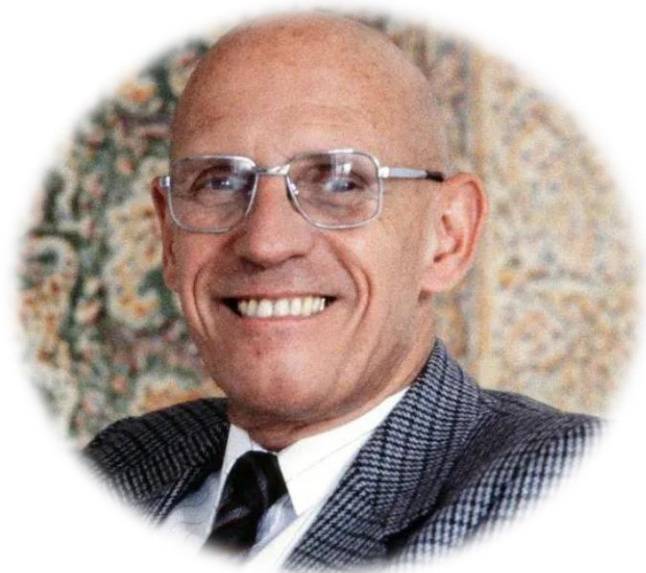
Foucault foi um filósofo, historiador das ideias e teórico social cujas reflexões nos ajudam a compreender como o poder, o conhecimento e as instituições moldam a vida em sociedade. Embora tenha vivido e escrito no século XX, a partir de acontecimentos de seu contexto, suas teorias e conceitos continuam atuais para analisarmos a realidade social de hoje, o que reforça a relevância de sua obra e a torna digna de nossa atenção.

A criação deste roteiro de estudo teve como objetivo oferecer algumas contribuições intelectuais do pesquisador, tais como: teoria, métodos e conceitos desenvolvidos em suas investigações, para que vocês, estudantes e professores, possam utilizá-los como ferramentas para analisar a realidade social, questionando-a e nela intervindo sempre que possível.

Avante sempre e bons estudos!

1. Um filósofo por trás da “história das coisas”: Foucault e a sua vontade de saber

Figura 1 - Michel Foucault



Fonte: Sr. BANCILHON/AFP, 1984

[...] não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo [...]

Michael Foucault – A Arqueologia do Saber, 2005, p. 20

Paul-Michel Foucault nasceu em 15 de outubro de 1926, em Poitiers, França, em uma família abastada e com forte tradição médica. Seu pai, Paul-André Foucault, era um cirurgião renomado e filho de um médico conhecido, cujo nome Foucault herdou. Sua mãe, Anne Malapert, também filha de um cirurgião, sonhava em seguir a carreira médica, mas foi impedida pelas restrições de gênero da época. Apesar disso, manteve estreitos laços com a área e seu filho mais novo, Denys Foucault, seguiu a profissão, consolidando a influência da medicina na família.

Embora Michel Foucault não tenha escolhido a medicina como carreira, optando por estudar Filosofia na Sorbonne (1948) e Psicologia na École Normale Supérieure (1949), os discursos

médicos tiveram forte influência em sua produção intelectual. Foucault mostrou que a medicina não é uma ciência neutra, interessada apenas em cuidar da saúde das pessoas. Ela também tem um papel importante no controle dos corpos e no funcionamento da sociedade, uma vez que - a partir de práticas de observação, classificação e intervenção - define o que é "normal" e o que não é, influenciando a forma como as pessoas se comportam e são tratadas.

Um fato importante sobre a sua vida, que repercutiu na sua produção intelectual, foi sua passagem por hospitais psiquiátricos, não apenas como estudante de psicologia, mas também como paciente após tentar suicídio aos 22 anos. Segundo o biógrafo Didier Eribon, além de manter uma relação conturbada com o seu pai, que desejava que ele seguisse a carreira médica, Foucault enfrentou dificuldades por ser um homem homossexual em uma sociedade profundamente intolerante às diferenças.

Se hoje em dia temos conquistas políticas e garantias de direitos em relação à comunidade LGBTQIAPN+, naquele período a situação era totalmente diferente: a homossexualidade era muito estigmatizada - e estigmatizante -, sendo vista ora como um desvio moral, ora como uma doença. Por isso, a pressão social e o preconceito vigente contribuíram para episódios de profundo sofrimento em sua vida.

Contudo, as experiências pessoais somadas às observações realizadas nos hospitais psiquiátricos como estagiário e pesquisador permitiu que ele estudasse as práticas médicas, o tratamento dado aos pacientes considerados loucos e a estrutura desse tipo de instituição. Sua

vivência forneceu material empírico não somente para criticar a maneira como a sociedade moderna entende e lida com a loucura e com aqueles considerados “desviantes sociais”, mas também para entender como as instituições psiquiátricas funcionam como mecanismo de controle e exclusão.

Além disso, é importante destacar que a homossexualidade é parte constitutiva tanto da vida quanto da obra de Foucault, sendo fundamental considerá-la para uma interpretação mais completa de seu pensamento, já que está presente nas preocupações pessoais e intelectuais que orientaram a escolha dos temas de suas pesquisas. No entanto, não devemos reduzir toda a sua produção teórica à sua orientação sexual, tendo ela como a categoria central para interpretar a totalidade de sua obra.

Sua proximidade com a psiquiatria e com o tema da sexualidade renderam duas de suas principais obras: *História da loucura na idade clássica*, publicado em 1961, e os quatro volumes de *História da sexualidade*. Sobre esse último, os três primeiros livros foram publicados entre as décadas de 1970 e 1980 e o quarto em 2018, 34 anos após sua morte, em 1984.

Figura 2 - Capas dos quatro volumes da coletânea “História da sexualidade” de Michael Foucault



Fonte: Imagem de divulgação Editora Paz & Terra, 2020

Sobre a relação entre sua vida e obra, em uma entrevista realizada em maio de 1981 com o escritor e filósofo Didier Eribon intitulada “Então é importante pensar”, Foucault reflete:

Toda vez que tentei fazer um trabalho teórico foi a partir de elementos da minha própria experiência, sempre em relação com processos que via se desenrolarem à minha volta. Porque eu julgava reconhecer fendas, abalos surdos, disfunções nas coisas que via, nas instituições às quais estava ligado, em minhas relações com os outros, foi que empreendi tal trabalho - um fragmento de autobiografia.

Figura 3 – ilustração de entrevista



Fonte: banco de imagens do Word

A entrevista completa pode ser encontrada no link:

<https://michel-foucault.weebly.com/textos.html>

1.1 Contexto político, histórico e social da produção foucaultiana

Nascido no período entre guerras, Michel Foucault viveu em um contexto marcado por profundas transformações políticas, econômicas e sociais.

Ele testemunhou a França, seu país natal, ser profundamente impactada pela Segunda Guerra Mundial, especialmente durante a ocupação nazista (1940-1944). Além disso, acompanhou o início da Guerra Fria - que dividiu o mundo em dois blocos, liderados pela União Soviética e pelos Estados Unidos - e viu deflagrar a Guerra da Argélia (1954-1962), país que foi uma colônia francesa e que após o fim desse conflito conseguiu se tornar independente.

Embora não tenha participado ativamente de protestos ou organizações contra essa guerra - uma vez que nesse período estava lecionando em países como Suécia, Polônia e Alemanha -, Foucault se posicionou de forma crítica em relação ao colonialismo e à violência do Estado francês durante o embate.

Foucault esteve inserido em um contexto intelectual privilegiado. Além de viver em um período de intensa efervescência política e cultural, ele pode dialogar com grandes pensadores da época, como Jean Hyppolite, Maurice Merleau-Ponty, Georges Dumézil, Georges Canguilhem e Louis Althusser. Este último, aliás, teve um papel significativo em sua trajetória: além de ser seu mentor na graduação, ele foi responsável por sua filiação ao Partido Comunista Francês (PCF) em 1950, onde permaneceu por três anos.

O motivo da desfiliação foi a existência de divergências ideológicas e políticas com o partido. Dentre elas, a defesa do stalinismo, fortemente

presente dentro do PCF, a postura conservadora com a Guerra da Argélia e a homofobia institucionalizada. Além disso, as teorias desenvolvidas por Foucault sobre o poder e as instituições não estavam alinhadas com o marxismo ortodoxo defendido pelo PCF.

Além desses nomes, Foucault foi próximo outros dois grandes pensadores franceses: Jacques Derrida, que foi seu aluno na École Normale Supérieure nos anos 1950, e Jean-Paul Sartre, teórico marxista-existencialista, com quem travou intensos debates teóricos.

Sartre não teve influência direta sobre Michel Foucault, uma vez que não atuava no sistema universitário, mas ele foi o principal pensador da geração anterior na França. Ambos compartilhavam críticas à cultura burguesa e à estrutura social francesa, que privilegiava as elites, além de simpatizarem com grupos marginalizados, como pessoas com transtornos mentais, homossexuais e presos. Além disso, ambos tinham interesse comum por literatura, psicologia e filosofia.

Embora tivessem divergências políticas e teóricas, Foucault e Sartre compartilharam momentos de militância, especialmente durante os anos 1960 e 1970. Ambos participaram ativamente de manifestações e protestos, se unindo em causas comuns, como a luta contra o colonialismo, a defesa dos direitos dos trabalhadores e a oposição à repressão estatal.

1.2 Um intelectual engajado

Michel Foucault pode ser definido como um intelectual engajado. Durante o período que esteve como professor na Universidade de Túnis (Tunísia), em 1966, apoiou estudantes envolvidos em revoltas anti-imperialistas, os protegendo da repressão e demonstrando solidariedade à luta.

No final de 1968, ao ser nomeado para organizar o departamento de Filosofia da recém-criada Universidade de Vincennes - instituição construída no contexto dos protestos estudantis e das greves gerais na França, com o objetivo de ser uma universidade experimental e inovadora -, Foucault se envolveu diretamente na agitação universitária, apoiando as ocupações e os protestos de estudantes e professores, sendo, inclusive, detido por conta disso algumas vezes.

Sua atuação em Vincennes incentivou um ambiente de ensino crítico, engajado, e com o ensino sendo realizado de forma mais horizontal, rompendo com as estruturas tradicionais da academia. A ideia era desconstruir a figura do professor como detentor absoluto do conhecimento e incentivar os estudantes a participarem ativamente do processo de aprendizagem.

Além de apoiar as lutas estudantis nas universidades em que lecionava, Foucault, junto com outros intelectuais, foi um dos fundadores do Grupo de Informação sobre as Prisões (GIP), grupo de pesquisa criado em 1971. O GIP foi uma iniciativa que tinha como intuito denunciar as péssimas condições das prisões francesas, para isso, utilizavam como ferramenta os depoimentos dos próprios encarcerados.

O grupo questionava não apenas o sistema penal, mas também a função social da prisão, revelando como ela atuava como um mecanismo de controle e exclusão. Essa iniciativa refletia a

crítica foucaultiana às instituições de poder e o seu compromisso com a transformação social, ao dar voz aos sujeitos marginalizados e ao desafiar as estruturas opressivas do sistema carcerário.

Pode-se dizer que o GIP foi um laboratório prático para as ideias desenvolvidas no livro *Vigiar e Punir*, publicado em 1975, e que discutiremos mais adiante.

Importante ressaltar que, para Foucault, a militância representava uma forma de ação direta e engajada. Ele criticava a ideia de que o intelectual deveria assumir o papel de líder ou porta-voz dos movimentos sociais, como era comum em figuras como Jean-Paul Sartre. Em vez disso, acreditava que o papel do intelectual era fornecer ferramentas teóricas e análises críticas para auxiliar os grupos marginalizados a compreenderem e contestarem as estruturas de poder que os oprimiam.

Foucault defendia o conceito de intelectual específico, isto é, um intelectual que atua em áreas concretas e localizadas, como a educação, saúde, sistema prisional, e que colabora com os movimentos sociais sem impor suas próprias visões ou soluções. Essa postura reflete a ideia tão trabalhada em seus livros de que o saber e o poder estão intrinsecamente ligados, e que a luta contra a opressão deve ser feita de forma coletiva e horizontal.

Todo o contexto político, histórico e social em que viveu, bem como suas experiências pessoais, foram fundamentais para Foucault desenvolver seu repertório teórico-conceitual e se constituir como um dos intelectuais mais originais e influentes do século XX.

1.3 Principais obras

Ao longo de sua trajetória, Michel Foucault abordou uma miríade de temas, aprofundando conceitos fundamentais em suas obras, como saber, poder e discurso. Eles podem ser observados em:

- *História da loucura (1961)*;
- *O nascimento da clínica (1963)*;
- *As palavras e as coisas (1966)*;
- *A arqueologia do saber (1969)*;
- *Vigiar e punir (1975)*.

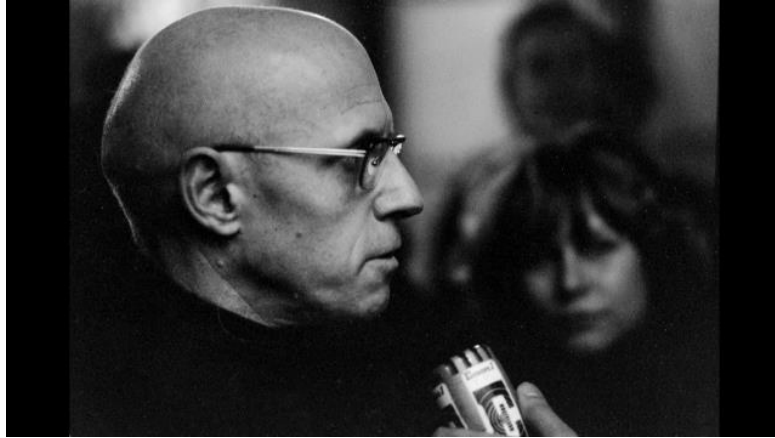
A partir de 1976, Foucault iniciou seu projeto *História da sexualidade*, que resultou na publicação, ainda em vida, de três volumes: *A vontade de saber (1976)*, *O uso dos Prazeres (1984)* e *O cuidado de si (1984)*. Um quarto volume, intitulado *As confissões da carne*, foi publicado em 2018, trinta e quatro anos após sua morte por complicações decorrentes da AIDS, em 1984. A publicação ocorreu graças a uma decisão de seu companheiro, Daniel Defert, que considerou que o texto estava suficientemente finalizado. No entanto, isso contrariou uma decisão expressa no testamento de Foucault: ele não queria que suas obras inéditas fossem publicadas postumamente.

Foucault era conhecido por seu rigor com os textos, por isso, os revisava incessantemente em busca de precisão e clareza. Além disso, como um historiador das ideias profundamente comprometido, ele tinha uma preocupação ética sobre como suas ideias poderiam ser interpretadas, temendo que pudessem ser mal compreendidas ou distorcidas após sua morte.

Visite o material complementar:

- Documentário “Foucault contra si mesmo”: <https://youtu.be/PSsJ-62CqKE>
- Café filosófico com Margareth Rago – “Foucault, a filosofia como modo de vida”: <https://youtu.be/iw6zuBlocll>

Figura 3 – Michel Foucault



Fonte: Imagem de arquivo exibida no filme “Foucault Contra Ele Mesmo”, [2014]

Agora, vamos ler um trecho da entrevista de Michel Foucault cedida a André Berten na Universidade Católica de Louvain, Bélgica, em 1981, em que expressa seu interesse pela história das coisas:

• **Berten** — Mas em relação a essa atualidade a forma que você elabora a história me parece original; ela me parece regulada pelo mesmo objeto que você analisa. É em razão dos problemas que você percebe como frágeis ou chave em nossa sociedade que você precisa refazer a história de maneira específica?

Foucault — A nível dos objetivos que me coloco quando faço essa história, muitas vezes as pessoas julgam o que eu fiz como um tipo de análises complicadas, um pouco excessivas e que levam finalmente ao resultado: “Meu Deus, como estamos aprisionados em nosso sistema”; “quantos laços nos prendem” e “que difícil desfazer os nós que a história fez ao nosso redor”. Mas na realidade, eu faço o contrário, porque quando eu estudo, a loucura, a prisão, etc... tomemos o exemplo da prisão: quando há alguns anos se discutia, no início dos anos 70 sobre a reforma do sistema penal, me chamava a atenção que se colocava a questão teórica do direito de punir, se colocava a questão da instalação do regime penitenciário. Mas esta espécie de evidência de que a privação de liberdade é a forma mais simples, lógica, razoável, equitativa, de castigar alguém porque cometeu uma infração, não se questionava. Agora bem, o que eu tenho tentado mostrar é o quanto esta adequação que nos parece clara e simples da pena com a privação de liberdade é na realidade algo recente. É uma invenção técnica de origem antiga, mas que se integrou no interior do sistema penal e que começa a fazer parte da racionalidade penal, no final do século XVIII. E então tentei questionar as razões pelas quais a prisão se converteu em uma espécie de evidência em nosso sistema penal. Se trata, portanto, uma questão de fazer as coisas mais frágeis através dessa análise histórica ou melhor mostra a vez, por que e como, as coisas se constituíram assim. Uma vez que, ao mesmo tempo, se constituíram através de uma história precisa.

Há que mostrar a lógica das coisas, ou se você quiser, a lógica das estratégias no interior das coisas que se

tem produzido e mostrar que não são somente estratégias e que, portanto, mudam algumas coisas, mudam estratégias, vendo as coisas de outra forma, o que me parece evidente, não é. Nossa relação com a loucura é uma relação que está historicamente constituída e se está historicamente constituída, pode ser politicamente destruída. Eu digo politicamente em sentido amplo. Em qualquer caso há possibilidades de ação, posto que é através de ações e reações, através de lutas e conflitos, ao tratar com certos problemas se tem chegado a essas soluções. Querendo reintegrar muitas evidências de nossa prática, na mesma história dessas práticas. E roubar de seu estatuto de evidências para lhes dar mobilidade que tiveram e que devem ter em nossas práticas.

• **Berten** — E no fundo, o tipo de história que você tem feito é uma análise das estratégias, mas também uma análise da maneira em que algumas práticas têm buscado seu próprio fundamento.

Foucault — Absolutamente. Eu diria que é uma história, (...) a história das problematizações, a história da forma em que as coisas colocam um problema. Como e por que e sobre qual modo particular a loucura tem sido um problema no mundo moderno? Por que se converteu em um problema importante? Problema tão importante que algumas coisas como a psicanálise tão difundida através de nossa cultura formam parte de um problema que era um problema interior as relações que se poderiam ter com a loucura. É a história desses problemas. De qual novo modo é um problema a enfermidade? – que sempre era um problema, mas se tornou um novo modo de problematização da enfermidade a partir dos séculos XVIII e XIX.

Então, não é nem a história das teorias, nem a história das ideologias, nem mesmo a história das mentalidades que me interessam. É a história dos problemas, a genealogia dos problemas que me interessa. Por que um problema? E por que este tipo de problema? Por que determinado modo de problematização aparece em certo momento em tal ou qual âmbito? (...)

EXERCÍCIO DE REFLEXÃO

A partir do que estudamos sobre Michel Foucault e a profunda relação entre sua vida e obra, reflita e responda:

- Que problema social esbarra no seu corpo?
- Qual é o contexto em que você está inserido?

Escreva uma redação na qual você apresentará uma **questão social que te atravessa**, como você a experiencia e o contexto em que está inserido. Caso seja possível, utilize como referência um **autor da Sociologia** que você estudou e que te inspira a pensar sobre esse tema, explicando como ele contribui para sua reflexão.

Orientações para a Redação:

- **Formato e Apresentação:**

- Utilize letra legível (caligrafia clara) e preste atenção à redação das frases, garantindo que sejam compreensíveis.
- Escolha um título criativo para o seu texto.
- Escreva com lápis de grafite escuro ou caneta de cor escura (azul ou preta).
- O texto deve ter entre 15 e 30 linhas.

- **Cabeçalho:**

- Nome completo:
- Turma:
- Data de entrega:
- Nome da(o) professora(o):
- Disciplina:

- **Formato da Folha:**

- A redação pode ser feita em folha A4 ou folha de caderno.
- Caso utilize folha de caderno, não deixe picotes na lateral.

Estrutura sugerida para o texto:

1. Introdução:

- Apresente a questão social que você escolheu e como ela se relaciona com a sua vida.
- Contextualize brevemente o problema, explicando por que ele é relevante e afeta outras pessoas.

2. Desenvolvimento:

- Descreva como você experiencia essa questão no seu dia a dia.
- Utilize um/a pesquisador/a que você viu anteriormente em aulas de Sociologia/Filosofia, caso dialogue com o tema que irá abordar, para ajudar a refletir sobre o tema.
- Explique como as ideias desse/a pesquisador/a te inspiram a pensar sobre esse tema.

3. Conclusão:

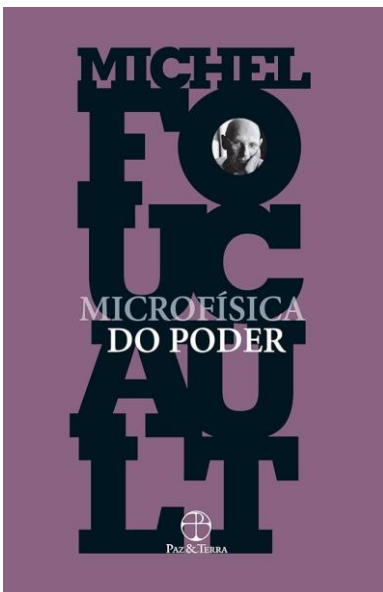
- Reflita sobre possíveis caminhos para enfrentar ou compreender melhor o problema.
- Finalize com uma frase que sintetize a sua reflexão.

4. Dicas adicionais:

- Seja pessoal, expresse sua subjetividade, mas mantenha o texto organizado e reflexivo.
- Use exemplos concretos da sua experiência para ilustrar suas ideias.
- Relacione o problema social escolhido com conceitos sociológicos abordados em aula.

2. Afinal de contas, saber é poder?

Figura 4 – Capa do livro
Microfísica do poder



Uma teoria é como uma caixa de ferramentas. Nada tem a ver com o significativo. É preciso que sirva, é preciso que funcione. E não para si mesma. Se não há pessoas para utilizá-la, a começar pelo próprio teórico, que deixa então de ser teórico, é que ela não vale nada ou que o momento ainda não chegou. Não se refaz uma teoria, fazem-se outras; há outras a serem feitas. (...) Proust que o tenha dito tão claramente: tratem meus livros como óculos dirigidos para fora e, se eles não lhes servem, consigam outros, encontrem vocês mesmos seu instrumento, que é forçosamente um instrumento de combate. A teoria não totaliza; a teoria se multiplica e multiplica.

(Fala do filósofo francês Gilles Deleuze em entrevista com Michel Foucault, publicada no livro *A microfísica do poder*, no capítulo intitulado “Os intelectuais e o poder”)

Fonte: Imagem de divulgação
Editora Paz & Terra, [2014]

2.1 Foucault e sua caixa de ferramentas: por uma teoria da “multiplicação”

No trecho acima, Deleuze, filósofo francês que foi aluno de Foucault, nos mostra que a teoria, isto é, um conjunto de ideias sistematizadas dentro de um campo do conhecimento, funcionam como uma **caixa de ferramentas**, ou seja, como um conjunto de instrumentos práticos que podemos usar para analisar, compreender e intervir no mundo. Quando essas ferramentas são bem utilizadas, quando conseguimos nos apropriar do máximo de funções possíveis que elas nos oferecem, a ciência, o conhecimento, perdem o seu caráter abstrato e distante e se tornam algo vivo, praticável.

A metáfora do “par de óculos” utilizada inicialmente por Proust, como ele cita, nos ajuda a visualizar bem essa ideia. Os óculos nos ajudam a corrigir uma infinidade de problemas relativos à

percepção da realidade: se a vista está embaçada, ele nos ajuda a focar; se não vejo de longe, ele aproxima; se o problema é estrabismo, ele alinha os olhos.

Ao afirmar que “a teoria não totaliza; a teoria se multiplica e multiplica”, Deleuze critica a ideia de uma “explicação universal” para tudo. Em vez disso, ele defende que a teoria **deve** se multiplicar, criando outras perspectivas, novos conceitos, abordagens. Se até a miopia, que é algo geral e afeta muitas pessoas no mundo, tem vários níveis, graus, quem dirá o conhecimento sobre algo. Isso reflete a complexidade e a diversidade do mundo real, que não pode ser explicado de uma única forma.

Essa é a proposta desse texto, demonstrar como o trabalho de Michel Foucault nos apresenta uma caixa de ferramentas para analisarmos a realidade social. Isso se dá porque, em suas pesquisas, ele não propõe um sistema teórico fechado ou uma doutrina rígida, antes, oferece

conceitos e métodos que podem ser adaptados e aplicados de maneiras diversas, a depender do contexto e das necessidades de quem os utiliza. Essa abordagem do autor é intencional e reflete a visão que ele defende: que o conhecimento deve ser útil, crítico e transformador.

2.2 Como pensar com Foucault?

a. Influências

Foucault realizou seu doutorado, em Filosofia na Sorbonne, em 1961, sob a orientação de Georges Canguilhem, que foi um filósofo, médico e historiador das ciências francês.

Figura 5 – Georges Canguilhem



Autoria desconhecida, [19--]

Nessa circunstância ele escreveu o que viria a ser uma das suas obras mais conhecidas: *História da loucura na idade clássica*, publicado inicialmente como *Loucura e desrazão: história da loucura na idade clássica*.

Nessa obra, Foucault desafiou concepções estabelecidas sobre a loucura, a psiquiatria e a história, além de questionar as bases do pensamento científico e humanista. Sobre esse texto, falaremos mais adiante.

Contudo, o que não podemos deixar de mencionar é a influência de Georges Canguilhem em seu pensamento, especialmente no que se refere aos métodos de análise desenvolvidos por

Foucault, conhecidos como **arqueologia e genealogia**.

Em suas pesquisas, Canguilhem partia da perspectiva da **epistemologia francesa**, uma corrente do pensamento que surgiu no século XX e revolucionou a forma de entender o conhecimento científico. Os pesquisadores inseridos nesse movimento filosófico tinham como intuito investigar como o conhecimento científico é produzido, organizado e transformado ao longo do tempo. Eles se concentram em analisar a **história das ciências** a partir de uma perspectiva crítica, isto é, questionando a ideia de que a ciência evolui de maneira linear e cumulativa. Além disso, eles apontam para as rupturas e transformações que ocorrem no processo de produção do conhecimento.



Exemplo prático

Para demonstrar essa ideia, podemos citar a física clássica de Newton, que dominou o pensamento científico por muito tempo, mas foi questionada e superada pela física quântica no início do século XX. Essa mudança não representou apenas uma adição de novos conhecimentos, mas uma transformação radical na forma de entender o universo.

Os teóricos dessa corrente defendem que o **conhecimento científico** não é fixo ou imutável, mas sim algo que está sempre em transformação, sendo um produto do seu tempo e contexto. Dessa forma, cada época tem suas próprias formas de

entender o mundo, e essas formas mudam ao longo da história.

Foucault se inspirou nessa ideia fundamental da epistemologia francesa para questionar as narrativas tradicionais da história do pensamento, ou seja, para compreender por que as coisas são como são e, a partir disso, **desenvolver uma metodologia que enfatiza a historicidade** e a materialidade dos discursos. Nesse sentido, fazer uma análise histórica sobre o conhecimento é o seu ponto de partida.

b. Metodologias

▪ Arqueologia

A produção intelectual de Michel Foucault se transformou ao longo dos anos. Observamos essas mudanças tanto nos temas que ele estudou quanto na forma como ele investigou cada um deles.

Sobre isso, por convenção, os estudiosos de Foucault optaram por dividir sua obra em duas fases, denominadas arqueológica e genealógica. Embora ambas estejam interligadas, há diferenças significativas entre elas.

ATENÇÃO: Podemos considerar tanto a arqueologia quanto a genealogia duas ferramentas de trabalho, uma vez que dizem respeito à forma como podemos analisar determinado tema de interesse.

Na fase **arqueológica**, Foucault se dedicou a estudar como o **saber é organizado em diferentes épocas da história**. Ele queria entender como as pessoas, em cada período, pensavam sobre o mundo e sobre si mesmas. Para isso, ele analisou os **discursos** — ou seja,

as formas de falar, escrever e pensar — que eram considerados verdadeiros em cada época.

ATENÇÃO: Discurso é um conceito central no trabalho foucaultiano, ele funciona como uma ferramenta importante para analisarmos como o conhecimento, o poder e as normas sociais são produzidos e mantidos.

Por exemplo, em seu livro *História da loucura na idade clássica*, a sua tese de doutorado, Foucault diz que, no passado, as pessoas acreditavam que a loucura era causada por espíritos malignos, mas, com o tempo, isso mudou, e a loucura passou a ser vista como uma doença mental.

Nesse sentido, **o discurso sobre o que significa ser louco** mudou ao longo do tempo. Foucault mostra que essas mudanças não acontecem por acaso, mas são frutos de uma série de **processos históricos e sociais** que **produzem** determinados tipos de **verdades**.

Nesse sentido, a **produção de verdade** está intrinsecamente ligada à **produção do conhecimento** e à **criação de normas sociais**. Ou seja, implica a criação de um campo do conhecimento (como é o caso da psiquiatria) e de normas que fazem parte da experiência de ser “louco”. Exemplos disso incluem a internação em manicômios, a lobotomia (intervenção cirúrgica adotada desde a década de 1930, que desligava o encéfalo dos lobos frontais direito e esquerdo visando alterações comportamentais). Ambas as práticas eram comuns no passado, gerando a exclusão desse grupo social e sua medicalização, entre outros aspectos agressivos – vide Masiero 2003³.

³ Para conhecer mais sobre esse tipo de cirurgia, consulte o artigo científico “A lobotomia e a leucotomia nos manicômios brasileiros” Link do artigo: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702003000200004>

Importante ressaltar que, para Foucault, o que chamamos de “verdade” não é algo universal, objetivo ou imutável, mas sim **produzido** dentro de contextos históricos e sociais específicos, por meio de práticas discursivas e não discursivas.

A verdade, portanto, é sempre relativa ao poder e ao saber que a sustentam.



Exemplo prático: qual a verdade sobre as mudanças climáticas?

Recentemente, temos lidado com um tema cada vez mais urgente: as mudanças climáticas. Podemos dizer que a "verdade" sobre esse fenômeno é construída por meio de discursos científicos, políticos e midiáticos. A ciência, por exemplo, produz dados e modelos que mostram o impacto das atividades humanas no aquecimento global. Esses discursos científicos são amplamente divulgados e aceitos como "verdades" pela comunidade internacional.

No entanto, há também narrativas contrárias, como as de grupos que negam a crise climática. Esses grupos produzem suas próprias "verdades", muitas vezes baseadas em interpretações seletivas de dados ou em interesses econômicos.

Daí a importância de nos perguntarmos de onde vêm as fontes do que sabemos sobre esse assunto. O conhecimento relacionado ao clima é produzido por cientistas, pesquisadores e instituições como o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC). Esse conhecimento inclui estudos sobre o aumento das temperaturas globais, o derretimento das calotas polares e o impacto das emissões de gases de efeito estufa. O conhecimento não é neutro. O conhecimento é financiado. O conhecimento é divulgado e interpretado dentro de contextos políticos e econômicos específicos. Por exemplo, empresas de combustíveis fósseis podem financiar pesquisas que minimizem o impacto humano no clima, enquanto governos e ONGs podem promover estudos que destacam a urgência de ações para reduzir as emissões.

As "verdades" e os conhecimentos sobre as alterações climáticas levam à criação de normas sociais e políticas. Por exemplo, a aceitação generalizada de que o aquecimento global é um problema urgente levou à adoção de acordos internacionais como o Acordo de Paris (2015), que estabelece metas para a redução de emissões. Essas normas sociais incluem mudanças no comportamento individual (como reciclagem, uso de transporte público e redução do consumo de carne) e políticas públicas (como incentivos para energias renováveis e taxaço de carbono). Por outro lado, os discursos que negam a crise ambiental também criam normas sociais, como a resistência a políticas ambientais e a manutenção de práticas industriais poluentes.

DICA: Caso tenha interesse em saber mais sobre as mudanças climáticas e seus efeitos sobre a vida na Terra, a partir de uma perspectiva crítica e engajada, indico o seguinte vídeo do youtube: Tempero Drag – A crise ambiental: <https://youtu.be/0qQ5SWv0WGs>

Fazem parte da fase arqueológica os seguintes livros de Foucault:

- *História da loucura na Idade Clássica* (1961);
- *O nascimento da clínica: uma arqueologia do olhar médico* (1963);
- *As palavras e as coisas: uma arqueologia das Ciências Humanas* (1966);
- *A arqueologia do saber* (1969).

▪ A genealogia

Se na fase arqueológica Foucault se debruçou a investigar o **saber**, isto é, **o que é considerado verdade em determinado tempo histórico**, na fase genealógica, ele passou a se interessar mais pelo **poder**.

ATENÇÃO: Para Foucault, o saber não é apenas um conjunto de informações ou teorias, mas uma **prática social** que está intimamente ligada ao exercício do poder. O saber, enquanto conceito, também pode ser útil como uma ferramenta de análise social.

A "**genealogia**" foi o método de análise utilizado por ele para demonstrar que as ideias e as práticas sociais possuem uma história, e essa história está relacionada com o poder, que não só controla os indivíduos, mas também produz conhecimento, normas e identidades.

Diferente das teorias tradicionais, que enxergam o poder como algo centralizado (por exemplo, que vem do Estado) e exercido repressivamente (através da coerção ou da violência), Foucault propõe uma visão mais complexa e dispersa. Ele identifica que o **poder** não é algo que se possui, mas algo que se exerce, **circula** e está presente em todas as **interações humanas**.

Foucault mostrou que o poder está presente em instituições como prisões, escolas e hospitais, mas não de forma óbvia ou repressiva. Em vez disso, ele age de maneira sutil e disciplinar, **moldando comportamentos e corpos**.

Por exemplo, nas **prisões**, o poder se manifesta por meio do controle do tempo, do espaço e da vigilância constante, e os presos são observados sem saber, internalizando as regras e se adaptando às normas. Nas **escolas**, o poder disciplinar organiza os alunos em horários rígidos, avaliações e regras de comportamento, os preparando para se integrarem à sociedade de maneira "adequada". Já nos **hospitais**, o poder se exerce por meio do saber médico, que define o

que é "normal" ou "patológico", controlando os corpos e impondo normas de higiene e tratamento. O que há de comum em todos esses espaços é a produção de comportamentos, saberes e realidades.

No entanto, onde há poder, há luta e **resistência**, que surge como uma **reação** às formas de controle e dominação.

Nas prisões, os presos resistem ao controle de diversas maneiras, por meio de motins, greves de fome ou da criação de redes de solidariedade dentro do sistema carcerário. Nos hospitais, a contestação aparece, por exemplo, quando pacientes questionam diagnósticos, buscam tratamentos alternativos ou lutam por autonomia em suas escolhas de saúde, como vemos no movimento de humanização do parto. Já nas escolas, a resistência se manifesta em atos como greves deflagradas por docentes e discentes, ocupações estudantis e questionamentos sobre o currículo. Tais atividades mostram que os jovens estudantes e os profissionais de educação não são passivos, mas agentes que lutam contra estruturas opressoras.

Nesse sentido, podemos pensar que o pensamento de Foucault é uma jornada pelo **saber e pelo poder**. Ele nos mostra que o **conhecimento, as normas e as práticas sociais não são naturais**, mas foram construídas ao longo da história. Ao entender como esses processos funcionam, podemos questionar as verdades estabelecidas e buscar novas formas de existir.

Fazem parte da fase genealógica os seguintes livros de Foucault:

- ❖ *Vigiar e punir - nascimento da prisão (1975)*;
- ❖ *História da sexualidade – A vontade de saber (1976)*.

Além desses livros, há coletâneas de textos e entrevistas que complementam suas reflexões sobre esse tema, como é o caso do título *Microfísica do poder*, além de *Segurança, território e população*, obras elaboradas a partir de transcrições de aulas e palestras ministradas no Collège de France, onde Foucault lecionou.

EXERCÍCIOS DE PESQUISA E SISTEMATIZAÇÃO DE CONCEITOS

1) Atividade de pesquisa e reflexão sobre Georges Canguilhem:

Pesquise na internet informações básicas sobre Georges Canguilhem. Considere os seguintes tópicos:

- **Data e local de nascimento**

- **Formação acadêmica:**

- **Quais cargos ocupou** (ex.: professor, diretor de instituições):

- **Principais obras** (Liste suas obras mais importantes. Escolha uma delas e faça uma breve descrição):

2) Atividades de reflexão:

Responda às seguintes perguntas com base nas ideias de Georges Canguilhem e Michel Foucault:

- a) O que significa dizer que a ciência evolui de forma linear e cumulativa?

- b) Por que os pesquisadores da epistemologia francesa, como Canguilhem, e Foucault criticam essa ideia?

- c) Quais aspectos da epistemologia francesa que Foucault utilizou para elaborar a metodologia conhecida como arqueologia?

- Discurso:

- Verdade:

- Genealogia:

- Poder:

Gabarito atividade 1):

Nesta atividade, espera-se que o aluno realize uma pesquisa introdutória sobre o pensador Georges Canguilhem, buscando informações essenciais sobre sua vida, formação e trajetória profissional. O objetivo é conhecer quem foi Canguilhem, onde e quando nasceu, quais estudos realizou, quais funções desempenhou ao longo da carreira e quais foram suas principais contribuições intelectuais. Além disso, o aluno deve listar algumas de suas obras mais relevantes e escolher uma delas para fazer uma breve descrição, destacando seus principais temas e ideias centrais. A proposta da atividade é desenvolver a capacidade de pesquisa, síntese de informações e compreensão inicial do pensamento de um autor fundamental para os estudos em filosofia, medicina e ciências humanas.

Gabarito atividade 2):

Nesta atividade, o aluno deve responder a três questões que exigem tanto compreensão teórica quanto reflexão crítica sobre o papel da ciência na sociedade, com base nas ideias dos filósofos Georges Canguilhem e Michel Foucault.

Na primeira pergunta, espera-se que o aluno compreenda o conceito de evolução linear e cumulativa da ciência — a ideia de que o conhecimento científico se acumula de forma contínua e progressiva — e explique por que essa visão é criticada por autores como Canguilhem. Ele deve destacar que, segundo essa crítica, a ciência não avança de forma homogênea, mas sim por rupturas, transformações conceituais e mudanças nos modos de pensar, frequentemente ligadas a contextos históricos e sociais específicos.

Na segunda questão, o aluno deve identificar aspectos da epistemologia francesa que Michel Foucault apropriou em sua metodologia arqueológica. Espera-se que ele destaque como Foucault, influenciado por Canguilhem e outros pensadores, entende o conhecimento como algo condicionado por práticas discursivas e instituições, priorizando uma análise histórica dos saberes e das condições que tornam certos discursos possíveis em determinadas épocas. A metodologia arqueológica visa justamente revelar essas condições.

Por fim, na terceira pergunta, o aluno deve refletir criticamente sobre o ideal de neutralidade científica. A resposta deve mostrar que, embora a ciência busque objetividade, ela não é completamente imune às influências sociais, políticas, culturais e históricas. Isso, no entanto, não invalida a ciência, mas reforça a necessidade de compreendê-la como uma prática situada. O aluno deve apresentar exemplos (como a biologia evolucionista, a medicina ou até debates contemporâneos sobre inteligência artificial e pandemia) que demonstrem como o conhecimento científico pode ser afetado por seu tempo e, ainda assim, contribuir significativamente para a sociedade. A resposta deve equilibrar análise filosófica e argumentação pessoal, incentivando uma visão crítica, mas não relativista da ciência.

Gabarito atividade 3:

Nesta atividade, o aluno deve pesquisar e explicar, com suas próprias palavras, o significado de seis conceitos fundamentais da obra de Michel Foucault: arqueologia, saber, discurso, verdade, genealogia e poder. A proposta tem como objetivo promover o entendimento conceitual das bases do pensamento foucaultiano, especialmente no que diz respeito à relação entre conhecimento, linguagem e estruturas de poder.

Ao explicar o conceito de arqueologia, o aluno deve mostrar que se trata de um método de investigação desenvolvido por Foucault para analisar a história dos saberes, focando nas condições que tornam certos discursos possíveis em determinadas épocas, sem buscar uma origem única ou linear para o conhecimento.

No item saber, espera-se que o aluno compreenda que, para Foucault, saber não é apenas um conjunto de informações, mas um sistema de práticas, regras e discursos que definem o que pode ser conhecido e legitimado em determinado tempo.

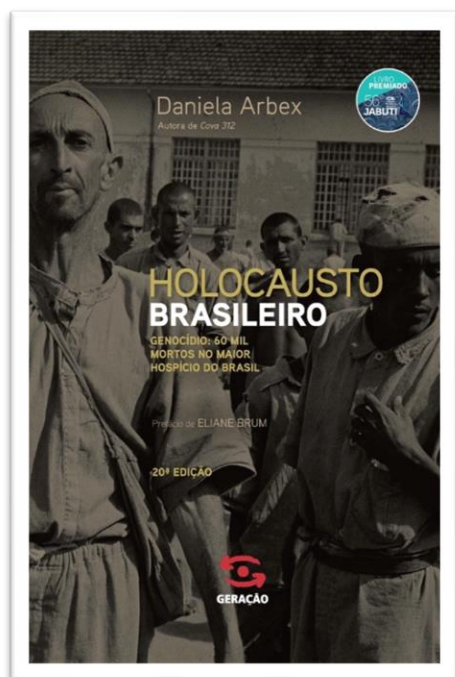
No item discurso, o aluno deve destacar que, em Foucault, discurso não se refere apenas à fala ou escrita, mas a conjuntos organizados de enunciados que moldam e estruturam o pensamento e a realidade social. Já no conceito de verdade, é importante que o aluno entenda que Foucault não vê a verdade como algo absoluto, mas como algo produzido historicamente por meio de discursos e práticas sociais — ou seja, o que é aceito como "verdade" varia conforme os regimes de saber e poder vigentes.

O conceito de genealogia deve ser apresentado como uma abordagem histórica que investiga a formação e transformação dos saberes, valores e instituições, focando nos aspectos descontínuos, acidentais e conflituosos da história, e não em uma narrativa linear de progresso. Por fim, no item poder, espera-se que o aluno compreenda que, para Foucault, o poder não é apenas repressivo, mas produtivo — ele atravessa todos os aspectos da vida social e está ligado à produção de saberes, normas e subjetividades.

Cada resposta deve demonstrar a compreensão de que esses conceitos estão interligados e constituem uma crítica às formas tradicionais de pensar a história, o conhecimento e a autoridade nas sociedades modernas.

3. Da “nau dos loucos” ao “trem de doido”: uma terrível viagem pela história da loucura

Figura 6 – Capa do livro “Holocausto Brasileiro” de Daniela Arbex



Fonte: Imagem de divulgação
Editora Geração Editorial, [2013]

3.1 Marginalizados: quem os define?

Imagine pegar um trem ou um ônibus para um lugar de onde você jamais sairia. Esse era o destino de milhares de pessoas consideradas "indesejáveis" pela sociedade do século XX. O lugar? O Hospital Colônia, localizado em Barbacena, Minas Gerais. Esse hospital, que mais parecia um depósito de gente, é o tema do livro *Holocausto Brasileiro*, escrito pela jornalista Daniela Arbex e lançado em 2013. A obra inspirou a produção de um documentário homônimo, de 2016.

Fundado em 1903, o Hospital Colônia foi criado para ser um manicômio, mas acabou se transformando em um verdadeiro espaço de horror. Por quase 70 anos, ele recebeu pessoas que a sociedade não queria conviver: doentes mentais, mendigos, prostitutas, homossexuais, mães solteiras e até opositores políticos.

*Era terça-feira e quinta-feira, vinha vagão de louco para cá.
Não tinha nada de diferente, só um vagão de louco escrito
“vagão para louco”.*

[...] Tinha coitado que vinha para o hospício aí que dava gosto você conversar com ele! Sabiam conversar direitinho. Tinham outros que cantavam, muita gente falava que tinham muitos que nem louco eram. Diziam que às vezes bebiam um pouco, faziam umas besteiras, aí entregavam (a pessoa) à polícia, às autoridades.

- Mario Lara (Maquinista)

Testemunho retirado do documentário *Holocausto Brasileiro*, de 2016.

Qualquer um que fosse considerado "diferente" ou "um problema" podia acabar lá. E, uma vez dentro, dificilmente conseguiria sair.

Nas imediações do hospital havia um cemitério, evidência de que curar não era sua missão. Durante décadas, não havia médicos ou enfermeiros, apenas meros guardas. O tratamento era simples: comprimidos azuis ou rosas, dependendo dos sintomas, além de eletrochoques e lobotomias, **como ditava a medicina da época**. Os pacientes eram tratados como indigentes: andavam nus, passavam fome, sentiam frio e dormiam no chão, onde também faziam suas necessidades. Muitos morriam de doenças infectocontagiosa (devido à falta de higiene, o que é uma grande contradição se tratando de um hospital), desnutrição ou simplesmente de abandono. O hospital, projetado para abrigar 200 pessoas na década de 1960, chegou a ter mais de

5 mil internos. Estima-se que, durante a sua existência, **mais de 60 mil pessoas perderam a vida ali**. A partir de uma pesquisa documental realizada com os registros do hospital, entre 1969 e 1980, foi descoberto que mais de 1.800 cadáveres foram vendidos para 17 faculdades de medicina do país. Os "loucos" eram, na verdade, um "problema" rentável.

Segundo relatos daqueles que tinham alguma proximidade com a vida no Hospital Colônia, a maioria das pessoas internadas lá **não apresentava nenhum tipo de doença mental**. Cerca de 70% dos pacientes eram indivíduos comuns, como Maria de Jesus, que foi trancafiada apenas por estar triste, ou Antônio Gomes da Silva, que permaneceu em silêncio por 21 anos porque ninguém se deu ao trabalho de perguntar se ele sabia falar. Houve também o caso de dona Geralda, que, após ser violentada sexualmente pelo patrão e ficar grávida, aos 15 anos, foi levada para lá a fim de evitar escândalos.

A maioria dos funcionários do hospital não tinham formação adequada para cuidar de pessoas com transtornos mentais. A falta de preparo, somada à superlotação e à indiferença da sociedade, transformou o Colônia em um lugar de horror e abandono, por isso chamado de *"Holocausto Brasileiro"* pela escritora Daniela Arbex. Para a autora, o lugar era um campo de concentração disfarçado de hospital, e que ao receber o passaporte para o colônia, as pessoas tinham a sua humanidade confiscada.

3.2 Por que revisitar memórias difíceis?

Em seu livro, Daniela cumpre um dever ético ao contar histórias reais de quem viveu e sofreu no Colônia. Ela devolve nomes, identidades e dignidade a pessoas que foram tratadas como "nada" pela sociedade, dando a oportunidade de

elas falarem o que testemunharam nos longos anos que passaram por lá.

O processo de desativação do Hospital Colônia teve início na década de 1980, fruto dos avanços da Reforma Psiquiátrica no Brasil. Esse movimento buscou substituir os grandes manicômios, como o Colônia, por serviços de saúde mental humanizados e integrados à comunidade. O hospital foi perdendo sua função ao longo dos anos, especialmente após a criação do Sistema Único de Saúde (SUS), na década de 1990, e da implementação de políticas públicas como os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). A desativação completa do Colônia, no entanto, foi um processo lento e, até o início dos anos 2000, o hospital ainda funcionava parcialmente.

Anos mais tarde, em um prédio anexo ao Hospital, foi criado o Museu da Loucura, idealizado como uma forma de preservar a memória das milhares de pessoas que passaram pelo Hospital Colônia e sofreram com as condições desumanas do local. O museu foi inaugurado em 1996, ainda durante o processo de desativação do hospital, e seu objetivo era contar a história desse lugar, que se tornou sinônimo dos horrores da psiquiatria manicomial no Brasil.

A iniciativa partiu de profissionais da saúde, pesquisadores e ativistas da reforma psiquiátrica, que entendiam a importância de não esquecer o passado para evitar que erros semelhantes se repetissem no futuro.

O museu reúne um acervo composto por documentos, fotografias, objetos e equipamentos médicos utilizados no tratamento dos pacientes, como instrumentos de eletrochoque e lobotomia. Além disso, o espaço busca educar os visitantes sobre a importância da luta pelos direitos humanos e da humanização no tratamento de pessoas com transtornos mentais.

Atividades

A seguir, a partir da leitura do texto, responda as seguintes questões:

1) Antes de estudar esse material didático, o que você sabia sobre esse assunto?

2) Por que ele foi chamado por Daniela Arbex de "Holocausto Brasileiro"?

3) Quem eram as pessoas internadas no Hospital Colônia?

4) Por que a sociedade da época considerava tais pessoas como "indesejáveis"?

5) O que o caso do Hospital Colônia nos ensina sobre como a sociedade trata pessoas consideradas "diferentes"?

6) Por que muitas pessoas preferiam ignorar ou não falar sobre o que acontecia no Hospital Colônia naquela época?

7) Por que a abordagem da jornalista Daniela Arbex sobre as vítimas do Hospital Colônia contribuiu para a construção da memória dessas pessoas que lá foram internadas e desse grupo social como um todo?

8) Por que espaços como o Museu da loucura são importantes para preservar a memória de eventos traumáticos?

Gabarito:

Nesta atividade, o aluno deve refletir sobre a história do Hospital Colônia de Barbacena, em Minas Gerais, a partir da leitura do texto e dos relatos trazidos pela jornalista Daniela Arbex. Espera-se que ele compreenda o papel do Hospital Colônia como símbolo de uma grave violação de direitos humanos na história do Brasil, e por que Arbex o chamou de “Holocausto Brasileiro” — expressão que denuncia o extermínio de milhares de pessoas em condições desumanas, equiparando a tragédia ao horror vivido em campos de concentração. A resposta deve demonstrar compreensão do número de mortes, do abandono institucional e da violência sofrida pelos internados.

Na segunda questão, o aluno deve mostrar que, em sua maioria, os internos do Hospital Colônia não eram pessoas com doenças mentais graves, mas sim pobres, mulheres consideradas inconvenientes, homossexuais, órfãos, pessoas em situação de rua ou que apenas contrariavam normas sociais. A resposta deve refletir sobre como a sociedade da época usava o hospital como um instrumento de exclusão e controle social, tratando como “louco” ou “anormal” qualquer um que fugisse do padrão considerado aceitável.

Na terceira pergunta, espera-se que o aluno reflita sobre o silêncio coletivo e institucional que envolvia o Hospital Colônia. Ele deve considerar o preconceito, o medo, a desinformação e a naturalização da violência como fatores que contribuíram para a omissão da sociedade. A resposta deve indicar senso crítico sobre como o apagamento da memória e a indiferença social contribuem para a repetição de injustiças.

Sobre a atuação da jornalista Daniela Arbex, o aluno deve reconhecer a importância de seu trabalho ao dar visibilidade às vítimas e suas histórias, resgatando memórias silenciadas por décadas. A resposta deve destacar como essa escuta e reconhecimento são fundamentais para a reparação simbólica e para a construção de uma memória coletiva mais justa e inclusiva, que reconheça os erros do passado.

Na pergunta seguinte, espera-se que o aluno avalie a importância de espaços como o Museu da Loucura, instalado no próprio prédio do Hospital Colônia. A resposta deve argumentar que tais museus ajudam a preservar a memória, estimular a empatia e promover o debate sobre os direitos das pessoas marginalizadas. Por fim, o aluno deve apresentar um exemplo de museu de memórias sensíveis. Pode citar, por exemplo, o Memorial da Resistência de São Paulo, que documenta a repressão da ditadura militar, o Museu Afro Brasil, que resgata a história da escravidão e da cultura negra no Brasil. A resposta deve incluir uma breve descrição do museu, explicando seu papel educativo e de preservação da memória de grupos historicamente silenciados ou oprimidos.

Atividade de pesquisa

Lei nº 10.216, DE 6 DE ABRIL DE 2001 - Lei Antimanicomial

Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental

Art. 1º Os direitos e a proteção das pessoas acometidas de transtorno mental, de que trata esta Lei, são assegurados sem qualquer forma de discriminação quanto à raça, cor, sexo, orientação sexual, religião, opção política, nacionalidade, idade, família, recursos econômicos e ao grau de gravidade ou tempo de evolução de seu transtorno, ou qualquer outra.

Art. 2º Nos atendimentos em saúde mental, de qualquer natureza, a pessoa e seus familiares ou responsáveis serão formalmente cientificados dos direitos enumerados no parágrafo único deste artigo.

Parágrafo único. São direitos da pessoa portadora de transtorno mental:

I - ter acesso ao melhor tratamento do sistema de saúde, consentâneo às suas necessidades;

II - ser tratada com humanidade e respeito e no interesse exclusivo de beneficiar sua saúde, visando alcançar sua recuperação pela inserção na família, no trabalho e na comunidade;

III - ser protegida contra qualquer forma de abuso e exploração;

IV - ter garantia de sigilo nas informações prestadas;

V - ter direito à presença médica, em qualquer tempo, para esclarecer a necessidade ou não de sua hospitalização involuntária;

VI - ter livre acesso aos meios de comunicação disponíveis;

VII - receber o maior número de informações a respeito de sua doença e de seu tratamento;

VIII - ser tratada em ambiente terapêutico pelos meios menos invasivos possíveis;

IX - ser tratada, preferencialmente, em serviços comunitários de saúde mental.

Art. 3º É responsabilidade do Estado o desenvolvimento da política de saúde mental, a assistência e a promoção de ações de saúde aos portadores de transtornos mentais, com a devida participação da sociedade e da família, a qual será prestada em estabelecimento de saúde mental, assim entendidas as instituições ou unidades que ofereçam assistência em saúde aos portadores de transtornos mentais.

Art. 4º A internação, em qualquer de suas modalidades, só será indicada quando os recursos extra-hospitalares se mostrarem insuficientes.

§ 1º O tratamento visará, como finalidade permanente, a reinserção social do paciente em seu meio.

§ 2º O tratamento em regime de internação será estruturado de forma a oferecer assistência integral à pessoa portadora de transtornos mentais, incluindo serviços médicos, de assistência social, psicológicos, ocupacionais, de lazer, e outros.

§ 3º É vedada a internação de pacientes portadores de transtornos mentais em instituições com características asilares, ou seja, aquelas desprovidas dos recursos mencionados no § 2º e que não assegurem aos pacientes os direitos enumerados no parágrafo único do art. 2º

A seguir, a partir de pesquisas sobre a Lei Antimanicomial, responda as questões:

1) Caracterize sinteticamente o que é a Lei Antimanicomial (Lei 10.216/2001).

2) Por que ela é considerada um "divisor de águas" no tratamento de pessoas com transtornos mentais no Brasil?

3) O que são os Centros de Atenção Psicossocial (CAPs) e por que eles foram criados para substituir os antigos hospitais psiquiátricos?

4) Por que a Reforma Psiquiátrica prioriza o **tratamento em serviços comunitários** em vez de hospitais psiquiátricos? O que isso significa na prática?

5) Em 2020 o Governo Federal brasileiro, tendo como presidente Jair Messias Bolsonaro, propôs uma revogação de decretos e portarias relacionados à Reforma Psiquiátrica e à Lei da Saúde Mental (Lei nº 10.216/2001), também conhecida como Lei Antimanicomial. A proposta de 2020 causou controvérsia e foi amplamente criticada por profissionais da saúde, movimentos sociais e defensores dos direitos humanos, pois representaria um retrocesso nas políticas de saúde mental no Brasil. Pesquise sobre essa proposta de revogação e responda:

a) Quais medidas o "revogaço" pretendia anular? Como a revogação da Lei nº10.216/2001 impactaria nos tratamentos de saúde mental no Brasil?

b) Por que o retorno ao antigo modelo manicomial é considerado nocivo e um cerceamento aos Direitos Humanos?

Gabarito:

Nesta atividade, o aluno deve demonstrar compreensão sobre as transformações nas políticas de saúde mental no Brasil a partir da Lei 10.216/2001, conhecida como Lei Antimanicomial. Na primeira questão, espera-se que o aluno reconheça essa lei como um marco legal que garantiu direitos às pessoas com transtornos mentais, priorizando o cuidado em liberdade, a reintegração social e o fim das internações prolongadas e arbitrárias em hospitais psiquiátricos. A lei é considerada um “divisor de águas” porque rompe com a lógica da exclusão e do encarceramento manicomial, instituindo uma nova política de atenção psicossocial centrada no respeito à dignidade humana, o esperado que seja analisado na segunda questão.

Na terceira questão, o aluno deve explicar o papel dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), que foram criados para substituir gradualmente os hospitais psiquiátricos como principal forma de cuidado. Os CAPS oferecem tratamento em regime aberto, promovem o vínculo com a comunidade e atuam na reabilitação psicossocial. A resposta deve destacar que esses centros priorizam o acompanhamento contínuo, interdisciplinar e humanizado, respeitando a individualidade do paciente.

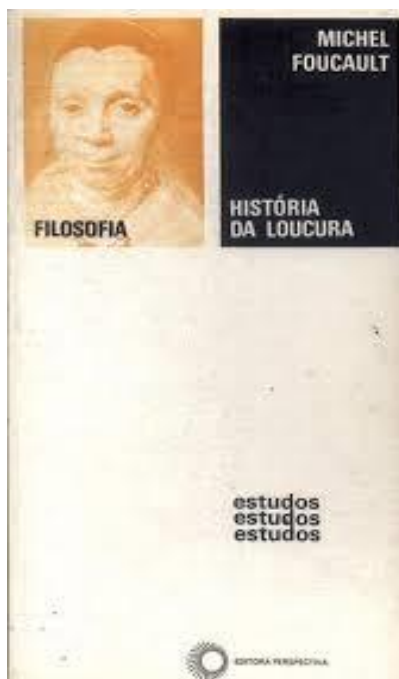
Na quarta pergunta, espera-se que o aluno entenda que a Reforma Psiquiátrica visa descentralizar o cuidado e aproximar os serviços da realidade cotidiana dos usuários, fortalecendo vínculos familiares e sociais. Na prática, isso significa investir em serviços comunitários (como CAPS, residências terapêuticas e equipes de saúde mental na atenção básica), evitando internações prolongadas e estimulando a autonomia e a inclusão social das pessoas com transtornos mentais.

Na letra a) da quinta questão, o aluno deve identificar que, em 2020, o governo federal propôs o chamado “revogação”, que pretendia anular diversas portarias e diretrizes da política de saúde mental, incluindo normas que sustentavam a substituição progressiva do modelo hospitalocêntrico. A proposta incluía o desmonte de serviços substitutivos, o retorno do financiamento a hospitais psiquiátricos e a possível reintrodução de práticas consideradas ultrapassadas, como o uso indiscriminado de eletrochoque. Espera-se que o aluno compreenda que isso representaria um retrocesso, pois fragilizaria os avanços na garantia dos direitos das pessoas com sofrimento psíquico.

Por fim, na letra b) da quinta questão, o aluno deve refletir sobre por que o retorno ao modelo manicomial é considerado um retrocesso. Espera-se que ele reconheça que esse modelo historicamente se baseou na exclusão, institucionalização forçada e violações de direitos. Reinstaurar essa lógica implicaria ignorar os avanços conquistados em termos de dignidade, cuidado em liberdade e respeito às diferenças. A resposta deve expressar uma compreensão crítica e sensível ao papel da saúde mental como um direito humano fundamental.

4. Loucura ou falta de razão?

Figura 7 – Capa do livro
“História da Loucura” de Michel Foucault



Fonte: Imagem de divulgação
Editora Perspectiva, [1995]

História da Loucura na Idade Clássica, originalmente publicada como *Loucura e desrazão: história da loucura na Idade Clássica*, é uma das primeiras grandes obras de Michel Foucault. Resultado de sua tese de doutorado na Sorbonne, defendida em 1961 sob a orientação de Georges Canguilhem, essa pesquisa investigou como o conceito de loucura foi compreendido em diferentes períodos históricos, como o Renascimento (Sec. XIV-XV), a Idade Clássica (Sec. XVI-XVIII) — foco central de suas investigações — e a Modernidade (Sec. XVIII - XX).

É importante mencionar que a Idade Clássica foi um período de grandes transformações na forma como a sociedade ocidental pensava e organizava o mundo. Foi uma época em que a ideia de **razão**, proveniente da filosofia de Descartes, se tornou o valor central para muitos campos do

[...] “O que me desconcertou um pouco, na época, foi o fato de que essa questão que eu me colocava não interessou em absoluto àqueles para quem eu a colocava. Consideraram que era um problema politicamente sem importância e epistemologicamente sem nobreza.

Foucault em entrevista com Alexandre Fontana, em 1977, ao falar sobre a recepção do livro *História da Loucura*.

pensamento e, tudo o que distanciava desta definição de razão — como a loucura, a criminalidade ou os comportamentos desviantes — passou a ser visto como um problema a ser controlado. A partir daí, podemos pensar o poder do binômio *razão – desrazão*.

Ao estudar a Idade Clássica, Foucault está olhando o passado para entender o presente. Ele busca demonstrar que muitas das ideias e práticas que consideramos “naturais” hoje — como a forma como tratamos a loucura ou organizamos as prisões — são, na verdade, **construções históricas**. Ou seja, elas foram criadas em um contexto específico e poderiam ser diferentes.

Para realizar essa pesquisa, ele utiliza o método arqueológico, que, como já vimos, não segue uma cronologia linear (ou seja, não se baseia apenas na ordem de datas e eventos). Em vez disso, esse pesquisador se concentra em analisar como os **discursos** sobre a loucura foram

formados ao longo do tempo. Vale lembrar que, nesse contexto, discurso refere-se a um conjunto de ideias, regras e práticas que definem como um assunto — no caso, a loucura — é entendido e tratado em uma determinada época. Vamos ver como ele faz isso:

4.1 O Renascimento e o momento da indiferença

Para iniciar sua análise sobre a loucura, Foucault parte do Renascimento, período que corresponde aos séculos XIV e XV. Nesse contexto, a loucura era vista como uma manifestação divina ou sobrenatural, não havia ainda a ideia de que os indivíduos considerados "loucos" eram doentes ou desviantes, como seriam considerados séculos mais tarde, mas sim figuras misteriosas, dotadas de poderes místicos ou de uma conexão especial com o mundo espiritual.

Essa visão reflete uma época em que a loucura não era interpretada por meio de critérios médicos ou científicos, como é feito nos dias de hoje, mas sim através de crenças religiosas e místicas. Um exemplo interessante que ilustra essa ideia é a carta do tarot chamada "**O Louco**". Nessa carta, o personagem central é retratado como um andarilho despreocupado, às vezes à beira de um precipício, carregando um pequeno fardo e acompanhado por um cão. Ele simboliza alguém que está além das **convenções sociais**, vivendo em um estado de liberdade e intuição que desafia a lógica e a razão cartesiana. Em vez de ser visto como alguém a ser rejeitado ou curado, "O Louco" representa uma figura enigmática, que pode acessar sabedorias e verdades ocultas, muitas vezes inacessíveis às pessoas "normais". Essa imagem indica que a loucura, em certos contextos históricos, era associada a um

conhecimento transcendente (ou até mesmo relacionava a loucura com o divino).

Figura 13 – Carta "O Louco"



Autoria desconhecida, [--?]

A carta "**O Louco**" no tarot é uma das mais simbólicas e enigmáticas do baralho, frequentemente associada ao número zero ou sem número, representando liberdade, intuição, espontaneidade e a busca por novos caminhos. Visualmente, a carta mostra um andarilho despreocupado, à beira de um precipício, carregando um pequeno fardo e acompanhado por um cão que parece alertá-lo sobre o perigo. O Louco olha para o céu ou para o horizonte, simbolizando sua conexão com o transcendente, com o mundo espiritual, sinalizando a sua indiferença em relação às convenções terrenas.

Outro aspecto importante sobre aqueles considerados "loucos" era o fato de, nesse período, eles não serem completamente excluídos da sociedade, como ocorreria posteriormente com a medicalização e o confinamento em instituições.

Em vez disso, eles circulavam com certa liberdade pelas comunidades, sendo tolerados, ainda que vistos como figuras marginais. Essa aparente liberdade, no entanto, não implicava aceitação plena. Essas pessoas ocupavam um espaço ambíguo: eram ao mesmo tempo toleradas e marginalizadas, respeitadas e temidas.

Uma caracterização que define bem essa ideia é a *Nau dos loucos*, uma imagem simbólica utilizada por Foucault para descrever uma prática comum na Europa Medieval e Renascentista. Em vez de serem confinados em instituições, indivíduos considerados "diferentes" eram, em alguns casos, colocados em barcos e enviados para navegar por rios ou mares. Essas embarcações, conhecidas como "naus dos loucos", representavam uma forma de banimento simbólico: embora não fossem totalmente excluídos da sociedade, eles eram retirados do espaço urbano e levados para lugares indeterminados, como se fossem "expulsos" da comunidade, mas sem serem completamente abandonados.

Essa prática também servia como uma metáfora da condição marginal dessas pessoas, simbolizando sua existência à deriva, em um espaço liminar entre a inclusão e a exclusão, à margem da razão e da ordem social. Além disso, em alguns contextos, a nau dos loucos tinha um caráter ritualístico de purificação: acreditava-se que a água (rios ou mares) possuía um poder purificador, e a viagem poderia "limpar" os indivíduos de sua condição, reintegrando-os simbolicamente à sociedade.

Figura 8 – A nau dos insensatos



Fonte: Hieronymus Bosch [1490-1500]

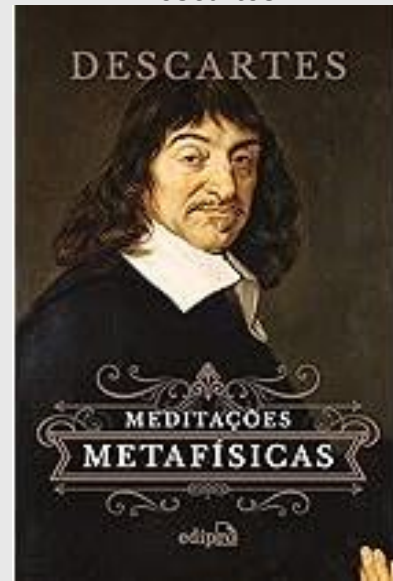
4.2 A Idade Clássica e o momento da segregação

No período Clássico (séculos XVII e XVIII), Foucault analisa como a loucura passou a ser compreendida exclusivamente em relação à razão, deixando de ser vista como um fenômeno independente para se tornar seu oposto. Esse período coincide com o surgimento do **Iluminismo**, corrente filosófica que elevou a razão ao status de principal instrumento para o **progresso** humano e para a busca da **verdade**. Nesse contexto, a razão tornou-se o eixo central do pensamento ocidental, e a loucura foi relegada ao espaço da irracionalidade e da desordem. Foucault destaca dois aspectos centrais nessa relação. Primeiramente, a **coexistência** entre

razão e loucura: ambas se definem mutuamente, de modo que a razão só se afirmar como "normal" e "ordenada" porque existe a loucura como o seu contraponto. Em outras palavras, a razão necessita da loucura para se consolidar como padrão de racionalidade.

Em segundo lugar, Foucault enfatiza a **interioridade da loucura**, argumentando que ela não é algo externo à razão, mas uma de suas figuras ou forças internas. Em linhas gerais, a razão passou a ser associada à normalidade, à ordem e ao conhecimento científico, enquanto a loucura foi vinculada à desordem, à irracionalidade e ao desvio. Essa separação resultou no silenciamento da loucura: a razão passou a falar sobre a loucura, mas não com ela.

**Figura 9 – Capa do Livro
“Meditações Metafísicas” de René
Descartes**



Fonte: Imagem de divulgação da Editora Edipro, [2018]

Em seu livro, Descartes afirma que, para alcançar a certeza é necessário descartar a possibilidade de estar louco, pois a loucura representaria uma falha radical na capacidade de conhecer. Essa exclusão consolidou a ideia de que a razão e a loucura são opostas, reforçando a ideia da razão como fundamento do Iluminismo.

Se, no Renascimento, os indivíduos considerados loucos eram livres, podendo circular pelas cidades ou vagar nas chamadas “naus dos loucos”, na Idade Clássica essa realidade se transforma radicalmente. Nesse período, ocorre o que Foucault denomina de “**Grande enclausuramento**”, caracterizado pelo surgimento de práticas de confinamento de indivíduos marginalizados, como loucos, pobres, desempregados e vagabundos. Esse fenômeno expressa uma mudança profunda na forma como a sociedade passou a lidar com a desordem e a irracionalidade. Foucault destaca que o

Enclausuramento não possuía um propósito médico, mas sim **moral, social e econômico**, funcionando como um mecanismo de controle e exclusão daqueles que não se adequavam às normas de racionalidade e produtividade vigentes.

O surgimento dos **Hospitais Gerais**, como o Hôpital Général de Paris (fundado em 1656), exemplifica essa prática de confinamento. Essas instituições não eram espaços de tratamento médico, mas locais de **reclusão e disciplina**, destinados a isolar e controlar os considerados "indesejáveis". O objetivo principal era manter a ordem pública, eliminar a ociosidade e garantir que todos os indivíduos fossem produtivos ou, pelo menos, não perturbassem a harmonia social.

Figura 10 – Hospital Geral de Paris



Fonte: H. Gourdon de Genouillac, [1882]

Os Hospitais Gerais eram caracterizados por **muros altos e portões fechados**, que impediam a entrada e a saída de pessoas, simbolizando a separação entre os "normais" e os "desviantes". Dentro desses espaços, os internados eram alojados em **celas pequenas e escuras**, muitas vezes sem privacidade, enquanto **corredores longos e estreitos** facilitavam a vigilância constante por parte dos guardas ou responsáveis. Além disso, áreas comuns, como pátios e refeitórios, eram rigidamente controladas, reforçando a disciplina e a obediência às normas institucionais.

4.3 A Modernidade e o momento da instituição asilar

No final do século XVIII e início do século XIX, a loucura passou por um processo de **medicalização**, deixando de ser entendida como uma questão moral ou social para ser tratada como uma **doença mental**. Essa transformação representou uma mudança significativa na forma como a sociedade lidava com aqueles que eram considerados "loucos". Nesse período, esses indivíduos passaram a ser reconhecidos por meio de diagnósticos, eram submetidos a tratamentos e, em alguns casos, considerados passíveis de cura. É importante destacar que, nesse contexto, a loucura passou a ser entendida como uma questão **individual e biológica**, refletindo a visão de que a saúde é um processo que ocorre dentro do corpo e da mente de cada pessoa, estando relacionada a desequilíbrios químicos, disfunções neurológicas ou fatores genéticos.

Esse período foi marcado pelo surgimento dos **asilos**, espaços criados com o objetivo de oferecer atendimento médico especializado às pessoas consideradas "loucas", incluindo terapias e intervenções que visavam à sua recuperação. No entanto, essa transformação não eliminou a exclusão desses sujeitos; ao contrário, ela a reformulou. Em vez de serem confinados por razões morais, eles passaram a ser internados por razões médicas, sob a justificativa de que precisavam de tratamento

A medicalização da loucura também transformou os indivíduos considerados "loucos" em **objetos de estudo**. Nos asilos, eles eram observados, analisados e classificados de acordo com diagnósticos específicos, o que permitiu que a medicina psiquiátrica exercesse controle sobre suas vidas. No entanto, essa mudança não se limitou a um avanço científico; ela também implicou uma **reorganização social e moral**. A psiquiatria, como campo médico emergente,

assumiu a autoridade para definir os parâmetros de **normalidade e desvio**, estabelecendo critérios que misturavam **conhecimento científico** e **normas morais** da época. Dessa forma, os **psiquiatras** passaram a exercer um papel central na determinação de quem era saudável e quem

era doente, consolidando-se como figuras de **poder** dentro da sociedade. Essa transformação não apenas redefiniu o tratamento da loucura, mas também reorganizou as normas sociais, reforçando o **controle** sobre aqueles que não se encaixavam nos padrões estabelecidos.

Entre a saúde e a doença, a produtividade: a medicalização da vida na contemporaneidade

“A ascensão da indústria farmacêutica e do saber médico como aquele que regula as práticas por meio da dicotomia normal/anormal contribuiu para a formação de novos discursos acerca da medicalização. Cada vez mais presenciamos diagnósticos precoces de doenças graves como Depressão, Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e quadros de ansiedade. Por conta desse estado de fluidez e rapidez que nossa sociedade se encontra, ocorre uma significativa redução do lugar para o sofrimento e para a tristeza, que passam a ser entendidas como fazendo parte do campo da irregularidade e da anormalidade e, por consequência, passam a ser rapidamente medicalizadas. Deste modo, o que se percebe são indivíduos que buscam na medicação meios de anestesiar esse mal-estar que o contexto atual gera.

Trecho do artigo “*Sofro, logo me medico: a medicalização da vida como enfrentamento do mal-estar*”, de: Amanda Corrêa Rocha; Nathália da Silva Barrios; Paulo Daniel da Silva Rolim; Marcele Pereira da Rosa Zucolotto.

A medicalização da vida é um fenômeno contemporâneo no qual problemas, sofrimentos e até mesmo aspectos naturais da existência humana são cada vez mais definidos e tratados como condições médicas. Esse processo está intrinsecamente ligado à ascensão da indústria farmacêutica, que, aliada ao saber médico, promove a ideia de que o bem-estar e a felicidade podem ser alcançados por meio do consumo de medicamentos. Essa perspectiva contribui para a psicopatologização do mal-estar, transformando questões sociais, emocionais e existenciais em diagnósticos que demandam intervenções farmacológicas.

Esse cenário é impulsionado pela lógica do capitalismo, que busca lucro através da oferta de soluções rápidas para o sofrimento humano. A comercialização de medicamentos ocorre, muitas vezes, de maneira desregulada e excessiva, sem a devida atenção aos efeitos colaterais sociais decorrentes do uso precoce e abusivo de psicofármacos. Além disso, a mídia desempenha um papel central nesse processo, disseminando um "ideal de saúde" que exige a eliminação de qualquer forma de desconforto, frequentemente influenciada por interesses comerciais.

A psiquiatria moderna tende a naturalizar fenômenos humanos, priorizando o tratamento medicamentoso em detrimento de abordagens mais amplas e integrais. Essa perspectiva reforça a ideia de que a medicação é a principal solução para problemas emocionais e comportamentais, ignorando as raízes sociais, culturais e existenciais do sofrimento. Dessa forma, o sofrimento psíquico é reduzido a uma questão biológica individual, desconsiderando sua complexidade.”

Nas descrições de Foucault sobre a loucura, vemos ele abordar como a figura do “louco” é construída ao longo da história,

resultando em um campo do saber capaz de definir o que é ou não a loucura, bem como as formas de tratá-la: a psiquiatria.

Esse desdobramento sobre a história da loucura foi importante para visualizarmos como a construção de um saber sobre determinado tema não é um **processo neutro** ou isolado. Pelo contrário, está profundamente vinculado à produção de **normas sociais**, ou seja, às regras e padrões que definem o que é considerado "normal" ou "desejável" em uma sociedade. Quando um saber é desenvolvido, ele estabelece categorias e classificações que não apenas descrevem a realidade, mas também refletem e reforçam os valores e normas vigentes. Essas definições, embora apresentadas como científicas, carregam consigo juízos de valor que expressam as expectativas e os ideais da sociedade em que estão inseridas. Dessa forma, o saber não apenas descreve, mas também produz padrões de normalidade que influenciam diretamente como as pessoas devem se comportar e ser compreendidas, resultando em processos de subjetividade.

Além de descrever a realidade, o saber justifica práticas de controle social. Como vimos na pesquisa de Foucault, a classificação da loucura como uma doença mental legitimou o internamento de indivíduos em asilos, prática considerada necessária para a manutenção da ordem e da segurança social. No entanto, esse

controle também serviu para excluir e **marginalizar** aqueles que não se adequavam aos padrões estabelecidos. Portanto, **saber** não é apenas uma ferramenta de compreensão, mas também um mecanismo de **regulação** e **exclusão**, que atua sob o pretexto de proteger a sociedade, mas que, na prática, reforça hierarquias e desigualdades. Ao definir quem é "normal" e quem é "anormal", o saber psiquiátrico, por exemplo, cria uma distinção entre aqueles considerados "saudáveis" e aqueles vistos como "doentes". Essa distinção não é meramente descritiva, mas também justifica a autoridade de determinados grupos, como médicos e especialistas, sobre outros, como pacientes e indivíduos considerados "desviantes". Dessa forma, o saber não apenas classifica, mas também legitima relações de poder, conferindo a alguns a autoridade para definir e controlar os outros.

Michel Foucault nos oferece uma perspectiva crítica sobre essa relação entre saber e poder. Ele argumenta que o saber está sempre ligado ao poder, e que aquelas pessoas que detêm o conhecimento — como médicos/as, cientistas e especialistas — também detêm a autoridade para definir o que é verdadeiro e o que é falso, o que é **normal** e o que é anormal.

Atividades

Questão 1) Christian Laval e Pierre Dardot, em obras como "A Nova Razão do Mundo" (2017), argumentam que o neoliberalismo não é apenas um sistema econômico, mas uma lógica global que redefine todas as esferas da vida — do trabalho às relações pessoais —, moldando-as pela competição, eficiência e lógica de mercado. Essa lógica transforma as pessoas em "empresas de si mesmas", incentivando-as a se adaptar, competir e maximizar seu valor constantemente.

Uma característica central da neoliberalização da vida é a generalização da lógica do mercado, onde tudo, da educação aos relacionamentos, é tratado como mercadoria ou investimento. Isso gera subjetividades como a do "empreendedor de si mesmo", em que cada um gerencia a vida como uma empresa, e a do "competidor", que internaliza a competição até em aspectos pessoais.

Além disso, o neoliberalismo promove a medicalização da vida, transformando problemas sociais e emocionais — como estresse e tristeza — em questões individuais que exigem tratamento médico, desviando a atenção das causas estruturais, como a precarização do trabalho. Ao mesmo tempo, enfraquece os espaços coletivos e a solidariedade, incentivando o individualismo e a fragmentação social, fazendo com que as pessoas busquem resolver seus problemas sozinhas, em vez de buscar soluções coletivas ou políticas.

Figura 9 – Tirinha “Malvados”



(Fonte: André Dahmer, 2019)

A partir do texto explicativo e da tirinha de André Dahmer, responda:

a) A quem serve a medicalização da vida no contexto neoliberal?

b) Como a medicalização da vida reforça a ideia de que cada pessoa deve ser responsável por resolver seus problemas sozinha, em vez de buscar soluções coletivas?

c) A medicalização da vida pode ser vista como uma forma de controle social no contexto neoliberal? Por quê?

Gabarito:

Nesta atividade, espera-se que o aluno compreenda como a lógica neoliberal ultrapassa o campo econômico e influencia diretamente a forma como as pessoas pensam, vivem e lidam com seus problemas pessoais, especialmente no que se refere à medicalização da vida. Na primeira questão, o aluno deve reconhecer que a medicalização, nesse contexto, serve aos interesses do sistema neoliberal, pois individualiza questões que são coletivas e estruturais — como a precarização do trabalho ou a pressão por desempenho —, transformando-as em problemas médicos ou psicológicos que devem ser resolvidos individualmente, e não politicamente ou socialmente.

Na segunda pergunta, a resposta esperada deve mostrar que a medicalização reforça a responsabilização individual, fazendo com que as pessoas acreditem que seus sofrimentos decorrem de falhas pessoais ou doenças que elas precisam "curar", em vez de entenderem essas questões como consequências de desigualdades sociais, pressões produtivistas ou contextos opressivos. Isso desmobiliza a ação coletiva e enfraquece a solidariedade, pois cada um passa a acreditar que deve resolver seus problemas sozinho, inclusive com remédios ou intervenções clínicas.

Na terceira questão, o aluno deve ser capaz de refletir que sim, a medicalização pode funcionar como forma de controle social, já que ela mascara as causas estruturais do sofrimento e canaliza a insatisfação para soluções técnicas e individuais. Em vez de questionar o sistema, a pessoa medicalizada tende a se adaptar a ele — o que é conveniente para a manutenção do status quo. Essa prática impede o enfrentamento coletivo de questões sociais e políticas, como a desigualdade, o racismo, o machismo e a opressão no trabalho e na escola.

Por fim, na última pergunta, espera-se que o aluno reflita sobre como a lógica da padronização e produtividade no sistema educacional contribui para a multiplicação dos diagnósticos de transtornos como o TDAH, muitas vezes sem considerar a diversidade de ritmos, histórias e realidades dos estudantes. A resposta deve apontar que, muitas vezes, o diagnóstico e a medicação são usados não para ajudar o jovem de forma integral, mas para ajustá-lo a um sistema que valoriza o desempenho e a disciplina acima da escuta e da inclusão. Assim, a medicalização se manifesta como uma tentativa de adaptação forçada a um modelo educacional rígido, e não necessariamente como uma resposta empática ou eficaz aos reais desafios enfrentados por crianças e adolescentes.

Questão 2) No último texto, sobre o livro "*História da loucura*", Foucault analisou a transformação de um problema social ao longo de diferentes períodos históricos, demonstrando que a forma como enxergamos determinadas questões é influenciada por diversos fatores. Ele mostrou como essas visões geram normas que são legitimadas por instituições (como hospitais, escolas e prisões) e saberes (como a medicina e a psiquiatria), moldando a maneira como a sociedade lida com esses problemas. Ele fez isso a partir da arqueologia, método que foi apresentado no capítulo 2.

No capítulo 1, você escreveu um texto sobre qual problema social te atravessa, como você o experiencia e em qual contexto você está inserido. **Levando em consideração que um problema é social quando afeta um grupo de indivíduos — mesmo que cada um o sinta de maneira diferente —, te convido a fazer uma arqueologia desse problema. Isso significa investigar como ele foi visto ao longo do tempo pela sociedade, quais discursos e práticas o definem e como ele se relaciona com as normas e instituições da sociedade.**

Para ajudar realizar essa pesquisa e elaborar o seu texto, siga as orientações e exemplo a seguir:

1. Escolha um tema

- Parta de um problema social que te atravessa, que é seu, mas que pode afetar outras pessoas também.
- **Exemplo de tema:** A história da lepra (ou hanseníase), a evolução dos tratamentos médicos, a forma como a sociedade lidou com doenças ao longo do tempo, etc.

2. Pesquise os discursos e práticas relacionados

- Descubra esse problema foi entendido e praticado em diferentes épocas. Para isso, você pode usar livros, artigos, documentários ou sites confiáveis.
- **Exemplo com a lepra:** Pesquise como a lepra era vista na Idade Média (como um castigo divino) e como ela é entendida hoje (como uma doença tratável). Veja também como as pessoas com lepra eram tratadas (isoladas em leprosários) e como isso mudou ao longo do tempo.

3. Analise as condições de possibilidade

- Pense no contexto histórico, social e cultural que permitiu que essas ideias e práticas surgissem. O que estava acontecendo na sociedade naquela época? Quais eram as regras e normas que influenciavam as pessoas?
- **Exemplo com a lepra:** Na Idade Média, a lepra era associada ao pecado e à impureza, e as pessoas eram isoladas para "proteger" a sociedade. Hoje, com os avanços da medicina, a lepra é tratada como uma doença comum.

4. Identifique as rupturas e discontinuidades

- Em vez de pensar em uma evolução linear, procure por mudanças bruscas ou transformações importantes. Como o tema mudou ao longo do tempo? O que causou essas mudanças?
- **Exemplo com a lepra:** Compare como a lepra era tratada na Idade Média (com isolamento e estigma) e no século XX (com medicamentos e campanhas de conscientização). O que causou essa mudança?

5. Examine as relações de poder e saber

- Pense em como as ideias e práticas estão ligadas a relações de poder. Quem definia o que era "certo" ou "errado" naquela época? Como essas definições influenciavam as pessoas?
- **Exemplo com a lepra:** Na Idade Média, a Igreja Católica tinha grande poder e definia a lepra como um castigo divino. Hoje, a medicina e os governos têm mais influência sobre como a doença é tratada.

6. Contextualize historicamente

- Coloque o seu tema em seu contexto histórico. Como ele se relaciona com outras práticas e discursos da época? O que mais estava acontecendo no mundo naquele momento?
- **Exemplo com a lepra:** Relacione o tratamento da lepra na Idade Média com o poder da Igreja e a falta de conhecimento médico. No século XX, relacione os avanços no tratamento com o desenvolvimento da medicina e das políticas públicas de saúde.

Gabarito:

Nesta atividade, o aluno deve aplicar os conceitos desenvolvidos por Michel Foucault, especialmente a **arqueologia do saber**, para investigar criticamente um problema social que o atravessa e que também afeta outras pessoas. A tarefa é desenvolver um olhar histórico e analítico sobre esse problema, compreendendo como ele foi construído ao longo do tempo por meio de discursos, práticas, instituições e saberes. Espera-se que o aluno escolha um **tema que tenha relevância pessoal**, mas que também seja socialmente significativo — como racismo, depressão, pobreza, sexualidade, corpo, doenças, exclusão escolar, entre outros.

A resposta deve ir além da experiência individual e buscar compreender **como esse problema foi visto em diferentes épocas**, analisando os discursos dominantes (como os religiosos, científicos ou jurídicos) que o definiram, as instituições que o legitimaram (como escolas, hospitais, igrejas, mídias ou tribunais) e os **saberes que o explicaram ou justificaram** (como a medicina, a pedagogia ou o direito). É essencial que o aluno investigue **como esses discursos se formaram, quais eram as condições sociais e históricas que os possibilitaram**, e de que modo contribuíram para reforçar normas, estigmas ou práticas de exclusão.

Além disso, o aluno deve observar as **rupturas e descontinuidades históricas**, ou seja, identificar momentos em que a maneira de lidar com o problema mudou drasticamente, apontando os fatores sociais, políticos ou tecnológicos que favoreceram essas transformações. Também é importante refletir sobre as **relações de poder envolvidas**, compreendendo quem teve (ou tem) o poder de definir o que é “normal”, “aceitável” ou “doentio” e como isso influenciou a vida das pessoas impactadas por esse problema.

Por fim, espera-se uma **conclusão crítica**, que sintetize as mudanças históricas nas formas de tratar o problema escolhido e reflita sobre como ele é compreendido atualmente. O aluno deve demonstrar capacidade de perceber que os problemas sociais **não são naturais nem eternos**, mas historicamente construídos, e que sua forma atual está ligada a disputas de poder, lutas sociais e transformações culturais. Essa atividade não busca apenas reconstruir o passado, mas também **compreender o presente** de forma mais crítica e engajada.

5. Corpos dóceis e espíritos aprisionados

Figura 10 – Árvore de Andry



Fonte: Nicolas Andry, [1741]

Imagine uma árvore que, desde pequena, é moldada por estacas, arames e apoios. Esses instrumentos servem para guiar seu crescimento, fazendo com que ela cresça reta, forte e de acordo com o formato desejado. Se a árvore começa a se inclinar para um lado ou crescer de forma "errada", as estacas são ajustadas para corrigir sua direção. O objetivo é que a árvore se torne exatamente como foi planejada, sem desvios.

Cada sociedade no mundo tem formas e "estacas" próprias, que são elaboradas e organizadas desde que nascemos para moldar o nosso comportamento. A esses conjuntos de procedimentos, Foucault dará o nome de **práticas disciplinares**. Nesse sentido, escolas, famílias, leis e instituições funcionam como "apoios" para que isso ocorra da melhor forma possível. Elas serão responsáveis por corrigir "desvios" e garantir que todos sigam um caminho considerado "certo" ou "adequado".

Desde a infância, são transmitidas a nós **regras e valores** considerados aceitáveis. Isso ocorre por meio de um processo chamado de **socialização**. Nos ensinam o que é certo e errado, e nosso comportamento é moldado para se encaixar nas expectativas da sociedade. Quando

alguém desvia dessas normas — seja cometendo um crime ou escolhendo se relacionar com alguém do mesmo gênero —, a sociedade aplica correções, como punições, críticas ou exclusão. Essas correções funcionam como os ajustes nas estacas da árvore, trazendo o indivíduo de volta ao caminho considerado aceitável.

Além disso, assim como a árvore é guiada para seguir um padrão específico, a sociedade busca padronizar comportamentos, incentivando as pessoas a seguir certos modelos de sucesso, beleza, moralidade e produtividade. Esses modelos servem como referências para o que é considerado "normal" ou "desejável", muitas vezes limitando a expressão da individualidade e da diversidade.

Michel Foucault trabalhou esse tema em seu livro chamado *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*, lançado em 1975 na França e traduzido para o português em 1987. Nesta obra, Foucault investiga como as sociedades ocidentais lidaram com a **punição** ao longo da história, desde a Idade Média até a Modernidade. Ele mostra que a forma de punir mudou radicalmente: de castigos públicos e violentos, passamos a um sistema de controle mais discreto e disciplinar.

Trata-se de um livro da fase **genealógica**, isto é, enquanto a arqueologia se concentrava em desvendar as estruturas históricas e os discursos que moldam o conhecimento em determinadas épocas, como vimos em *História da loucura na Idade Média*, a genealogia vai além, investigando as relações de poder, as lutas e os processos históricos que deram origem a essas estruturas e **discursos**.

Vigiar e punir é dividido em três partes. Na primeira, Foucault explica que as punições na Idade Média eram vistas como uma forma de reafirmar a ordem social e religiosa. Dessa forma, os criminosos eram punidos com **crueldade**, por meio de torturas e execuções. A dor e a humilhação serviam como exemplo para os outros, reforçando o poder das autoridades e intimidando a população.

Na segunda parte, ele analisa a transição da época Medieval para a Moderna, destacando algumas mudanças importantes, como a ascensão do Estado Moderno, o desenvolvimento do capitalismo e o surgimento das ciências humanas. Essas transformações levaram a uma nova forma de punição, baseada na disciplina e no controle, em vez da violência explícita.

Por fim, na última parte, Foucault examina a prisão como a instituição central da punição Moderna. Ele a considera um dispositivo de controle, cujo objetivo é moldar o comportamento dos indivíduos e, para isso, são utilizadas técnicas como a vigilância, a separação e o trabalho, que servem tanto para disciplinar os presos quanto para torná-los obedientes à ordem social.

Foucault conclui que a **punição** é, acima de tudo, uma forma de **exercer poder**. Ela não serve apenas para responder aos crimes, mas para controlar e disciplinar a população. A prisão, em especial, é uma ferramenta de controle social, cujo objetivo é "domesticar" os indivíduos, moldando seus corpos e comportamentos de acordo com as normas e valores dominantes da sociedade.

Quando falamos em vigilâncias, não estamos falando somente sobre seu aspecto principal, de observar, mas sim de criar a sensação de que estamos sempre sendo vigiados, o que nos leva a **nos controlar** e seguir as regras

por conta própria. Isso é exemplificado pelo conceito do panóptico, uma prisão idealizada por Jeremy Bentham, onde os prisioneiros não sabem se estão sendo observados, mas se comportam como se estivessem, internalizando o controle.

Na Modernidade, esse processo de **autocontrole** é fundamental para produzir **corpos dóceis**, os tornando obedientes, produtivos e controláveis através de técnicas como horários rígidos, treinamentos e vigilância constante. Isso pode ser visto em instituições como escolas, prisões, fábricas e hospitais, cujo intuito é criar pessoas que seguem as normas sem questionar. Esses "corpos dóceis" são úteis ao sistema, pois se adaptam às demandas da sociedade e contribuem para a manutenção da ordem.

5.1 O panoptismo

O panóptico serve como metáfora para esse tipo de poder difuso e invisível. Nas sociedades modernas, não precisamos de torres de vigilância físicas; a **sensação** de que podemos ser observados (por câmeras, leis, normas sociais, etc.) já é suficiente para nos fazer seguir as regras. Foucault argumenta que o poder moderno não é mais centralizado e visível, como no passado, mas está presente em todas as relações sociais, atuando de forma **descentralizada**.

O objetivo dessas técnicas de controle e disciplina não é apenas punir, mas **moldar** os indivíduos para que se tornem cidadãos obedientes e produtivos. No entanto, Foucault questiona se esse sistema realmente cumpre seu propósito de reforma moral e social. Ele sugere que, em vez de corrigir, a prisão e outras instituições disciplinares muitas vezes marginalizam os indivíduos, perpetuando o ciclo de exclusão e controle.



EXEMPLO DE PANÓPTICOS

Jeremy Bentham projetou o Panóptico como um modelo de prisão que seria mais eficiente e barato. A ideia era simples, mas genial:

1. **Estrutura circular:** a prisão teria um formato circular, com celas dispostas ao redor de uma torre central.
2. **Torre de vigilância:** na torre central, um único guarda poderia observar todos os prisioneiros ao mesmo tempo.
3. **Visibilidade constante:** os prisioneiros não conseguiriam ver o guarda na torre, mas saberiam que poderiam estar sendo observados a qualquer momento.

Bentham acreditava que essa estrutura faria com que os prisioneiros se comportassem melhor, já que nunca saberiam se estavam sendo vigiados. Além disso, o Panóptico seria mais barato, pois precisaria de menos guardas para controlar muitos prisioneiros.

O Panóptico não existe só em prisões. Ele aparece em muitos lugares do nosso dia a dia:

1. **Escolas:** professores e câmeras observam os alunos, e as provas avaliam quem segue as regras.
2. **Trabalho:** em escritórios e fábricas, chefes e câmeras monitoram os funcionários, e programas de computador medem sua produtividade.
3. **Hospitais:** médicos e enfermeiros monitoram pacientes, e prontuários registram tudo sobre sua saúde.
4. **Redes sociais:** plataformas como Instagram e Facebook rastreiam o que fazemos online, e algoritmos mostram conteúdo baseados no nosso comportamento.
5. **Condomínios e ruas:** câmeras de segurança e vigias monitoram quem entra e sai de prédios e espaços públicos.

5.2 Velhos problemas, novas abordagens

A ideia de produção de **corpos dóceis**, proposta por Michel Foucault em *Vigiar e Punir*, ganha novos contornos no contexto neoliberal, isto é, não se limita às instituições tradicionais, mas se expande para todos os aspectos da vida.

No cerne do neoliberalismo está a valorização da liberdade de mercado, da competitividade e da individualização. As pessoas são incentivadas a serem “empreendedoras de si mesmas”, isto é, responsáveis por seu próprio sucesso e bem-estar. No entanto, essa aparente liberdade vem acompanhada de novas formas de controle, que operam de maneira sutil e difusa. Uma das principais características desse sistema é a **autodisciplina**: os indivíduos são levados a internalizar as normas e a se controlar por conta própria, sem a necessidade de uma autoridade externa visível. Por exemplo, a pressão para ser produtivo, saudável e bem-sucedido leva as pessoas a adotarem rotinas rigorosas, dietas, exercícios físicos e práticas de *mindfulness*, tudo em nome da “melhoria pessoal”. Essa autodisciplina é vista como uma escolha individual, mas, na verdade, é uma resposta às expectativas sociais e econômicas impostas pelo sistema.

A cultura da performance é outro aspecto central desse sistema. As pessoas são constantemente avaliadas e comparadas, seja no trabalho, na escola ou nas redes sociais. Essa cultura exige que todos sejam sempre produtivos, competitivos e bem-sucedidos, criando uma sensação de que nunca é suficiente. Nas redes sociais, por exemplo, as pessoas são incentivadas a mostrar uma vida perfeita, com corpos esbeltos, carreiras de sucesso e relacionamentos felizes.

Essa busca constante por aprovação e validação é uma forma de controle que molda os comportamentos e as identidades.

O mesmo pode ser observado no mercado de trabalho, onde a flexibilidade é uma característica cada vez mais valorizada. Os trabalhadores devem estar sempre disponíveis, adaptáveis e dispostos a se reinventar. No entanto, essa flexibilidade leva à precarização do trabalho, com contratos temporários, falta de direitos trabalhistas e pressão constante por resultados. Profissionais freelancers ou em empregos informais, por exemplo, são incentivados a trabalhar longas horas, sem garantias de estabilidade, em nome da "liberdade" de escolher seus próprios horários.

Nesse contexto, as tecnologias digitais ampliam ainda mais essas formas de vigilância e controle. Plataformas como redes sociais, aplicativos de produtividade e dispositivos de monitoramento (como *smartwatches*) criam uma sensação de que estamos sempre sendo observados e avaliados. Os algoritmos das redes sociais, por exemplo, monitoram nossos comportamentos e preferências, criando bolhas de informação que reforçam nossas crenças e desejos.

Frente a essa realidade que parece dura e inalterável, Foucault nos dá caminhos possíveis para a mudança: segundo ele, onde há poder, há resistências. A esperança está na capacidade de questionar, agir e transformar as estruturas de controle, buscando uma existência mais autêntica e livre.

A **resistência** é inerente ao **poder**; ela está presente em práticas cotidianas, em pequenos atos de desobediência, questionamento ou subversão, como por exemplo, resistir a normas de gênero, desafiar práticas de trabalho

exploratórias ou criar formas de arte e cultura são maneiras de contestar o poder dominante.

Atividades

A partir da leitura realizada, responda as questões:

1) Você já se sentiu podado por ser ou agir de determinada maneira? Quem realizou essa ação sobre você? Relate essa experiência.

2) Você considera as regras e valores que a sociedade nos impõe como algo positivo ou negativo? Elas podem ser opressivas? Explique.

3) Como é possível resistir às forças nem sempre evidentes, mas muito bem definidas, que moldam nosso comportamento e nossas escolhas?

4) Qual a principal diferença entre o método arqueológico e o método genealógico, utilizado por Foucault em *Vigiar e punir*?

5) Por que Foucault considera a prisão um "dispositivo de controle"?

6) Quais são as técnicas utilizadas nas prisões para disciplinar os presos e torná-los obedientes?

7) Você acha que a prisão cumpre o objetivo de reformar os indivíduos, como propõe o sistema penal moderno? Por quê?

8) O que é o panóptico?

9) Cite exemplos de "panópticos modernos".

10) Foucault diz que "onde há poder, há resistências". Cite 5 exemplos de resistência ao poder hegemônico na história e os explique.

Gabarito

Na pergunta 1) o aluno deve relatar uma experiência pessoal em que sentiu que seu comportamento ou forma de ser foi reprimido, controlado ou julgado. É importante identificar quem exerceu esse controle (família, escola, amigos, sociedade etc.) e relacionar essa situação a uma forma de normatização ou disciplina, ainda que de forma intuitiva.

Já na pergunta 2) o aluno deve refletir sobre as normas sociais, mostrando que embora elas possam garantir alguma organização, também podem ser opressivas ao limitar a liberdade e impor modelos de conduta. Espera-se um posicionamento crítico sobre a ambivalência das regras sociais.

Na pergunta 3) o aluno deve apresentar formas de resistência a esses poderes que moldam comportamentos, mesmo quando não são evidentes. Pode citar exemplos como o ativismo, a arte, o debate público, práticas de desobediência civil ou simplesmente atitudes do cotidiano que rompem com expectativas sociais.

Por sua vez, na pergunta 4) espera-se que o aluno reconheça que o método arqueológico busca analisar como certos discursos se formaram historicamente, enquanto o genealógico investiga como práticas e saberes estão ligados a relações de poder e como essas práticas moldam subjetividades. A genealogia vai além da arqueologia ao incluir o corpo e as instituições como espaços de controle e resistência.

Enquanto na pergunta 5) o aluno deve demonstrar que a prisão, para Foucault, é um "dispositivo de controle" porque não apenas isola o indivíduo, mas o transforma através da vigilância constante, da disciplina e da normalização do comportamento. A prisão é símbolo de um poder que visa produzir corpos dóceis e úteis.

Na pergunta 6) o aluno deve citar técnicas como a vigilância contínua, a rotina rígida, a classificação dos presos, a observação constante (inspirada no panóptico), e os sistemas de recompensa e punição que moldam comportamentos.

Espera-se, na pergunta 7) uma reflexão crítica sobre a efetividade da prisão como instrumento de reeducação. O aluno pode argumentar que, na prática, a prisão tende mais a punir e excluir do que reintegrar, reproduzindo desigualdades sociais e estigmatizando os indivíduos.

Quanto a pergunta 8), espera-se que o aluno seja capaz de indicar que o panóptico é um modelo arquitetônico de vigilância, mas também um conceito que simboliza o poder que observa sem ser visto, fazendo com que os indivíduos se autocontrolarem. O que constitui uma peça central na crítica foucaultiana ao modo como o poder se internaliza.

Já na pergunta 9) O aluno deve identificar situações contemporâneas que funcionam como panópticos, como câmeras de segurança, monitoramento de redes sociais, controle escolar, aplicativos de produtividade, entre outros. É importante reconhecer o efeito disciplinador desses mecanismos.

Por fim, na pergunta 10) o aluno deve citar ao menos cinco exemplos históricos de resistência ao poder hegemônico, como:

- A luta de pessoas escravizadas contra o regime escravocrata;
- O movimento feminista;
- A resistência indígena à colonização;
- As revoltas estudantis de 1968. Espera-se uma breve explicação de cada exemplo, evidenciando a relação com o poder e a reação a ele.

ANEXO A
**EMENTA DO CURSO “OS CLÁSSICOS DA SOCIOLOGIA EM DIÁLOGO COM A
CONTEMPORANEIDADE”**



Disciplina: **Os Clássicos da Sociologia em Diálogo com a Contemporaneidade**

@tatiwitz

Docente: **Tatiana Bukowitz**

tatikawaii@hotmail.com

O desafio da didatização em diálogo com a pedagogia decolonial: afiar o olhar sobre a realidade

“Quando descobri a obra do pensador brasileiro Paulo Freire, meu primeiro contato com a pedagogia crítica, encontrei nele um mentor e um guia, alguém que entendia que **o aprendizado poderia ser libertador**. [] Eu tinha o desejo apaixonado de lecionar de um modo diferente daquele que eu conhecia desde o ensino médio. O primeiro paradigma que moldou minha pedagogia foi a ideia de que **a sala de aula deve ser um lugar de entusiasmo**, nunca de tédio. E caso o tédio prevalecesse, seriam necessárias estratégias pedagógicas que intervissem e alterassem a atmosfera, até mesmo a perturbassem. [...] Entrar numa sala de aula de faculdade munida da vontade de partilhar o desejo de **estimular o entusiasmo** era um **ato de transgressão**. Não exigia somente que se cruzassem as fronteiras estabelecidas; não seria possível gerar o entusiasmo sem reconhecer plenamente que as **práticas didáticas** não poderiam ser regidas por um esquema fixo e absoluto. Os esquemas teriam de ser **flexíveis**, teriam de levar em conta a possibilidade de mudanças espontâneas de direção. Os alunos teriam de ser vistos de acordo com suas particularidades individuais [...]. Qualquer pedagogia radical precisa insistir em que a **presença** de todos seja reconhecida, [...] o professor precisa **valorizar** de verdade a presença de cada um. Precisa reconhecer plenamente que todos influenciam a dinâmica da sala de aula, que **todos contribuem**. Essas contribuições são recursos. Usadas de modo construtivo, elas promovem a capacidade de qualquer turma de **criar uma comunidade aberta ao aprendizado**.”



bell hooks

(*Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*.
2019, pp. 15-18, grifos nossos.)

Roteiro de estudo em grupo ao longo do curso y orientações de elaboração dos trabalhos individuais de síntese e didatização:

A. Objetivos gerais do curso e das atividades individuais:

- 1 • exercitar a **didatização** original e autoral de abordagens clássicas da sociologia;
- 2 • criar **estratégias de avaliação** que articulem teoria sociológica com fenômenos sociais atuais;
- 3 • utilizar **princípios da pedagogia decolonial** em estratégias de didatização e de avaliação de aprendizado;
- 4 • pesquisar e selecionar **recursos didáticos complementares*** pertinentes a um tema, utilizando-os como meios de sensibilização, abordagem, compreensão, aprofundamento da aprendizagem;

* dados de pesquisas em forma de tabelas ou gráficos, reportagens de jornal, trechos de relatórios, imagens, charges, quadrinhos, poemas, letras de música, menção a filmes, obras de artes plásticas, trechos de entrevistas, vídeos amplamente acessíveis, episódios de podcasts, etc.
- 5 • organizar de **modo integrado** os quatro elementos acima em **um único documento** destinado à aprendizagem de estudantes da escola básica, visando a prática da pedagogia decolonial.

B. Objetivos específicos:

1 ♦ possibilitar que docentes em formação continuada exercitem a **didatização** de conteúdos da teoria sociológica clássica em **diálogo** com princípios da **pedagogia decolonial** e tendo como referência as perspectivas educacionais de bell hooks e Paulo Freire;

2 ♦ reconhecer **conceitos, métodos, teorias sociológicas** como ferramentas úteis de:

a) análise de **fenômenos sociais** atuais;

b) qualificação da **subjetividade** individual;

c) de **autonomização** dos sujeitos envolvidos nos processos educacionais de aprendizagem-ensino* (*inversão do termo é proposital);

3 ♦ relacionar o surgimento de conceitos, métodos, temas, teorias sociológicas com:

a) **contexto** sociopolítico, cultural, histórico em que foram criados;

b) **trajetória biográfica** de respectivo/as pesquisadores/as;

4 ♦ refinar a **leitura sobre fenômenos sociais** e ampliar o **léxico analítico** de educandos/as* visando **intervenções** libertárias no âmbito individual e/ou coletivo;

* todas pessoas envolvidas no processo educacional, docentes e discentes – já que adotamos princípios da educação freireana.

C. Descrição geral das tarefas do curso:

O curso foi estruturado para proporcionar **contato geral e introdutório** com a perspectiva teórica de cinco intelectuais: Émile Durkheim, Karl Marx, Max Weber, Pierre Bourdieu e Michel Foucault. Para isso, será utilizada a bibliografia descrita no item C2, a seguir. Agendaremos em sala, presencialmente, a disposição específica das leituras relativas a cada encontro e 2 estudantes responsáveis a apresentá-la oralmente, cada qual em uma fala de 15 a 20 minutos, no início da aula.

O texto indicado no item C1 é o texto obrigatório para a leitura do 2º encontro, e precede o estudo dos textos do item C2. Cada pessoa deve se preparar para apresentar oralmente, em até 5 minutos, uma síntese com as informações que considerou mais relevantes no texto C1.

Como tarefas práticas do curso, cada estudante deverá realizar **dois exercícios de didatização** referentes à literatura indicada nos itens C1 e C2, tal como indicado a seguir. Os recursos apresentados em C3 são considerados imprescindíveis para o curso, e também devem ser estudados por todas pessoas.

C.1. O primeiro exercício de didatização deve ser realizado por todos/as a partir do texto:

CANDAU, Vera Maria Ferrão; OLIVEIRA; Luiz Fernandes de. **Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil**, pp. 1-26.

<https://www.scielo.br/j/edur/a/TXxbbM6FWLJyh9G9tqvQp4v/abstract/?lang=pt>

C.2. O segundo exercício de didatização deve ser realizado a partir de um dos 10 textos de leitura obrigatória de nosso curso, à sua escolha, dentre os apresentados a seguir:

1. DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. Prefácio à segunda edição, pp. XV-XXV. Disponível em:

<https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/durkheim-c3a9-as-regras-do-mc3a9todo-sociolc3b3gico.pdf>

2. FILLOUX, Jean-Claude. **Émile Durkheim**. (Apresentação geral da obra de Durkheim, pp.11-37). Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4657.pdf>

3. MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**, pp. 1-21. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000042.pdf>

4. NETTO, José Paulo. **Introdução à obra de Marx**, pp. 1-29. Disponível em: <https://marxismo21.org/wp-content/uploads/2012/07/Introduc%C3%A3o-%C3%A0-obra-de-Marx-Jos%C3%A9-Paulo-Neto.pdf>

5. THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. **Max Weber: o processo de racionalização e o desencantamento do trabalho nas organizações contemporâneas**, pp. 1-22.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rap/a/rFvYFthDCqtFKqPZVBydTsH/?lang=pt&format=pdf>

6. NEUTZLING, Inácio. **Cadernos IHU em formação: Max Weber**, ano 1, nº 3, 2005, pp. 4-8; 17-22; 23-27. Disponível em:

<https://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/formacao/003cadernosihuemformacao.pdf>

7. CATANI, Afrânio Mendes. (2022). Desvelando formas arbitrárias de dominação: o trabalho sociológico de Pierre Bourdieu. **Educação & Sociedade**, 43, e268436. Disponível em:

<https://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep/article/view/1500/1239https://doi.org/10.1590/ES.268436>

8. RANGEL, Mary; MARTINS, Mirian Teresa; Resenha. BONNEWITZ, Patrice. Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu. Petrópolis: Vozes, 2003. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 89, n. 221, 30 jun. 2008. Disponível em:

<https://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep/article/view/1500/1239>

9. Ferreirinha, Isabella Maria Nunes; Raitz, Tânia Regina. As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas. **Revista de Administração Pública**, 44(2), 2010, p. 367-383.

Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/rap/article/view/6928/5495>

10. SILVA, Josué Pereira da. **Poder e direito em Foucault: relendo Vigiar e Punir 40 anos depois**, pp. 1-34. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ln/a/KHwwMH5p4B5GSGqgmCZ54mp/?lang=pt&format=pdf>

C.3. São fontes de estudo para o curso como um todo:

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista brasileira de ciências sociais**, Revista online, 2017, p. 1-18. Disponível em: [scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/?format=pdf&lang=pt](https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/?format=pdf&lang=pt). Acesso em: 12 jun. 2024.

TV UERJ. **O que é a pedagogia decolonial?** Rio de Janeiro: TV UERJ, 2018. 1 vídeo (3h 37min.) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pw8MqYauzc0>. Acesso em 4 mar. 2024.

D. Orientações gerais das atividades de produção didática (avaliação do curso):

1. Tratam-se de atividades de **avaliação** a serem realizadas **individualmente**. Casos excepcionais devem ser tratados com a docente – apresente sua demanda específica, caso haja alguma necessidade peculiar.

2. Realize as atividades em ambiente de estudo com concentração e calma, reserve para isso períodos de: leitura, síntese, sistematização, pesquisa e elaboração de atividades educacionais. Temos no Campus Centro uma biblioteca com rico acervo e computadores disponíveis para seu uso (funciona de 7hs às 21hs de segunda a sexta). A atividade deve ser **realizada por escrito, usando fonte Arial, tamanho 11, espaço simples**, com numeração de páginas embaixo à direita, em **arquivo de Word e ao fim, salva em PDF**. Tenha atenção para cumprir a formatação solicitada.

Por e-mail, envie a versão em *Word* e em PDF de cada uma das duas didatizações. Ao todo você enviará quatro arquivos por e-mail.

3. Entregue as duas estratégias de didatização até o dia agendado em aula (____/____/____) por e-mail (tatikawaii@hotmail.com) usando como título da mensagem, em caixa alta: "TRABALHOS PÓS 2024 – ESTUDANTE: XXXXXXXXXXXX".

Ao entregar os trabalhos, enviar mensagem para o nosso grupo de *whatsapp* (Clássicos em Diálogo 2024) informando / dando ciência de a entrega ter sido realizada. Vamos nos animar e nos apoiar coletivamente para que todos realizem as duas atividades, cada qual dentro de suas possibilidades, olhar e alcance, em respeito às individualidades, trajetórias educacionais e profissionais específicas. Após a entrega de todo grupo, se autorizarem, enviarei todas didatizações ao coletivo de estudantes.

Atrasos para a entrega e dificuldades na realização devem ser trazidos de imediato ao nosso coletivo via nosso grupo de *whatsapp* (Clássicos em Diálogo 2024) ou nos encontros presenciais, assim que houver qualquer tipo de demanda. Tudo é aprendizado para todo grupo.

4. O valor total de cada estratégia de didatização é **10 pontos**, ambas com mesmo peso, realizando-se média simples desde ambas notas obtidas.

E. Orientações específicas para a didatização dos dois textos a serem didatizados.

Confira os modelos em anexo, ao fim deste documento.

1. CAPA. Necessariamente, deve haver uma **capa** na qual devem constar os seguintes itens:

→ na parte superior da capa, redija um **título originalmente criado por você**. Este título deve expressar, em síntese, a **sua** perspectiva sobre o texto estudado, uma síntese do seu aprendizado ao realizar o estudo e/ou o propósito educacional específico de sua didatização de acordo com a proposta pedagógica que você vai elaborar. Este título deve vir em negrito, em caixa alta, centralizado, na parte superior da capa.

→ logo abaixo do título de seu trabalho, indique a **autoria** e o **título do texto estudado**, sintetizado e didatizado.

→ logo abaixo do título do texto estudado, pule uma linha e em seguida indique por escrito o **público alvo** de sua didatização, ou seja, explicita para que série / etapa da formação escolar e disciplina tal didatização está sendo realizada (ex.: Didatização para 1ª série de Ensino Médio).

→ na parte inferior da página, informe **sua identificação**: seu nome completo, matrícula, nome de nossa disciplina, nome completo da docente, data da finalização do trabalho.

2. SÍNTESE INDIVIDUAL DOCENTE. Em uma outra página, diferente daquela usada para a capa, comece a apresentar a 1ª etapa de sua didatização. Explicita isso com o subtítulo "**1ª Etapa de didatização – síntese de conteúdos significativos**". Este é o momento de você apresentar o **que foi relevante/significativo para si** quando do seu estudo do texto. O mesmo texto pode ter elementos de destaque diferenciados de acordo com quem o lê. Nesta 1ª etapa de didatização, está sendo solicitado que você apresente os elementos que você considerou mais relevantes desde a sua perspectiva **como docente** - apresente-os por meio de sua escrita autoral.

2.1. Abaixo do subtítulo "**1ª Etapa de didatização – síntese de conteúdos significativos**", liste por escrito, em **oito tópicos** numerados, os elementos que considerou mais relevantes deste texto estudado. Trata-se de um momento de síntese escrita. Necessariamente pule duas linhas entre um item e outro – este espaço entre os tópicos será usado para proporcionar uma melhor visualização dos aspectos de destaque e para anotação de comentários, quando da correção, se necessário. Se desejar, podem ser apresentados mais do que oito tópicos (numerando-os e seguindo a formatação solicitada).

2.2. Estude cada texto buscando identificar e assimilar os conteúdos, forma da construção textual, conceitos abordados, ideias, métodos de análise etc. - perceba o que **lhe** suscitou maior **interesse**.

→ **Sintetize tais conteúdos** por escrito em **oito tópicos** (ou mais, se quiser) que indicarão, na sua perspectiva, o **cerne do texto** estudado. Cada um dos oito tópicos pode ser composto de algumas frases, mas procure não exceder dois parágrafos para cada tópico. **Elabore** uma síntese sua, autoral.

→ Todas as frases desta síntese devem ser frases originais suas, frases formuladas por você, completas, bem redigidas, cujo conteúdo esteja bem organizado e explícito, de fácil compreensão.

→ Além dos oito tópicos, formule um breve texto de **conclusão** explicitando os vértices entre o conteúdo do texto estudado e **sua realidade** como pessoa, profissional, educador, estudante: que relações podem ser estabelecidos entre o teor do texto e a sua realidade social, cultural, política, educacional? Para você, qual o sentido de gastar seu tempo para estudar este tema?

3. DIDATIZAÇÃO PARA ESTUDANTES. Em uma nova página, comece a apresentar a 2ª etapa de didatização. Explícite isso com o subtítulo “**2ª Etapa de didatização – síntese de conteúdos para estudantes**”. Abaixo do subtítulo “**2ª Etapa de didatização – síntese de conteúdos para estudantes**”, apresente:

3.1. Um **título original** interessante, chamativo, instigante que anteceda o texto de didatização para estudantes (pode ser o mesmo título que você colocou na capa de seu trabalho - ou outro).

3.2. Um **texto original**, formulado por você, mas para ser **lido por estudantes**. Trata-se de um texto cujas linguagem e estrutura estejam adequadas à faixa etária e etapa de formação pertinentes (explicitadas por você na capa). O conteúdo deste texto para estudantes deve se aproximar do que foi apresentado por você nos oito tópicos de sua síntese, mas em forma de **TEXTO** e com linguagem adequada a tais estudantes. Selecione uma **imagem** pertinente para acompanhar o texto e **legende-a**.

Se possível, apresente uma **epígrafe** motivadora e impactante logo após o título e antes do texto original que você vai apresentar como recurso de estudo para o grupo discente.

3.3. Formule e apresente uma **atividade** (sistematização, pesquisa, avaliação, etc.) a ser **realizada pelos estudantes**. A tarefa deve dialogar com o texto elaborado por você. Tal tarefa a ser realizada pelos estudantes pode incluir, em seu enunciado, elementos tais como: dados de pesquisa, obra de arte, charge, tirinha, poesia, reportagem, letra de música, sinopse de filme/série, etc. Cuide para que as orientações e **comandos sejam bem explicados**, de fácil compreensão e realização ao público estudantil pertinente. Seja criativo e estimule a criatividade. Indicar se é individual, em dupla, trio, etc..

3.4. Formule e apresente o **gabarito** desta atividade e os objetivos da tarefa proposta (o que se espera que os estudantes sintam / compreendam / desconstruam ao realizar tal atividade).

3.5. Realize uma boa **REVISÃO FINAL** antes de entregar. Verifique **forma, conteúdo e adequação** às orientações acima solicitadas.

→ **IMPORTANTE:** procure que o texto de didatização para estudantes e a atividade proposta sejam úteis para **desarticular estruturas de colonialidade** (ou seja, que colaborem como crítica à colonialidade, valorizando a **autonomização de subjetividades, a humanização de processos educacionais e de espaços escolar**).

**“Que a gente possa aprender
a não ficar preso em nenhuma barragem.”**

ANEXO

Orientações de formatação dos trabalhos de didatização:

1. MODELO DE CAPA.

**Título originalmente criado por você:
em destaque, centralizado,
na parte superior da capa**

Autoria e o título da obra estudada,
sintetizada e didatizada.

Público alvo: explicitar o foco de sua
didatização, ou seja, indicar para que série /
etapa da formação escolar e disciplina tal
didatização está sendo realizada.

Seu nome completo, matrícula,
nome de nossa disciplina,
nome completo da docente,
data da finalização do trabalho.

2. MODELO DE SÍNTESE INDIVIDUAL DOCENTE.

**1ª Etapa de didatização:
síntese de conteúdos significativos**

Listar, em **oito tópicos** numerados (ou mais) os elementos que
considerou mais relevantes no texto estudado. Cada um dos
tópicos deve ser composto de frases completas.

- 1.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.
- 6.
- 7.
- 8.

Breve texto conclusivo / considerações finais:


3. MODELO DE DIDATIZAÇÃO PARA ESTUDANTES (pode ocupar de 1 a 4 páginas).

**2ª Etapa de didatização:
síntese de conteúdos para estudantes**

Título original centralizado em destaque

Epigrafe

Seu texto original
com linguagem adequada
a estudantes contendo
o resumo do conteúdo.



Legenda

Atividade para estudantes:

Gabarito da atividade*:

*Obs.. Se desejar, inclua aqui comentários a respeito de
pontuação desta atividade e seus critérios de correção, caso a
apresente como uma avaliação formal.

♥ Bom estudo e bom trabalho!

Me procure no zap se precisar:
21 988207770
Tatiana Bukowitz